INSTITUTO POLITÉCNICO DE BEJA

Escola Superior de Educação de Beja

Curso de Mestrado em Educação Especial –

Domínio Cognitivo e Motor

"O contributo da Expressão Plástica na promoção da Comunicação de crianças com Défice Cognitivo."

Patrícia Maria Guerreiro Silva Brás

Beja

2014

INSTITUTO POLITÉCNICO DE BEJA

Escola Superior de Educação de Beja

Curso de Mestrado em Educação Especial –

Domínio Cognitivo e Motor

"O contributo da Expressão Plástica na promoção da Comunicação de crianças com Défice Cognitivo."

Relatório de dissertação de Mestrado apresentado na Escola Superior de Educação de Beja do Instituto Politécnico de Beja

Elaborado por:
Patrícia Maria Guerreiro Silva Brás

Orientado por:
Professor Doutor José Pedro Fernandes

Beja

2014

Epígrafe

"Cada aluno não é apenas um número na sala de aula, mas um ser humano complexo, com necessidades peculiares.

Os professores fascinantes transformam a informação em conhecimento e o conhecimento em experiência. Sabem que apenas a experiência é registada de maneira privilegiada nos solos da memória, e somente ela cria avenidas na memória capazes de transformar a personalidade."

(Cury, 2006, p. 59)

Dedicatória

Aos meus, pelo carinho, força interior e espiritual.

A todos as crianças que me inspiram de uma forma especial.

Agradecimentos

Para começar… ao Professor Doutor José Pedro Fernandes, um agradecimento especial pelo privilégio de contactar com a sua sabedoria, competência para transmitir o seu conhecimento, pela sua disponibilidade no decorrer da orientação desta investigação bem como pela sua simplicidade e até sentido de humor que deram cor a horas um pouco cinzentas.

À minha filha e ao meu marido, agradeço todo o carinho, amizade, companheirismo e compreensão demonstrados nos piores e melhores momentos, enfim, por todo o seu apoio que tornou assim exequível a obtenção de mais um objetivo tão importante na minha vida.

À minha família agradeço todo o apoio que sempre me deram até hoje, e que sei que vão continuar a dar para que eu nunca desanime com as dificuldades da vida e para perseguir os meus sonhos…

Para terminar… e não menos importante, quero também agradecer a todos aqueles, que me apoiaram e ajudaram de forma direta ou indireta. Sei que são apenas palavras, e tal como afirmava Florbela Espanca "(…)ligo bem maior importância aos fatos do que às palavras por bonitas que sejam. Palavras são como as cantigas: leva-as o vento.", pois cada um em especial apoiou-me à sua maneira. Sinto-me muito satisfeita por ter tido a possibilidade de privar com pessoas tão sinceras, agradeço a todos de coração.

Resumo

A Expressão Plástica provoca grande interesse na generalidade das crianças. Este interesse tende a ser maior em idade Pré-escolar pois é nesta fase que a criança está mais predisposta a experimentar e vivenciar atividades ligadas à Expressão Plástica. Desta forma, procurou-se com esta pesquisa verificar quais os contributos da Expressão Plástica para a promoção da comunicação de crianças com Défice Cognitivo em contexto pré-escolar. Os fundamentos teóricos estabeleceram-se através de uma pesquisa bibliográfica de forma a esclarecer os conceitos essenciais inerentes à respetiva problemática.

A pesquisa deste projeto assumiu-se como uma investigação-ação, do tipo descritiva e interpretativa, em que se adotou uma metodologia qualitativa. Para a recolha de dados utilizaram-se instrumentos e técnicas, tais como a análise documental referente ao tema, entrevistas às Técnicas que acompanhavam a criança e observações naturalistas. No tratamento da informação recolhida, a técnica usada para a categorização e sistematização dos dados obtidos assentou na análise de conteúdo. Através do presente estudo foi possível confirmar que os contributos da Expressão Plástica são uma mais-valia para a promoção da Comunicação de crianças com Défice Cognitivo. Quando trabalhada em interdisciplinaridade com as outras áreas, estimula e promove o gosto pela escola e pelas aprendizagens e por consequência contribui para um maior desenvolvimento da Comunicação das crianças com Défice Cognitivo.

Palavras-chave: Expressão Plástica, Necessidades Educativas Especiais, Défice Cognitivo, Comunicação.

Abstract

The Plastic Expression arouses a big interest at the majority of childrens.This interest tends to be higher in pre -school age it is at this stage that the child is more prone to experiment and experience activities related to Plastic Expression.

Thus, we sought to verify that this research contributions of Plastic Expression to promote the communication of children with Cognitive Deficit in Preschool context. The theoretical foundations were established through a literature search in order to clarify the essential concepts inherent in the respective issue.

The research of this project was assumed as an action-research, descriptive and interpretive type, in which adopted a qualitative methodology. For the data collection instruments were used and techniques, such as document analysis on the topic, interviewing techniques that accompanied the child and naturalistic observations.

In the treatment of information collected, the technique used for the categorization and systematization of data was based on content analysis. Through this study it was confirmed that contributions from Plastic Expression is a great asset to promote the Communication of children with Cognitive Deficit.

When crafted interdisciplinarity with other areas, stimulates and promotes a love for school and for learning and consequently contributes to the further development of the communication of children with Cognitive Deficit.

Key words: Plastic Expression, Educational Special Needs, Cognitive Deficit, Communicatio

Abreviaturas e Siglas

- **AAIDD** - *American Association on Intelectual and Developmental Disabilities*
- **AAMR** - *American Association on Mental Retardation*
- **APA** - *American Psychological Association*
- **CNE** - **C**onselho **N**acional de **E**ducação
- **DA** - **D**ificuldades de **A**prendizagem
- **DC** - **D**éfice **C**ognitivo
- **DID** - **D**ificuldades **I**ntelectuais e **D**esenvolvimentais
- **EP** - **E**xpressão **P**lástica
- **NEE** - **N**ecessidades **E**ducativas **E**speciais
- **OMS** - **O**rganização **M**undial de **S**aúde
- **Prof** - **P**rofessor(a)
- **UNESCO** - ***U**nited **N**ations **E**ducational, **S**cientific and **C**ultural **O**rganization*

Índice

Pág.

Introdução.....13

PARTE I – MOTIVOS E OBJETIVOS DA INVESTIGAÇÃO 16

1. Explicitação do problema 16

2. Tipo de investigação 18

3. Justificação da investigação 19

4. Questões da investigação 20

4.1 Questão de partida 20

4.2 Subquestões.....20

5. Objetivos do trabalho 21

5.1 Objetivo geral 21

5.2 Objetivos específicos 21

PARTE II – FUNDAMENTOS TEÓRICOS 23

1.Necessidades Educativas Especiais……..23

2.Défice Cognitivo versus Dificuldades de Aprendizagem…….26

2.1.Causas – etiologia……..…29

3.Expressão Plástica……30

3.1.Criatividade……...33

3.2.Materiais e Técnicas……..34

4. Definição de Comunicação……..37

PARTE III – METODOLOGIA DE TRABALHO DE CAMPO 39

1.Contextualização do estudo.....39

1.1.Meio……...39

1.2.Centro Infantil……39

1.3.Grupo de Crianças……41

1.4.História compreensiva da criança……..42

2.Instrumentos de recolha de dados……43

2.1.Análise Documental……..43

2.2. Entrevista…… 44

2.3.Observação Naturalista……45

3. Aplicação de técnicas e instrumentos 45

3.1 Validação 46
3.2 Procedimentos 46
4. Tratamento dos dados obtidos 49
5. Interpretação dos resultados 52
5.1 Caraterização de uma criança com DC a nível social e relacional.....52
5.2 Caraterização de uma criança com DC a nível de aprendizagem 52
5.3 Momentos e situações do recurso à EP com uma criança com DC 53
5.4 Recurso à EP como meio de aquisição ou consolidação de aprendizagens 54
5.5 Atividades realizadas 55
5.6 Alterações no comportamentos com recurso à EP 56
5.7. Conceito de EP e Comunicação 58
5.8.Definição do Conceito de DC.....59
5.9. Contributo da EP para a promoção da Comunicação de crianças com DC.....60
Conclusões e Recomendações 62
Linhas emergentes de pesquisa 65

Fontes de Consulta.....67
1. Bibliográficas 67
2. Eletrónicas 73
3. Legislativas 74

Ìndice de Apêndices

Apêndices……..75
Apêndice 1 – Autorização para a realização da Investigação ao Conselho de Administração da Instituição……76
Apêndice 2 – Autorização para a recolha de dados junto do Encarregado de Educação……78
Apêndice 3 – Autorização para a recolha de dados junto da Equipa do SNIPI……..81
Apêndice 4 – Guião de entrevista para a Terapeuta Ocupacional e Educadora de Intervenção Precoce……86
Apêndice 5 - Guião de entrevista para o Diretor Técnico da Valência……...93
Apêndice 6 – Protocolo da entrevista (A1 – Educadora SNIPI)…….96
Apêndice 7 – Protocolo da entrevista (A2 – T. Ocupacional)…….100
Apêndice 8 – Protocolo da Entrevista (B – Diretor T.)……..104
Apêndice 9 – Observações naturalistas……...107
Observação1……106
Observação2……107
Observação3……108
Observação4……109
Observação5……110
Observação6……111
Observação7……112
Observação8……113
Observação9……114
Observação10…..……115
Observação11……116
Observação12……117
Observação13……118
Observação14……119
Observação15……120
Observação16……121
Apêndice 10 – Análise conteúdo das Entrevistas aos Técnicos……124
Técnica A1……125

Técnica A2……..127
Diretor (B)……...130
Apêndice 11 – Análise conteúdo das observações naturalistas……...133
Apêndice 12 – Fotografias das Observações naturalistas……138
Observação1……139
Observação2……144
Observação3……145
Observação4, 5……149
Observação6……158
Observação7……..165
Observação8……166
Observação9……170
Observação10……171
Observação11……173
Observação12……174
Observação13, 14……..184
Observação15……186

Índice de Anexos

Anexos……187
Anexo 1 – Comprovativo do apoio solicitado pelo Encarregado de educação……188
Anexo 2 – Avaliação Growingskills……190
Anexo 3 – Timpanograma……192
Anexo 4 – Avaliação Terapia da fala……194
Anexo 5 – Plano Individual de Intervenção Precoce……197

Introdução

O presente estudo realizou-se no âmbito do de mestrado Educação Especial - Domínio Cognitivo e Motor e tem como objetivo geral descrever e interpretar os contributos da Expressão Plástica para o desenvolvimento da Comunicação de alunos com Défice Cognitivo em contexto de sala de Pré-escolar.

A pertinência do estudo prende-se a vários fatores. Em primeiro, a escolha para abordar este tema resulta da motivação pessoal e do gosto pela Expressão Plástica, incentivado pela curiosidade em saber, de que forma a Expressão Plástica pode contribuir no desenvolvimento da Comunicação de alunos com Défice Cognitivo em contexto pré-escolar.

A escolha por esta problemática deve-se ao facto de ir ao encontro da necessidade e à realidade que se vivia na sala de aula onde o estudo foi realizado, pois uma das crianças apresentava Défice Cognitivo, pelo que, considerou-se ser um motivo indiscutível, dada a sua pertinência.

As crianças com Défice Cognitivo ou, para empregar uma expressão mais recente, com Dificuldade Intelectual e Desenvolvimental, são geralmente caracterizadas por apresentarem limitações consideráveis no funcionamento intelectual e no comportamento adaptativo, mais expressamente no domínio conceptual, social e prático, isto é, nas competências adaptativas que se apresentam antes dos 18 anos (Belo, Caridade, Cabral & Sousa, 2008).

Após a justificação da escolha do tema, importa apresentar a questão de partida, que se enuncia do seguinte modo: Quais os contributos da Expressão Plástica no desenvolvimento da comunicação de alunos com Défice Cognitivo em contexto de sala de pré-escolar?

Deste modo, deseja-se alargar o conhecimento e proporcionar uma melhoria da intervenção pedagógica através da sensibilização da comunidade educativa e principalmente dos professores para esta área que é pouco explorada. Como refere Sousa (2009):

"Interessa que uma investigação ultrapasse as fronteiras do conhecimento actual, avançando em áreas pouco conhecidas, desbravando novos conhecimentos, […] que

sejam úteis a toda a humanidade, a uma nação, a uma ciência ou apenas a um grupo específico de sujeitos." (p.12)

O presente projeto está organizado por partes. A primeira parte descreve o ponto de partida para o desenvolvimento do trabalho e corresponde às causas e objetivos da pesquisa, na qual, se explica o problema. Depois é feita a caracterização do tipo de investigação, a qual diz respeito a investigação-ação, sendo este um estudo sobretudo de caráter qualitativo. De seguida é apresentada a fundamentação da investigação. As questões de investigação servem para esclarecer o conhecimento que se pretende alcançar com o estudo desenvolvido, definindo-se a questão de partida e as subquestões. Neste contexto são expostos os propósitos do trabalho – objetivo geral e objetivos específicos.

Na segunda parte – Fundamentos teóricos - , apresenta-se a concetualização; os antecedentes; que em analogia com a situação problema se desdobra em subtítulos. Inicialmente começa-se por definir e contextualizar o conceito Necessidades educativas especiais. Posteriormente enfoca-se o conceito Défice Cognitivo, nomeadamente, a nova definição - Dificuldade de Aprendizagem, as causas e a etiologia inerente à mesma. De seguida, passa-se a explicitar, definir o conceito Expressão Plástica, bem como outros inerentes a este, tais como Criatividade, Materiais e Técnicas. Por último procede-se à definição do conceito Comunicação.

No que diz respeito à terceira parte – Metodologia de trabalho de campo - , esclarece-se qual a amostra do estudo, os instrumentos de recolha de dados, a aplicação de técnicas e instrumentos. Aqui também se apresenta o tratamento dos dados obtidos e a respetiva interpretação dos resultados.

Para concluir, dá-se a conhecer as conclusões e recomendações, onde são evidenciados os passos fundamentais para a realização dos objetivos e os aspetos importantes tratados na pesquisa que possam ser considerados como acréscimos científicos para um maior esclarecimento do conhecimento sobre a problemática estudada. Tecem-se ainda algumas notas sobre a necessidade de linhas emergentes de pesquisa, que poderão dar corpo a futuras propostas de pesquisa. Por último apresentam-se as fontes de consulta

que deram suporte ao trabalho efetuado, bem como os apêndices e os anexos, documentos que auxiliam a perceção do mesmo.

Parte I – Motivos e Objetivos da Investigação

Esta primeira parte do trabalho estrutura-se da seguinte maneira:

1. esclarecer a problemática,
2. determinar o tipo de investigação,
3. comprovar a importância da investigação justificando a mesma e,
4. apresentar as questões de investigação e os objetivos do trabalho.

De acordo com Sousa (2009), dá-se início a uma investigação porque "há necessidade de se procurar esclarecer uma dúvida, de responder a uma pergunta […] procurando-se sempre chegar a resposta de maior rigor. […] O seu objetivo centra-se em procurar conhecimentos que sejam úteis para o aumento do bem-estar humano." (p.12). É pois, como investigador, e principalmente como educador, que se procura o conhecimento, o saber essencial não só para promover o desenvolvimento da criança, como também o do próprio investigador. Nada é estanque, e o que para uns é dado adquirido, para outros, é a "sede constante de saber", de tentar ajudar não só a ele próprio como também os outros, neste caso mais específico, crianças, que precisam dos alicerces, para serem os homens de amanhã.

1. Explicitação do problema

"O problema é o objetivo da investigação, a meta que se pretende atingir, a pergunta científica para o qual procuramos resposta."(Sousa, 2009, p.44)

Segundo Quivy e Campenhoudt (2003), o esclarecimento do problema "[…] é precisar a sua forma pessoal de pôr o problema e de lhe responder, embora se inscreva num quadro teórico lucidamente seleccionado" (p.102). Também estes mencionam que a explicitação da problemática possibilita ter perceção das pretensões iniciais e limitá-las. Aqui, por vezes, pode ser necessário reformular a questão de partida.

Nesta perspetiva, Sousa (2009) diz que refletir sobre a investigação é uma fase em que se considera a necessidade de ponderar e ter em consideração questões, das quais duas são essenciais: o "[...] "porquê" e "para quê" da investigação." (p.47). Para responder a

estas perguntas deve-se primeiramente nomear uma temática que nos motive, que nos suscite interesse em desenvolver, e por último quais os aspetos específicos que se pretende analisar. Nesta etapa, deve-se ler e refletir de forma a conseguir-se partir do geral para o particular, ou seja, partir de um domínio que nos interesse e que se pretende indagar bem como conseguir identificar a temática, para posteriormente se escolher uma metodologia de estudo quantitativo, qualitativo ou até qualitativo-quantitativo. (Sousa, 2009).

De acordo com Bogdan e Biklen (1994), o investigador deve ser prático. Assim, o tema selecionado deve fazer parte do seu dia-a-dia e a escolha do estudo deve envolver sempre ter acesso aos sujeitos incluídos na investigação.

O problema é o ponto de partida de qualquer pesquisa. Assim, a escolha de investigar esta temática resulta de uma preocupação, motivação, necessidade e curiosidade em conhecer de uma forma mais sustentada a problemática em estudo e desta maneira alargar os conhecimentos, pois a vida é uma aprendizagem constante e, de acordo com Arends (1999):

"[…] tornar-se competente, não importa em qual atividade, leva muito tempo. […] É necessário muito voluntarismo alimentado pelo desejo de perfeição; é necessário compreender que aprender a ensinar consiste num processo de desenvolvimento que se desenrola ao longo de toda a vida." (p.19)

É de salientar que uma das grandes preocupações que levaram à opção por este trabalho foi o facto de se verificar que na educação Pré-escolar se recorre muito à Expressão Plástica [EP], mas sem ter consciência do quanto esta pode ser benéfica para o desenvolvimento da criança. quando os alunos de ambos os ciclos manifestam imensa satisfação e prazer em realizar e desenvolver este tipo de atividades. Parafraseando Sousa (2003a) "A arte é em geral considerada uma perda inútil de tempo. Nas escolas não há espaços adequados destinados a estúdios de arte, as artes têm pouca ponderação nos currículos da escolaridade geral […]." (p.81).

Através da observação atenta do quotidiano, analisou-se o caso de necessidades educativas especiais (NEE) na sala onde se leciona há seis anos e com o grupo de crianças que acompanha há dois anos e constatou-se que existe uma criança com Défice Cognitivo (DC). A par da experiência relacionada com a Expressão Plástica desde

sempre, se sentiu uma preocupação de melhorar, aperfeiçoar e promover um desenvolvimento educativo, social e inclusivo junto de todos as crianças e em especial da que foi diagnosticada com DC.

A partir desta reflexão surge a problemática, a qual se prende, por um lado com o interesse que as Expressões, particularmente a Expressão Plástica, provoca na generalidade das crianças e, por outro, o gosto pessoal pela EP, nas suas várias vertentes, colagem, moldagem, desenho, pintura, etc.. Mas se este facto é, por si só desejável para as crianças em geral, é ainda mais significativo para as crianças com disfunções cognitivas, já que estas, pela natureza da sua tipologia, se sentem mais à vontade em atividades de manuseio motor, que é o caso da Expressão Plástica, do que em atividades de carácter abstrato, ou simbólico.

2. Tipo de investigação

Em consonância com o que se deseja desenvolver no presente projeto, o qual incide na importância da expressão plástica para o desenvolvimento da comunicação de uma criança com défice cognitivo, o modelo de investigação a ser utilizado é o de investigação-ação, sendo este um estudo de caráter qualitativo.

Assim, e segundo Leite et al (1989) "a Investigação-ação é uma metodologia caracterizada por uma permanente dinâmica entre a teoria e a prática em que o investigador interfere no próprio terreno de pesquisa, analisando as consequências da sua ação e implicação." (Leite, 1989:151)

Existe uma relação estreita entre a investigação e a ação, pois uma complementa a outra, a teoria com todos os seus pressupostos, leva a uma verificação na prática e consequentemente a prática leva a uma análise ou reanálise da teoria.

"O objetivo dos investigadores qualitativos é o de melhor compreender o comportamento e experiências humanos" (Bogdan & Biklen, 1994, p.70). Ou seja, pretendem compreender o processo que cada pessoa desenvolve para construírem significados e descrevê-los. Assim, desta definição nasce a noção de que o objetivo final desta investigação-ação é o de obter uma alteração social através da investigação.

De acordo com Moreira (1994), a parte fundamental dos métodos de pesquisa qualitativos assenta na apreciação dos atores incluídos, na sua perspetiva e «visão do mundo».

Este será um projeto de investigação-ação que resultará de um estudo de caso, em que serão adotadas metodologias de índole qualitativo.

Perante a análise dos dados recolhidos neste estudo, pretende-se descobrir referências que fundamentem a relevância da expressão plástica no desenvolvimento e aperfeiçoamento da comunicação da criança com Défice cognitivo.

3. Justificação da investigação

Para efetuar a justificação da presente investigação recorre-se a Sousa (2009), o qual afirma:

"Desde os alvores da humanidade que o homem procura conhecer o mundo em que vive e compreender a natureza dos fenómenos que o rodeiam. A experiencia prática obtida através do ensaio-e-erro, o raciocínio lógico com que analisa mentalmente as situações vivenciadas e a investigação, a procura do desconhecido, têm sido os principais meios utilizados pelo homem para procurar a informação de que necessita para alargar os seus conhecimentos." (Sousa, 2009, p.11)

Desde sempre a Expressão Plástica (EP) faz parte do quotidiano e na Educação Pré-escolar, um dos objetivos do dia-a-dia é «chegar» a todos os alunos. Assim, houve a necessidade de se analisar a criança com DC da sala onde se trabalha desde 2008 e a importância da EP para o desenvolvimento da Comunicação da mesma. Esta problemática veio enaltecer a preocupação em descobrir soluções relativamente a estas crianças que revelam dificuldades ao nível do seu desenvolvimento educativo, social e relacional e, consequentemente, maior dificuldade na sua inclusão.

Considera-se ser bastante importante investigar o conhecimento nesta área pois são poucos os estudos que incidem sobre esta temática. Desta forma, pretende-se contribuir com conhecimento que seja inovador e muito vantajoso para as crianças com DC, para

os professores que trabalham com estes ou que poderão vir a trabalhar, para os seus colegas, pais e família, em suma, toda a comunidade educativa e sociedade onde os mesmos estão incluídos. Assim, com esta investigação pretende-se averiguar a relevância da Expressão Plástica na promoção da Comunicação de crianças com Défice Cognitivo através da opinião de quem trabalha diretamente com estes, ou seja, o educador, técnicos bem da observação realizada ao longo das atividades.

Por fim e para complementar a justificação da investigação e com inspiração na frase supracitada do autor Cury (2006), o ser humano não sabe tudo, pelo que pretende-se adquirir novos saberes através desta pesquisa, para que futuramente, estes possam contribuir de forma benéfica para comunidade educativa.

4. Questões de investigação

4.1. Questão de partida

Para ilustrar a definição de questão de partida recorre-se a Quivy e Campenhoudt (2003) que afirmam que a pergunta de partida consiste em começar a estruturar o projeto de pesquisa, isto é, através desta o pesquisador tenta exprimir da maneira mais exequível o que deseja saber, elucidar e compreender melhor. Tal, significa que é em torno desta que a investigação se vai desenvolver.

Desta forma, a questão de partida do presente trabalho é a seguinte: qual a importância da Expressão Plástica na promoção da Comunicação de crianças com Défice Cognitivo?

4.2.Subquestões

De acordo Quivy e Campenhoudt (2003) a objetivo dos investigadores não é sobretudo descrever, mas igualmente compreender. Assim, existe uma necessidade de colocar subquestões de forma a orientarem e ajudarem na compreensão, bem como seguir uma linha condutora para chegar à resposta da pergunta de partida. Seguem-se então as subquestões:

A) Como se caracteriza uma criança com DC a nível académico?

B) Como se caracteriza uma criança com DC a nível sócio e relacional?

C) Em que momentos e situações se recorre à EP com uma criança com DC?

D) O que se pensa sobre o recurso à EP como meio de aquisição ou consolidação de aprendizagens em crianças com DC?

E) A que tipo de atividades de EP se recorre para melhorar o desenvolvimento educativo de crianças com DC?

F) Quais as alterações comportamentais que se verificam nas crianças com DC quando se recorre à EP nas suas sessões.

G) Qual a opinião sobre o conceito de Expressão Plástica e Comunicação?

H) Em que medida se considera que a EP contribui para a promoção da Comunicação de crianças com DC?

5. Objetivos do trabalho

5.1.Objetivo geral

Para Quivy e Campenhoudt (2003) o objetivo da investigação é o de responder à pergunta de partida, como tal, apresenta-se o objetivo geral que consiste em:

A. Descrever os contributos da Expressão Plástica para o desenvolvimento da Comunicação de alunos com Défice Cognitivo em contexto de sala de Pré-escolar;

B. Interpretar os contributos da Expressão Plástica para o desenvolvimento da Comunicação de alunos com Défice Cognitivo em contexto de sala de Pré-escolar.

5.2.Objetivos específicos

Para além deste estudo, pretende-se também observar, analisar e contextualizar outras questões relacionadas com a presente temática de forma a dar resposta a outros objetivos, tais como:

Conhecer o processo de inclusão das crianças com Défice cognitivo;

Reconhecer na Expressão plástica o modo como a criança com Défice cognitivo se pode exprimir;

Criar estratégias e atividades no Domínio da Expressão plástica com e para uma criança com Défice cognitivo em contexto de sala pré-escolar;

Aplicar estratégias e atividades no Domínio da Expressão plástica com e para uma criança com Défice cognitivo em contexto de sala pré-escolar;

Descobrir a relevância da Expressão plástica no desenvolvimento da Comunicação em crianças com Défice cognitivo;

PARTE II - Fundamentação Teórica

1.Necessidades Educativas Especiais

Através dos passos da integração, o conceito NEE faz a sua primeira caminhada pelo relatório Warnock Report (1978).

A organização e funcionamento da Educação Especial foram revistos em vários países através do relatório Warnock. Assim, através deste foram sintetizados os princípios básicos que orientaram a Educação Especial, nomeadamente, a transição em que a criança com NEE era considerada com defeito para um modelo de escola Inclusiva. Neste também era defendido que tanto os objetivos como as finalidades são comuns a todas as crianças. Porém, o que se torna também diferente é o apoio necessário atribuir a cada uma delas. (Baptista, 1999)

Assim, é relevante afirmar que este relatório propôs uma nova conceção educativa para crianças com NEE, em que os objetivos traçados deveriam ser equivalentes, quer se tratasse de uma criança com ou sem NEE, apenas diferindo os meios, o apoio que era necessário dar. Este é o verdadeiro significado de Inclusão.

De acordo com Jiménez (1997), este relatório, serviu de inspiração mais tarde à nova lei de Educação de 1981, na Grã-Bretanha. Neste, o conceito de necessidade educativa especial, tal com mostra a referida lei, é conectado como um conceito precioso.

Este surge quando a criança tem uma dificuldade mais evidenciada do que os restantes colegas da sua faixa etária, ou que sofre de uma incapacidade que a impede ou dificulta o uso das instalações educativas que os seus colegas utilizam. (Jiménez, 1997).

Em analogia com o referido, Coll, Palacios & Marchesi, defendem que uma criança com NEE ao longo do seu percurso de escolarização apresenta dificuldades de aprendizagem exigindo uma atenção e recursos educacionais específicos, mais do que os são utilizados em colegas da mesma idade. (1995)

Pode-se então afirmar que NEE resulta de uma dificuldade na aprendizagem que pode surgir durante o período escolar da criança, a qual pode necessitar de meios e formas de ensino/aprendizagem mais específicos.

Também é referido por Sanches (1996), que NEE é quando a criança necessita de um complemento educacional extra e diferente. Este complemento diz respeito à resposta específica baseada em normas pedagógicas e educativas, cujo objetivo é o de promover o desenvolvimento global da criança, utilizando todo o seu potencial, tornando-a autónoma.

Desta forma, a resposta para além de ser específica, deve ter como base critérios pedagógicos e educativos, que possibilitem o desenvolvimento e educação do aluno no seu todo, preparando-o para a sua vivência em comunidade.

A mesma autora refere NEE não são sinónimo de deficiência intelectual e/ou física. Todo o ser humano, em determinada altura da sua vida, apresenta dificuldades no seu desenvolvimento, necessitando por vezes de meios adicionais para colmatar a mesma. (Sanches, 1996).

Pode-se afirmar que se está de acordo com a autora, pois todo o ser humano, em determinada altura da vida, apresenta dificuldades no seu desenvolvimento, necessitando por vezes de meios adicionais para colmatar a mesma.

Assim, o conceito de NEE abrange as dificuldades na aprendizagem resultantes de disfunções numa ou mais competências de aprendizagem, nomeadamente sensorial, cognitiva, motora. Desta forma torna-se relevante mencionar os recursos educacionais, pois é essencial um maior número de professores ou especialistas, mais material didático e a eliminação de barreiras arquitetónicas. Também é de salientar, a necessidade de existência de competência e profissionalismo por parte dos professores bem como a capacidade de preparação de toda a burocracia própria das NEE de cada criança, e a existência de meios e recursos materiais e pessoais para que uma equipa multidisciplinar possa atuar perante as necessidades educacionais o mais eficazmente possível. (Coll et al.,1995)

O conceito de NEE é muito abrangente, podendo ir desde dificuldades cognitivas, às sensoriais e motoras. Desta forma, para que a criança possa desenvolver-se na sua plenitude é pertinente que o sistema educativo ofereça um vasto leque de professores e especialistas, material adequado às suas necessidades e que a equipa trabalhe em sintonia, em prol da criança, do ser humano.

Correia (2003) afirma que, os alunos com NEE são os que apresentam caraterísticas específicas, podendo os mesmos necessitar de apoio dos serviços de educação especial, durante o percurso escolar.

De facto, a criança, jovem pode necessitar destes serviços, equipa multidisciplinar durante só uma parte da sua escolaridade, como também durante toda, potenciando e desenvolvendo-o de uma forma holística.

Em 1994, a Declaração de Salamanca também contribuiu para definir o conceito NEE. Assim, NEE diz respeito a crianças e jovens que apresentam dificuldades e/ou deficiências escolares num determinado momento. (UNESCO, 1994).

Para além de todos os documentos relevantes para a definição do conceito NEE e consequentes inclusão de crianças e jovens com NEE, também a Declaração de Salamanca deu um grande contributo.

Também em Portugal, as NEE são contempladas nos termos do Decreto-Lei n.º 3/2008, de 7 de Janeiro, art.º 1º, n.º 1, na medida em que:

"(…) define os apoios especializados a prestar na educação pré-escolar e nos ensinos básico e secundário dos sectores público, particular e cooperativo, visando a criação de condições para a adequação do processo educativo às necessidades educativas especiais dos alunos com limitações significativas ao nível da atividade e da participação num ou vários domínios de vida, decorrentes de alterações funcionais e estruturais, de carácter permanente, resultando em dificuldades continuadas ao nível da comunicação, da aprendizagem, da mobilidade, da autonomia, do relacionamento interpessoal e da participação social."

Contudo e de acordo com Correia (2003) não se deve utilizar o termo NEE de forma precipitada, pois estar-se-ia a banalizar o verdadeiro conceito, bem como a criança a ele adjacente.

Assim, é importante que não se banalize o conceito de NEE, pois ao irmos de encontro ao conceito, de que todas as crianças em determinada altura da vida apresentam dificuldades na aprendizagem, estamos a catalogar e de certa a forma a manipular a comunidade educativa.

2.Défice Cognitivo Versus Dificuldades de Aprendizagem

Quando se fala em Défice Cognitivo está-se a falar em conceitos como deficiência mental, programas educativos, aprendizagem por etapas, funcionalidade, áreas fortes e áreas fracas da criança ou aluno em questão.

De acordo com Belo, Caridade, Cabral e Sousa (2008), o conceito de deficiência intelectual ou de dificuldades intelectuais abrange três conceitos essenciais. O primeiro conceito, dificuldades, faz referência às limitações que a criança detém em conformidade aos seus pares quando atua em comunidade. As dificuldades têm que ser adaptadas de acordo com o contexto e os fatores pessoais, como as necessidades de apoios individualizados. Estes são muito importantes, pois auxiliam no funcionamento, bem-estar, autodeterminação e consequentemente levam a uma melhor qualidade de vida. O segundo conceito diz respeito à inteligência, a qual envolve a capacidade de pensar, planear, compreender, aprender e resolver problemas. O terceiro e último conceito, o comportamento adaptativo, o qual inclui as competências categoriais, práticas e sociais que possibilitam às crianças a capacidade de atuar no dia-a-dia. Se as limitações presentes neste último conceito forem acentuadas, irão comprometer o poder de resposta a situações particulares ou ao contexto.

Com o progresso ao longo dos tempos, também os conceitos foram progredindo, tais como por exemplo, o retardo mental, a deficiência mental, o Défice Cognitivo, a deficiência intelectual e com a associação do termo desenvolvimental com dificuldade intelectual. Surge então um conceito mais amplo, designado por dificuldades intelectuais e desenvolvimentais (DID). (Belo et al., 2008).

Segundo os autores Belo et al., (2008) e de acordo com a definição de AAIDD, DID caracteriza-se por limitações no funcionamento intelectual e adaptativo inferior à média, o que requer a utilização de apoios individualizados, tendo em consideração o contexto onde as crianças e jovens se encontram inseridos bem como as suas áreas fortes. Desta forma, com os apoios individualizados adequados às suas necessidades, as crianças e jovens com DC poderão melhorar a sua qualidade de vida.

Em 2002 a AAIDD veio clarificar que a DID se manifesta antes dos 18 anos de idade. (Belo et al., 2008).

As crianças e jovens com DC ou DID apresentam determinadas limitações no seu funcionamento intelectual e no comportamento adaptativo, designadamente no domínio prático, social e conceptual, isto é no exercício de tarefas, tais como: a comunicação, cuidado pessoal e de relacionamento social. Estas limitações levam a um ritmo de aprendizagem e de desenvolvimento mais lento. A maneira como percecionam o mundo que os rodeia e os objetos reflete-se na comunicação, na socialização, na autonomia, na consciência de si própria, na compreensão e resolução de problemas. Por consequência, as crianças com esta problemática têm dificuldade em entender os conhecimentos importantes do meio, em memorizar, em expressar-se ou em idealizar novos conhecimentos. Como é de pressuposto, estas crianças têm dificuldades na escola, contudo, aprendem, necessitam é de mais tempo para tal. Considerando as dificuldades que apresentam no seu desenvolvimento global, é importante oferecer-lhes um ambiente de aprendizagem favorável, que as ajude a deixar a postura desinteressada de recetores de informação. (Alves, Faria, Mota & Silva, 2008).

Este conceito ao longo dos tempos sofreu grandes alterações, o que acabou por clarificar o mesmo. Assim, e de acordo com os autores referenciados, DID tornou-se hoje um conceito mais explícito. A criança, jovem já não é visto como um retardado, mas sim como um ser que possui algumas limitações que conduzem o seu desenvolvimento e aprendizagem a um nível mais lento. É pertinente, que se respeite o ritmo de cada um, proporcionando ao mesmo tempo atividades que estimulem a criança.

Nielsen (1999) afirma que é comum que estas crianças apresentem dificuldades no campo da memória a curto prazo. Por causa deste défice, o processo de aprendizagem é mais lento. Existe uma falta de repetir constantemente o que foi ensinado, visto que estas crianças podem ter dificuldade em recordar o que lhes foi transmitido no dia anterior. Estas crianças não conseguem aplicar as aprendizagens no seu quotidiano.

De uma forma geral as crianças com DC exibem comportamentos sociais próprios de crianças mais jovens. As suas desordens são expressas de forma infantil. As suas competências a nível linguístico e da oralidade podem mostrar um nível mais baixo do que as demais crianças da sua idade. Assim, podem ter dificuldade em criar enunciados assinalados pela complicação, bem como dificuldade em acompanhar instruções difíceis. As crianças que apresentam DC ou DID tendem a desenvolver as suas competências sociais, vocacionais, e académicas de forma diferente, dependendo do

grau dessa mesma desigualdade. O facto de a competência intelectual e as capacidades sociais destas crianças serem menos desenvolvidas, pode comprometer a aceitação das mesmas por parte dos colegas.

Para estas crianças, deve-se ter em atenção a funcionalidade do que lhe é ensinado. De acordo com Vieira e Pereira (1996), a seleção dos conteúdos deve ser feita de forma consciente. Estes devem facilitar a vida da criança na comunidade em que se encontra inserida, quer no presente quer no futuro.

Através de um diagnóstico correto consegue-se criar um programa individualizado tendo como finalidade a promoção da autonomia e não somente uma classificação das dificuldades.

Assim, a escola não pode nem deve colocar o programa ou os métodos em primeiro que a criança. O objetivo da escola é proporcionar a todas as crianças sem distinção, e em conformidade com os seus biorritmos, o desenvolvimento máximo das suas capacidades e a satisfação do conhecimento adquirido pela experiência social.

A escola, os professores devem contribuir para que estas crianças passem por situações em que se sintam aptas e estimuladas e se façam programas de ensino onde estejam visíveis atividades de carácter lúdico e que vivenciem por experiências sensoriais para que muitas das suas limitações sejam minoradas e acima de tudo otimizar as suas competências.

Para Fonseca (2008), a falta de sucesso ao longo do percurso escolar, reflete-se quer na criança e na sua família bem como na restante comunidade educativa. Desta forma os agentes educativos devem procurar um processo de aprendizagem pautado pela ludicidade e emoção, os quais são os alicerces para alcançar o sucesso.

Pensa-se que é importante ir sempre de encontro à ludicidade das atividades, ainda mais quando diz respeito a crianças em idade pré-escolar, pois as aprendizagens devem ter uma conotação lúdica, em que o brincar e aprendizagem andam de mãos dadas, fazem parte de um todo, o desenvolvimento da criança, psico-bio-social.

O objetivo fundamental do trabalho com este tipo de crianças é o definir estratégias pedagógicas adaptadas à mesma e ao seu meio. Como tal, a seleção dos conteúdos deve-se ter em atenção a utilidade e interesse dos mesmos para a vida da criança como

membro de uma comunidade, tendo em conta o presente e futuro próximo. (Vieira e Pereira ,2007)

Assim, pretende-se que os objetivos sejam funcionais com o intuito que a criança se torne o mais independente possível. Estes devem ser selecionados de acordo com o grau de interesse (partindo do mais para o menos importante) e do mais simples para o mais complexo. O mais importante é verificar o que a criança é capaz de realizar no presente e o que lhe é mais vantajoso para aprender. (Vieira e Pereira, 2007)

Para estas crianças deve-se de selecionar objetivos que lhes sejam úteis na sua vida diária; que aumentem a sua capacidade de participação social; respeitem a sua idade cronológica bem como as motivações da criança e da sua família.

Todos os objetivos, competências que se deseje que a criança atinja, devem ser os mais funcionais, quer para o presente quer para o futuro, tornando a criança mais independente, e capacitiva na comunidade em se insere.

2.1.Causas – Etiologia

Não se pode atribuir uma única causa à origem da DID pois, de acordo com vários autores, a sua etiologia resulta de múltiplos fatores.

Os fatores que podem originar DID dividem-se em dois grupos: fatores genéticos e fatores extrínsecos. Os primeiros surgem antes da gestação ou a origem da DID já foi definida pelos genes ou pela herança genética. Estes fatores também são designados de fatores/causas do tipo endógeno, uma vez que atuam no interior do corpo do individuo. As causas genéticas dividem-se em dois tipos: as genopatias (alterações genéticas) e as cromossomopatias (síndromes provocados por anomalias/alterações nos cromossomas). (Pacheco e Valencia, 1997)

De acordo, com os autores referenciados, dos fatores extrínsecos, fazem parte os pré-natais dos quais se destacam as embriopatias (três primeiros meses de gestação), fetopatias (a partir do terceiro mês de gestação), infeções (ex. Rubéola, Herpes; Sífilis Congénita, Toxoplasmose), endocrinometabolopatias (ex. Perturbações da tiroide, Diabetes, Défices nutritivos), intoxicações (ex. álcool, tabaco, fármacos), radiações e perturbações psíquicas.

Dos fatores peri e neonatais, os quais atuam no momento do parto ou no recém-nascido salientam-se os seguintes fatores: prematuridade (recém-nascido pré-termo e de baixo peso), metabolopatias (ex. hipoglicemia), anoxia, infeções (ex. meningite, encefalite), incompatibilidade de RH entre a mãe e o recém-nascido.

Dos fatores pós-natais, tal como o nome indica, que atuam após o nascimento, temos as infeções (ex. meningite, encefalite), as endocrinometabolopatias (ex. hipoglicemia, hipo e hipertiroidismo, má nutrição), convulsões, anoxia, intoxicações, traumatismos crânio-encefálicos (ex. hemorragias cerebrais) e fatores ambientais (indivíduos pertencentes a famílias de baixo nível cultural e socioeconómico).

3. Expressão Plástica

Etimologicamente, expressão quer dizer expor, exteriorizar sentimentos, sensações. Pode-se afirmar que é uma forma de perceção, de descoberta e comunicação.

A EP é vista como uma forma de comunicar, mostrar aos outros o "eu" interior, através de um código específico. (Gloton e Clero, 1976)

Assim, toda e qualquer pessoa, está cheia de impulsos, de sentimentos, de desejos e de sensações, que pretende revelar e expandir livremente. Para tal precisa que lhe sejam proporcionados meios e motivação, para que o possa concretizar. (Alberto Sousa, 1979)

Pode-se então afirmar que é pois através das diversas técnicas de expressão plástica que muitas vezes se consegue perceber, entender e até mesmo tomar conhecimento dos sentimentos, sensações e até mesmo dificuldades que assolam o íntimo de cada ser.

Desde que nasce a criança tem necessidade em exprimir-se. Esta necessidade passa não só pela satisfação das suas necessidades fisiológicas enquanto ser humano, como também pela forma de comunicar com os outros, o mundo que a roseia. (Read, 1982)

Desta forma o desenvolvimento da expressão da criança é motivado e depende daquilo que mais a sensibiliza, isto é, o que a circunda e a sua própria vida. (Gonçalves, 1991)

A expressividade é inata a cada ser. A criança quando nasce tem a sua própria maneira de se expressar, a necessidade de comunicar com o meio que a rodeia, seja através de sorrisos, gestos, choros. Porém, o meio também tem um papel importante no desenvolvimento da comunicação.

A criança revela os seus desejos, sensações, curiosidades, sentimentos e ideias através da imagem. Deste modo, as atividades livres como a pintura, as construções, a modelagem, são essenciais para a formação da criança. É também através das mesmas que se pode ter um conhecimento mais aprofundado do mundo da criança. (Gonçalves, 1991)

Cada criança é um ser único, e como tal, o que para uma, o desenho pode ser uma excelente forma de comunicação, para outra pode ser apenas um entrave á mesma, pois esta pode ter outro tipo de preferências. Assim, cabe ao adulto oferecer um leque variado de atividades que vão de encontro aos gostos e preferências de cada um, ajudando a melhorar a comunicação.

Para Sousa (2003b)

A EP desde a infância é uma atividade natural, pois a criança sente falta de se exprimir e tem satisfação em mexer em água, barro, tintas, areia e pegar em papel e lápis de cor e riscar, desenhar. Não se pretende que a criança crie obras de arte, mas sim que esta manifeste as suas emoções e sentimentos através de materiais diferentes plásticos. (Sousa, 2003b)

Não se pretende criar um artista, mas sim fazer com que a criança se sinta feliz, contente ao pintar, desenhar, modelar, entre outras. O que conta é a ação é o ato de criar que é expressão e não a obra em si. O objetivo da obra criada não é verificar ou avaliar se a mesma está «bonita» ou «feia», o essencial é o facto de a criança a ter produzido, ter-se expressado para isso. Não importa o produto final da obra, ou o como é o que a criança desenha ou pinta, mas o que se acontece no seu cérebro. (Sousa, 2003b).

Assim, a criança ao fazer atividades de Expressão Plástica, exterioriza os seus desejos, isto é, revela uma parte de si mesma: como pensa, como sente, como vê, isto é, através da representação da realidade, a criança torna-se sujeito de aprendizagem.

Desta forma, é essencial que o educador tenha perceção e não se esqueça que, na sala de aula, em cada criança está um ser em desenvolvimento, com uma grande capacidade de sensações, perceções e sentimentos a serem organizados, para posteriormente serem comunicados e partilhados com todos os que contactam de forma mais direta com a criança. Assim, é necessário promover junto de cada uma, a possibilidade de experienciarem diversas atividades de Expressão Plástica para se exprimirem e comunicarem.

A EP é fundamentalmente uma atitude didática, esta não é centrada na criação de obras de arte, mas sim centrada na criança, no desenvolvimento das suas competências e na resposta à satisfação das suas carências. As Artes Plásticas devem estar ao serviço da criança e não o inverso. (Sousa, 2003b)

Não se pretende que a criança seja um pintor, um escultor, mas sim que desenvolva a sua expressividade, satisfazendo as suas necessidades. Não se pretende criar estereótipos mas sim fazer de cada criança um ser único, como é, valorizando nem que seja apenas um simples rabisco.

Desta forma, e segundo Sousa (2003b) "As artes plásticas podem, devem e às vezes têm, um lugar muito importante, (…). Estas atividades dão à criança um meio alternativo de comunicação (…), as suas ideias e os seus sentimentos mais profundos são assim mais fáceis de mostrar visualmente do que através de palavras." (p.285)

Como se costuma dizer uma imagem vale mais que mil palavras. Quantas vezes no seu íntimo a criança quer comunicar mas fogem-lhe as palavras, os conceitos, e toda a sua criação manifesta essa mesma comunicação. Cabe pois ao adulto, ler entre as linhas.

Read (2010) defende que a EP é comunicação. Se esta inclui interação com toda a educativa, então pode-se afirmar que é um ato social. Como tal, uma explicação apropriada de expressão deve apoiar-se numa psicologia que contenha não só a criança, mas também a sua afinidade com o grupo, enquanto membro pertencente do mesmo.

Assim, a área de Expressão e Educação Plástica tem um contributo de grande peso para o desenvolvimento harmonioso e integral da criança. Isto porque a execução de atividades usando diversos materiais e técnicas, desenvolvem na criança a imaginação, estimulam a curiosidade e a criatividade. Também permitem e desenvolvem a

capacidade de autocrítica, impedindo que a criança se torne introvertida e insegura. Estas facultam a aprendizagem de saberes, incluindo o saber e o saber fazer.

Para que a criança tenha o domínio progressivo das diferentes formas de expressão, o adulto deve procurar diversificar as atividades e situações de aprendizagem, pois só assim, esta terá consciência de si próprio, e do outro, na relação com os objetos. (O.C., 1997)

Assim, cabe ao professor proporcionar e estimular as crianças, para que estas observem o que as rodeia, que estejam atentas ao que ouvem e que sintam tudo o que tocam, facultando para tal a utilização dos diferentes meios de expressão.

3.1.Criatividade

Todo o ser humano dispõe de capacidades para o seu desenvolvimento criativo, e a escola pode desenvolver uma educação sensível de maneira a estimular a criatividade na criança e a admitir que todo o sujeito, de acordo com a sua originalidade, possui uma criatividade individual. Porém, têm-se formado crianças estereotipadas em vez de seres racionais livremente criativos.

A escola deve facultar oportunidades para a espontaneidade, iniciativa, expressão individual, ao inserir no currículo, atividades desafiadoras para os alunos e ao gratificar a realização criativa.

Assim, a escola deve dar à criança um amplo número de meios de expressão que possibilitam desenvolver e transformá-la. Esta deve descobrir, recortar, tocar, transformar, ordenar, colar, inventar, entre outras.

Contudo, o educador tem de ter em atenção as vivências e características da criança, a sua personalidade, o seu tempo e ritmo de aprendizagem, de forma a respeitar o seu desenvolvimento físico e psicológico.

Também relacionada com a criatividade está a capacidade crítica. O desenvolvimento do pensamento crítico é uma função básica na educação do indivíduo. A Expressão Plástica tem um contributo irrefutável para o seu desenvolvimento. De acordo com Gonçalves (1991) sempre que a criança se expressa de forma livre, não só desenvolve a criatividade, a imaginação e a sensibilidade, como também aprende a respeitar os

colegas. O autor defende que a capacidade de análise torna o ser humano cooperante, responsável e interventivo na comunidade em que se insere.

Cada vez mais assistimos a uma sociedade competitiva, em que se procura e exige que se faça sempre o melhor possível, estereotipando, e ignorando a arte de criar de cada um. Porque é que o céu tem de ser sempre azul? E o Sol sempre amarelo? Porque é que as flores tem de ser redondas e não quadradas? Aos olhos de uma criança, o mundo que a rodeia pode ter várias formas, cores dependendo da sua criatividade, do seu estado de espírito, da sua maneira de ver as coisas, o que difere muito de criança para criança.

A palavra criatividade associa-se à palavra arte. Esta é essencial para a educação das crianças. Lowenfeld (1977) defende que a arte é um crescimento constante de criatividade que deve favorecer o máximo de ocasiões para o pensamento ser criativo. Desta forma, a Expressão Plástica é uma atividade criadora, porque independentemente das tendências, gestos e evoluções que representem cada período em que se vive, é uma interpretação original do mundo de cada indivíduo, retratado e projetado sem constrangimentos ou limites.

Não importa, os materiais, o desenvolvimento da criança, mas sim a maneira, a projeção que esta faz do mundo que a rodeia, sem que lhe sejam impostos estereótipos.

Assim, pode-se afirmar que a criatividade não é algo que o educador possa ensinar à criança. Este deve sim estimular, pelo que é importante que o educador seja criativo, aberto a sugestões e ideias, e não um criador de estereótipos. (Souza,1974)

Cada vez mais se assiste a uma dependência por parte das crianças face ao adulto, quer a nível de autonomia, quer no que diz respeito à criatividade. Cabe ao adulto oferecer à criança um vasto leque de estímulos, ideias, que possibilitem a livre criação, o desejo de criar, a conjugação de vários materiais que tornam a própria criação uma surpresa.

3.2.Materiais e Técnicas

A escola deve procurar estimular a livre criatividade junto das crianças, a descoberta das coisas, o sentido crítico e a capacidade de intervenção para e com as crianças. A escolha apenas deve fornecer os materiais e as técnicas à criança, e deixar que seja esta a escolher os que se adaptam à sua expressão pessoal. (Gonçalves,1991)

Desta forma, é importante dar à criança espaço e tempo para que esta descubra qual o material e/ou técnica que melhor se adequa à sua criatividade, à sua expressividade enquanto ser em desenvolvimento, pois o que pode ser benéfico para uns pode não o ser para outros.

As técnicas, nomeadamente o desenho, pintura, modelagem, tecelagem, recorte, colagem, gravura, fotografia, vídeo, etc., e os materiais, designadamente os lápis de cor, lápis de cera, canetas de feltro, guache, giz, barro - argila, plasticina, madeiras, têxteis, colas, tesoura, pincéis, telas, papéis, películas, régua, teques, etc., são o meio ou recurso pelo qual a criança se pode exprimir e criar. É importante referir que as técnicas e os materiais estão para a EP como as palavras e a linguagem para a expressão verbal. (Sousa, 2003b)

Os materiais sejam eles didáticos, lúdicos ou de desgaste são importantes meios de expressão e criação, os quais estão inerentes à expressão plástica e à própria comunicação.

Os materiais são selecionados de acordo com a técnica utilizada e estão associados ao desenvolvimento emocional, e cognitivo da criança. Conforme a riqueza e a variedade que as suas experiências oferecem, a criança sente necessidade de aumentar a diversidade de técnicas e materiais para se expressar convenientemente.(Sousa, 2003b)

Cada um à sua medida, os materiais, ajudam de um modo particular a criança a expressar-se e a expressar a sua criatividade. Porém, o educador deve auxiliar a criança na procura do material apropriado a cada situação e necessidade de cada uma. (Sousa, 2003b).

Assim, a unicidade de cada criança deve ser um dos primeiros motores de busca das técnicas, e materiais a utilizar.

De acordo com alguns autores, não importa se a criança tem algum tipo de talento artístico, mas sim que ao utilizar os diferentes materiais os use de forma criativa, ajudando-a no seu desenvolvimento global. (Oliveira e Santos, 2014)

Ao criar algo, não quer dizer que a criança seja um artista, mas sim que está a desenvolver a criatividade e expressão.

A maneira como cada um emprega e utiliza as diferentes técnicas de expressão distinguem e valorizam o resultado final. (Dias e Sousa, 2003)

Oliveira e Santos (2004) sugerem que através do contato com os diferentes materiais e técnicas, a criança exprime e reconstrói o seu mundo interior, ajustando a comunicação e o comportamento ao meio. Teixeira (1991), foi outro defensor desta ideia, afirmando que as crianças ao explorarem as técnicas e os materiais livremente, estão a trabalhar o seu processo de autoafirmação.

O desenho de cada criança acerca de uma mesma história pode adquirir diferentes conotações, diferentes formas de expressar uma personagem, o que acaba por desenvolver a expressividade e comunicação de cada um. É pois através da livre exploração dos diversos materiais e técnicas que a criança se autoafirma.

Existem materiais que levam a criança a experimentar, a descobrir as diferentes áreas psico, socio-motoras, emocionais, afetivas, comunicativas, percetivas, cognitivas, de autonomia e sociais. (Onofre, 2004)

Muitas vezes a utilização de alguns materiais, suscitam na criança a vontade de experimentar, e são também uma forma de descoberta de sentimentos, experiencias, comunicação.

De acordo com as O.C. é importante que a criança tenha à sua disposição diversas cores que lhe permitam utilizar e escolher diferentes combinações. Esta nomeação e identificação das cores, bem como a mistura de tintas, são aspetos da Expressão plástica que se interligam quer com a Linguagem quer com a Conhecimento do Mundo. Porém, também a utilização de materiais com diferentes texturas, elementos da natureza, vários tipos de papel, etc, os quais "(…) são meios de alargar as experiências, desenvolver a imaginação e as possibilidades de expressão"(O.C.,1997:63), são importantes para o desenvolvimento da Comunicação da criança.

Assim, é através deste processo de experimentação, de descoberta que a criança se vai "autoconstruindo" em todas as áreas do seu desenvolvimento, nomeadamente, do pensamento, da comunicação, da sociabilidade.

4.Definição de Comunicação

Através da Comunicação, evidenciam-se ideias, sentimentos e volições. Constroem-se sonhos e traçam-se juízos, exprimem-se incertezas e fortalecem-se conhecimentos. Com a Comunicação afirmamo-nos e identificamo-nos. Com a linguagem comunica-se com os outros e identifica-se o que nos rodeia.

A capacidade comunicativa, é a habilidade que o comunicador tem de utilizar a expressão de forma apropriada às situações de comunicação em que se encontra. Para além da competência para utilizar a fala, o comunicador tem de possuir conhecimentos extralinguísticos e contextuais, isto é, a comunicação é a faculdade que o falante tem de usar a habilidade linguística de forma apropriada em diversas situações comunicativas.

Desde muito cedo que o ser humano tem necessidade, de manifestar os seus sentimentos e as suas carências, de interagir com os que o rodeiam, sente falta de criar novos relacionamentos, de conservar os relacionamentos mais antigos e de apresentar o seu envolvimento com os seus pares, em suma, sente necessidade de comunicar. Ferreira,

A capacidade do ser humano comunicar é realizada precocemente, desde bebé, na troca de afetos com a sua progenitora, em que todo o corpo serve como meio de comunicação. (Ponte e Azevedo, 1999)

Logo desde o nascimento a criança comunica com o mundo que a rodeia, sente necessidade de comunicar, manifestar os seus desejos, vontades, medos e angústias. Inicialmente esta relação é estabelecida com a progenitora, relação esta de grande cumplicidade e afetividade.

Genaro (2011), afirmou que a comunicação é o ato intencional de transferir informação por meio de um sistema de sinais estabelecidos. O ser humano deve ser capaz de receber e transmitir informação.

A Comunicação envolve vários mecanismos. Para que ocorra transferência de informação tem de existir um emissor, um recetor e a mensagem que se deseja transmitir. A comunicação pode ser realizada através de várias vias como o tato, o olhar, os gestos ou movimentos corporais e ou faciais, num diálogo cara a cara, através de mensagens enviadas através das redes de telecomunicações. Também os sinais enviados através de fumo pelos índios, a linguagem de sinais dos surdos, o código Morse e os

diversos sistemas de escrita são outros exemplos de muitos sistemas de comunicação que ao longo dos tempos se foram desenvolvendo conforme as necessidades que foram surgindo.

A linguagem oral é um meio de comunicação por excelência. Esta é considerada como o sistema de comunicação mais eficiente, o qual está ligado à produção de sons vocais padronizados adequados à linguagem. (Santos, 2002)

Como referiu Pignatari (2003), a comunicação quer seja estabelecida entre homem/homem, homem/máquina ou máquina/máquina é um fenómeno com uma função social.

Assim, no período em que a criança frequenta o pré-escolar é essencial criar situações que possibilitem o desenvolvimento de competências comunicativas.

As experiências de interação comunicativas e as atividades que visem a promoção do desenvolvimento das capacidades verbais, especialmente ao nível da compreensão e da expressão oral, são fundamentais no processo de estimulação e desenvolvimento da comunicação. Inês Sim-Sim (2008) menciona que, com a orientação do educador, a criança deve ser estimulada a desenvolver competências que a levem a um crescimento linguístico.

Esta também refere que é importante ensinar a criança a ouvir, falar e a expressar-se adequadamente tendo em conta o contexto onde interage.

De acordo com as O.C. (1997) "Esta aprendizagem baseia-se na exploração do caráter lúdico da linguagem, prazer em lidar com palavras, inventar sons, e descobrir as relações." (p.67)

Assim, é ao educador que cabe desenvolver de forma intencional diversas situações de comunicação, nomeadamente, com diferentes interlocutores, intenções e conteúdos, as quais possibilitam à criança o domínio progressivo da comunicação.

Parte III - Metodologia de trabalho

Abordada a parte da fundamentação teórica pertinente para a investigação, apresenta-se a X parte, a qual é constituída pela contextualização do estudo, em que se caracteriza o meio, a escola e o aluno em questão; explicitação dos instrumentos de recolha de dados, designadamente a análise documental, a observação natural e as entrevistas. Aqui também vão se expostos os processos de aplicação de técnicas e instrumentos; o tratamento dos dados alcançados, e por último; a interpretação dos resultados.

1.Contextualização do estudo

O estudo ocorre no Centro Infantil "O Búzio", no distrito de Faro, concelho e freguesia de Albufeira, que integra a Fundação António Silva Leal.

1.1.Meio

De acordo com o CENSOS 2011, Albufeira é a freguesia mais povoada do concelho, com uma população bastante jovem e ativa, de cerca de 22.781 habitantes. Importa salientar que, de acordo com os CENSOS 2011, 10,30% da população residente é analfabeta e 21,3% concluiu apenas o primeiro ciclo de escolaridade.

Relativamente à população migrante, 1,9% da população é de nacionalidade estrangeira e grande parte desta é de origem brasileira, seguindo-se. Contudo esta é uma freguesia com uma grande percentagem de população flutuante.

Ao nível da malha urbana, esta freguesia é constituída por uma população heterogénea nos domínios social, económico, étnico, cultural e religioso.

Relativamente à freguesia de Paderne, um meio essencialmente rural, é, segundo os dados do Censos 2011, a freguesia com menor densidade populacional do concelho, com cerca de 3304 habitantes.

1.2.Centro Infantil

De acordo com a entrevista efetuada ao Diretor do centro Infantil, "A FASL é uma instituição particular de solidariedade social." A Fundação foi constituída em Janeiro de 1993, (sedeada em Lisboa), e nesse mesmo ano, iniciou a gestão do equipamento social

Centro Infantil «O Búzio» situado em Albufeira, património do Centro Regional da Segurança Social do Algarve. O Centro Infantil "O Búzio" situa-se na Rua Almirante Gago Coutinho, nº 47 em Albufeira

Em relação à sua estrutura O Diretor afirmou que esta valência possuía 2 respostas sociais, a creche e o pré-escolar. O mesmo, acrescentou que na creche, existia um acordo com a segurança social para cerca de 25 crianças, onde estavam incluídas 2 salas, uma de 1 ano e outra de 2 anos, e na parte do pré-escolar existiam 4 salas com acordo para cerca de 90 crianças.

No que concerne aos grupos de crianças nas salas, este sofreu alterações. Assim, o Diretor disse que tendo em conta a necessidade do mercado, naquele momento os grupos de crianças eram heterogéneos, não na creche, mas sim no pré-escolar. Também acrescentou que no pré-escolar os grupos heterogéneos iam desde os 3 anos até aos 5 ou até ingressarem no 1º ciclo do ensino básico.

Relativamente à presença de crianças com Necessidades educativas especiais no Centro Infantil "O Búzio" o Diretor afirmou que normalmente existiam sempre uma, duas crianças com necessidades educativas especiais. Assim, pode-se concluir que para além dos casos inicialmente sinalizados, no decorrer do ano letivo podem surgir outros, que posteriormente serão devidamente sinalizados e acompanhados. Este acompanhamento é realizado por Técnicos exteriores à Instituição, pois de acordo com o Diretor, a mesma não possui Técnicos especializados. Na presença de crianças com Necessidades educativas especiais, os grupos sofrem alteração na sua constituição. Assim o Diretor acrescentou que tendo em conta a especificidade da Necessidade, a capacidade da sala podia ser reduzida entre um a dois lugares por grupo.

Relativamente à Instituição e à Comunidade, existem algumas parcerias. Segundo o Diretor estas parcerias iam desde serviços camarários, a entidades privadas, tais como Clínicas pediátricas de medicina geral, dentária e oftalmológica, entre outras. Também na área das Necessidades educativas especiais, a Instituição tem algumas parcerias com a Comunidade.

Desta forma o Diretor afirmou que existiam parcerias com o Serviço Nacional de Intervenção Precoce na Infância (SNIPI), com a APEXA.

Durante o processo de encaminhamento estas parcerias são notórias. Assim, o Diretor disse que quando a criança chegava à Instituição e não era já sinalizada, competia à

Educadora nas suas competências detetar ou ver se existia ali alguma dificuldade na criança, sendo depois encaminhada para o SNIPI, ou para a APEXA.
Também o processo de acompanhamento é realizado em parceria com "(…) estas entidades, SNIPI ou APEXA."
Desta forma, e em relação ao acompanhamento de crianças com Necessidades educativas especiais, o Diretor afirmou que eles tinham uma Educadora ou outra Técnica de apoio, que ia lá duas vezes por semana e que eram sessões de uma hora.

1.3.Grupo de crianças

No que diz respeito à caracterização estrutural, o grupo de crianças inicialmente era constituída por 20 alunos, sendo 10 rapazes e 10 raparigas. Destes 20 cerca de 17 tinham idades entre os 5 e os 6 anos. O X juntamente com mais dois colegas eram os meninos mais novos do grupo de crianças. Todos haviam frequentado a Creche, antes de entrarem no Centro Infantil "O Búzio".
Quanto à composição do agregado familiar, todos os alunos vivem com a mãe e o pai, enquanto os restantes têm 1 ou 2 irmãos.

Quase todos os pais/encarregados de educação acompanhavam o percurso escolar dos seus educandos, apoiando-os na realização das tarefas de casa e participando nas reuniões periódicas. É de salientar, contudo, que são os alunos com mais dificuldades, os que têm menor acompanhamento, em casa, por parte dos pais/encarregados de educação. No que concerne ao grau de envolvimento das famílias na vida escolar dos alunos, apenas poucos encarregados de educação foram menos participativos.
Alguns alunos frequentaram as Atividades Extracurriculares, tais como: Expressão Psicomotora, Música, e Inglês.
Quanto ao desenvolvimento psicológico, apenas dois alunos apresentavam um atraso no desenvolvimento.

Contudo, no ano letivo 2013/2014, a constituição do grupo de crianças foi alterada, pois as mais velhas, ingressaram na escola Primária. Assim, o grupo passa a ser constituído por 14 meninos e 7 meninas. A maioria do grupo tem agora cerca de 3, 4 anos, sendo que a minoria são meninos com 5/6 anos.

1.4.História compreensiva da criança

Relativamente à caracterização da criança e à história do seu desenvolvimento os dados foram obtidos através das técnicas e instrumentos de recolha de dados anteriormente referidas.

O X nasceu a 27 de Novembro de 2008, com 42 semanas, de parto eutócico e com um peso 3550Kg, tendo a gravidez corrido bem e com acompanhamento médico do SNS.

O X é o único filho do casal. Contudo, nunca chegou a conhecer o Pai, pois este faleceu quando a criança tinha cerca de 2 anos e meio. A criança vive com a Mãe, a qual é muito atenciosa e preocupada. É a Mãe que vai sempre levar e buscar a criança ao infantário visto que se encontra em Portugal sozinha, pois a sua família, bem como a do falecido marido, se encontram na Guiné, país de onde são naturais. Esta também comparece sempre que solicitada às reuniões.

A Mãe preocupava-se e preocupa-se muito com o presente e com o futuro. Anseia muito pela autonomia do menino.

Tal como se pode verificar no Plano Individual de Intervenção precoce, antes da entrada no Centro Infantil "O Buzio", o X frequentou a Creche. Em Novembro de 2010 e após o falecimento do marido, a Mãe procurou apoio junto do centro de Saúde de Albufeira (Anexo 1). No final desse ano foi feita uma avaliação Growing skills ao menino (Anexo 2). Em Setembro de 2011 o menino começou a frequentar o centro infantil "O Búzio". Devido à não aquisição de competências, tendo em conta a sua faixa etária, a Educadora da sala recorreu ao Serviço de Intervenção Precoce no final desse mesmo ano. A criança foi avaliada em psicologia e terapia da fala, revelando à data, imaturidade e um significativo atraso do seu desenvolvimento global.

Em Junho de 2012 e após realização de um Timpanograma (Anexo 3) o menino foi avaliado em terapia da fala sendo assinaladas dificuldades e atrasos no seu desenvolvimento global (Anexo 4).

Como tal e por também evidenciar défice cognitivo ligeiro e défice de atenção beneficiou em Maio de 2013 de um Plano Individual de Intervenção Precoce (Anexo 5)

A intervenção foi realizada em sala de pré-escolar com o horário de funcionamento - Duplo da Manhã: 08h e 10 m → 13h e 10m.

2.Instrumentos de recolha de dados

De acordo com Arends (1999), depois de se esclarecer a problemática a ser investigada, a questão a ser resolvida em seguida pelo pesquisador diz respeito à maneira como se processa a recolha de informação. Existem várias formas de proceder à recolha da informação, nomeadamente os questionários, as entrevistas, as observações, análise documental, entre outras. A escolha depende das perguntas a que se pretende responder bem como do tempo que o investigador tem à sua disposição para recolher e analisar essa mesma informação.

Considerando todos os fatores supramencionados e após reflexão, tendo em conta o tempo disponível e o objetivo da problemática, decidiu-se recolher informação através de análise documental, por entrevista e observação naturalista De acordo com Lessard-Hébert, Goyette e Boutin (2008) "Grande número de investigações qualitativas recorrem a diversas técnicas de recolha de dados que se complementam. […] normalmente com o fito de triangular os dados, em particular no que diz respeito às opiniões ou crenças que os inquiridos têm.". (p.158).

De certa forma, a utilização de vários instrumentos de recolha de dados facilitou o desenvolvimento da presente investigação, pois os dados recolhidos nos vários acabaram por se complementar e estabelecer um fio condutor.

Também Sousa (2009) refere que as técnicas de recolha de dados são os meios técnicos a que se recorre para facilitar o registo. Na investigação em educação, habitualmente os mais utilizadas são a videogravação, testes, questionários, entrevistas, análise de conteúdos e análise documental.

2.1.Análise documental

Pardal e Lopes (2011) referem que a análise documental é uma "técnica de recolha de informação necessária em qualquer investigação, o recurso de documentos é uma tarefa difícil e complexa que exige do investigador paciência e disciplina" (p.103). Como tal, depois do tema bem definido e especificando um pouco mais a problemática a estudar,

ter-se-á de identificar o contexto onde será realizada e quais as suas fontes, de que fontes podemos dispor e qual o seu valor. (Saint-Georges,1997).

Cabe assim, ao investigador a tarefa de examinar e recolher a informação pertinente ao seu estudo. Esta também pode ser realizada através da análise de documentos adjacentes à criança, à escola, a outros profissionais, e que se tornam auxiliares no decorrer da investigação.

2.2.Entrevista

De acordo com Moreira (1994), a entrevista é seguramente a metodologia mais utilizada em investigação. De acordo com Foddy (2002), já não há dúvidas de que a utilização de informação verbal tem vindo a aumentar nas ciências sociais. Fazer perguntas é a maneira mais útil de adquirir informações sobre comportamentos.

Ruquoy (1997) também argumenta que cada vez mais os investigadores se interessam pelas pessoas, pela sua forma de ver o mundo, pelas suas intenções, motivações, crenças. Como tal, a maneira de abordar com profundidade o ser humano, faz-se por meio de entrevista, tornando-se assim esta um instrumento de recolha de dados primordial.

Assim, no decorrer de uma entrevista, o inquirido tende a conotar a mesma com as suas crenças, opiniões, estados de espirito, de uma maneira geral, a sua visão das situações, do mundo.

A entrevista pode ser estruturada, e assume um caráter mais rígido, pois segue uma sequência, por regra, inalteráveis de questões. A entrevista semiestruturada, onde o entrevistador faz as perguntas, mas tem mais liberdade para mudar a sequência e até realizar outras questões que estão interligadas à informação que pretende. Este tipo de entrevista possibilita ao entrevistador guiar a entrevista conforme o nível de perceção e recetividade do entrevistado. A entrevista não-estruturada, onde o entrevistador só tem uma lista de tópicos e guia a entrevista livremente de maneira a que o inquirido fale desses tópicos sem ter a rigidez de uma ordem. (Sousa, 2009).

2.3.Observação Naturalista

A observação de caracter naturalista, a qual é utilizada desde o século XIX consiste em observar, de forma sistematizada, algo no seu ambiente natural (Estrela, 1994), ou seja, o observador limita-se a registar aquilo que acontece. Através da continuidade dos comportamentos observados é possível ao investigador tirar conclusões. Para o autor, a técnica da observação naturalista define-se em quatro linhas: não é seletiva, preocupa-se com a precisão da situação, estabelece biografias compostas por várias unidades de comportamento e é realizada com base na continuidade. Para Henry (1961) " a observação naturalista é o estudo de um fenómeno no seu meio natural" (citado em Estrela 1994, p.46) .

3.Aplicação de técnicas e instrumentos

Segundo Sousa (2009) a validação não é algo que se rege pelo tudo ou nada. Desta forma, "Um instrumento poderá ser válido para certos fins e determinada população e não ser para outros fins e outra população. A validade não depende do instrumento em si, mas da aplicação que se lhe dá. Não se poderá dizer que existe uma validade, porque se trata de uma característica bastante complexa e depende de uma pluralidade de fatores. No mesmo instrumento poderão coexistir diferentes tipos de validade, interligando-se para formar um todo, podendo ou não haver um ou outro mais proeminente." (Sousa, 2009, p.197)

É importante ter em conta este aspeto, pois a mesma aplicação dos instrumentos em situações, populações diferentes pode levar a resultados diferentes. A aplicabilidade de cada instrumento é o que torna a validade do mesmo exequível. Não existe uma validade mas sim um conjunto, que tornam o instrumento viável, por forma a ser utilizado.

Pardal e Lopes (2011) também defendem que não se pode validar, do mesmo modo, uma investigação quantitativa e uma investigação qualitativa. Dependendo do tipo de investigação que se trate, assim, é elaborada a validação da mesma.

Para Sousa (2009) os procedimentos que usualmente são desenvolvidos, consistem na elaboração de uma planificação de ações e uma calendarização predefinida e divida por fases.

Quivy e Campenhoudt (2003) acrescentam que "um procedimento é uma forma de progredir em direção a um objetivo. Expor o procedimento científico consiste, portanto, em descrever os princípios fundamentais a pôr em prática em qualquer trabalho de investigação." (pp.22-23).

Segundo Quivy e Campenhoudt (2003) "do ponto de vista técnico, é indispensável gravar a entrevista. […] É claro que a gravação está subordinada à autorização dos interlocutores. Mas esta é geralmente dada sem reticências quando os objetivos da entrevista são claramente apresentados" (p.76).

3.1.Validação

O presente trabalho foi elaborado de acordo com a metodologia de abordagem qualitativa, com recurso a entrevista, onde cada interveniente expôs a sua opinião sobre o tema, em que a validação assentou em generalizações «analíticas». Segundo os mesmos autores: "Com maiores ou menores fragilidades de cada paradigma, duas grandes preocupações são manifestadas por parte dos investigadores no tocante à valorização da validade da investigação, independentemente da metodologia que mais se orienta: a credibilidade e a transferibilidade dos resultados, ou seja, a possibilidade da sua aplicação a outras situações." (Pardal & Lopes, 2011, p.25)

Existe uma preocupação por parte do investigador, o de tornar a sua investigação credível, e de os resultados obtidos poderem ser aplicados a outras situações.

Desta forma, para dar credibilidade e validação à investigação, desde o princípio que todo o processo foi elaborado com a maior ética, rigor e responsabilidade possível.

3.2.Procedimentos

Como foi mencionado, tendo em conta o objetivo do trabalho, apresentam-se os procedimentos esclarecendo a forma como foram usadas as técnicas e instrumentos de recolha de dados:

Escolheu-se os instrumentos de recolha de dados, nomeadamente a entrevista. Existem diversos tipos de entrevista, mas pelas características do estudo e também por orientação de profissionais experientes optou-se por entrevista semi-estruturada;

Selecionaram-se os participantes mais significativos para o estudo – Terapeuta Ocupacional, Educadora Intervenção Precoce, Mãe e aluno, dado que se pretendia conhecer e apurar as suas opiniões;

Solicitou-se a autorização para o estudo junto do Conselho de Administração da Fundação António Silva Leal – Apêndice 1 ;

A autorização foi concedida por unanimidade em Conselho de Administração –

Solicitou-se a autorização da Mãe da criança para se poder aceder à informação constante no processo da mesma; - Apêndice 2

A autorização foi concedida pela Mãe.

Solicitou-se a autorização para o estudo junto da Equipa de intervenção precoce que acompanha a criança; - Apêndice 3

A autorização foi concedida pela Coordenadora da Equipa;

No sentido de atingir os objetivos específicos foram elaborados dois guiões de entrevista. Um para a equipa de intervenção precoce que acompanha a criança (Apêndice 4) e outro para O Diretor Técnico da Instituição (Apêndice 5). O guião elaborado para a equipa de intervenção precoce foi dividido por seis blocos: Bloco A – Legitimação da entrevista; Bloco B – Perfil do entrevistado; Bloco C – Caracterização de crianças com DC; Bloco D – Impacto na Comunicação do uso da EP em alunos com DC; Bloco E – Contributos da EP para a promoção da Comunicação; Bloco F – Informação adicional e agradecimentos. O guião elaborado para o Diretor Técnico foi dividido em seis blocos: Bloco A – Legitimação da Entrevista; Bloco B – Perfil do Entrevistado; Bloco C – Caraterização da Instituição; Bloco D – Parcerias com outras Instituições; Bloco E – Apoio às crianças com NEE; Bloco F – Informação adicional e agradecimentos. Optou-se por formular questões abertas;

Todos os entrevistados foram contatados diretamente onde se procedeu à identificação do entrevistador. Foram-lhes dados todos os esclarecimentos relativamente ao presente

estudo, nomeadamente o objetivo da investigação e o respetivo método. Estes manifestaram desde logo a sua disponibilidade e interesse em contribuir para a investigação, o que foi muito gratificante. Trocaram-se contactos para eventuais incertezas e esclarecimentos.

Como referem Quivy e Campenhoudt (2003), é essencial que a entrevista ocorra num ambiente e em contexto adequados. Assim, em conjunto com os entrevistados, agendou-se a hora e o local mais apropriado, para que todos se sentissem à vontade, num local calmo e confortável.

Destaca-se mais uma vez, que durante todo o trabalho de preparação das entrevistas, todos os procedimentos éticos obrigatórios num trabalho de investigação foram cumpridos. A identidade dos entrevistados foram como habitualmente garantidas de anonimato e de confidencialidade. Assegurou-se que a informação seria trabalhada de acordo com os objetivos da investigação e as respetivas identidades não seriam identificadas juntamente com as suas opiniões.

Assim, a gravação das entrevistas foi solicitada aos entrevistados quando contactados pessoalmente e após esclarecimento dos objetivos da mesma e da investigação em si, concordaram e reforçaram o consentimento no dia da entrevista na parte da validação da mesma.

Os entrevistados permitiram a gravação integral das entrevistas, como já foi referido, não somente para garantir a fidelidade da recolha de dados, como também para ajudar na respetiva análise. Este procedimento teve em conta o parecer de Moreira (1994), o qual afirma que quando se realiza uma entrevista em que "o entrevistador faz parte integrante da conversa e em que dificilmente pode provocar pausas para escrever o que lhe vai sendo dito, se não se gravar perdem-se inevitavelmente muitos dados." (p.142);

Durante a realização da entrevista, e tal como defende Sousa (2009) também deverá ser estabelecida com os entrevistados uma conversa amena e agradável onde os mesmos, no seu decurso, vão proporcionando as informações. Salienta-se que os entrevistados mantiveram-se sempre motivados e acima de tudo promoveu-se um momento de convívio e partilha de opiniões muito agradável.

Finda a recolha de dados, através da gravação áudio procedeu-se à árdua tarefa de reprodução por escrito, ou seja, o protocolo das entrevistas: Técnico A1 – Educadora Intervenção Precoce– (Apêndice 6); Técnico A2 — Terapeuta Ocupacional (Apêndice 7) ; B - Diretor T. – (Apêndice 8)

A informação do conteúdo obtido foi reproduzida na íntegra sem proceder a qualquer tipo de alteração, nomeadamente supressão das repetições inerentes ao discurso oral e tempos de pausa.

De seguida proceder-se-á ao tratamento de dados, à análise do conteúdo e à interpretação dos resultados.

4. Tratamento dos dados obtidos

A fase de tratamento de dados consiste na estruturação de um conjunto de informações que nos vais possibilitar tirar conclusões. É geralmente reconhecido que a análise de dados é exigente, como se depreende das palavras de Bogdan e Biklen (1994):

"A análise de dados é o processo de busca e de organização sistemático de transcrições de entrevistas, de notas de campo e de outros materiais que foram sendo acumulados com o objetivo de aumentar a sua própria compreensão desses mesmos materiais e de lhe permitir apresentar aos outros aquilo que encontrou". (p.205)

No sentido de se proceder à interpretação da informação recolhida das entrevistas às duas técnicas e das notas de campo, optou-se pela técnica de análise de conteúdo, uma vez que nos pareceu a mais adequada para cumprir os objetivos a que nos propusemos nesta pesquisa.

Segundo Sousa (2009) a análise de conteúdo trabalha com mensagens. Assim, "A análise de conteúdo compreende, portanto, uma intenção de analisar um ou mais documentos, com o propósito de inferir o seu conteúdo imanente, profundo, oculto sob o aparente; ir mais além do que está expresso como comunicação direta, […]. Embora se refira a análise de conteúdo como um instrumento de medida, não se trata na realidade de um instrumento mas de um conjunto de procedimentos diversos, incluindo mesmo técnicas diferentes que, pela sua sistematização, analisam documentos de diferentes modos e com diferentes objetivos." (p.264)

Após o protocolo das entrevistas, foram realizadas várias leituras com a propósito de descobrir padrões dos dados de cada entrevista. À medida que nos fomos familiarizando com os dados recolhidos, assistiu-se à repetição de opiniões, frases e palavras, as quais se foi colorindo de acordo com a cor que se decidiu utilizar na identificação das unidades de sentido correspondente - o que se pode verificar mais uma vez através dos Apêndices 6; 7 e 8, correspondentes ao protocolo das entrevistas.

De seguida, e de acordo com Sousa (2009), procedeu-se à simplificação de cada um dos discursos para um vocabulário mais claro e mais curto, logo mais compreensível e mais fácil de analisar, condensando o que é pertinente, ou seja, simplificação a unidades de sentido.

Posteriormente procedeu-se ao agrupamento e sistematização detalhada da informação recolhida, apresentada mediante o plano de categorias, este previamente estabelecido.

Para se continuar com todos os procedimentos de anonimato e confidencialidade, os entrevistados foram identificados com a letra correspondente ao grupo que pertencem – A1, A2 e B.

Por se participar no quotidiano do centro infantil desde há sete anos, no dia-a-dia partilham-se ideias com os restantes colegas acerca do trabalho desenvolvido com os alunos, materiais, preocupações, entre outros assuntos.

Através da presente investigação verificou-se que despertou um sentido mais aguçado acerca do tema e o que nos pode ajudar a chegar a determinadas conclusões. Sendo o objetivo *Descrever e interpretar os contributos da Expressão Plástica para o desenvolvimento da Comunicação de alunos com Défice Cognitivo em contexto de sala de Pré-escolar,* começou-se a registar nas grelhas de observação o que se considerou pertinente para o estudo que se encontram em Apêndice 9.

O conteúdo analisado foi obtido através da consultação de três pessoas, nomeadamente, a Terapeuta Ocupacional e Educadora de Ensino Especial, e o Diretor do Centro Infantil. As primeiras pertencem à mesma equipa de Intervenção Precoce, onde se aplicou a técnica de entrevista semiestruturada, bem como a entrevista aplicada ao Diretor Técnico.

Apresenta-se o quadro da descrição da amostra relativamente aos Técnicos entrevistados:

Técnico	Género	Idade	Habilitações Literárias	Tempo de serviço	Formação Complementar
A1	Feminino	38	Licenciatura Ed. Infância	13 anos	Pós graduação NEE Mestrado NEE
A2	Feminino	50	Licenciatura Terapia Ocu-pacional	30 anos	Arte e Drama
B	Masculino	37	Licenciatura Prof. Ensino básico varian-te Educação Física	13 anos	Não tem

Quadro1 – Caraterização dos Técnicos Entrevistados

Como garantia de anonimato, em vez de nomes, empregaram-se códigos para a sua designação – A1, A2 e B

A análise de conteúdo dos dados obtidos pela entrevista realizada aos Técnicos encontra-se em Apêndice 10.

Para as várias observações naturalistas também foram empregues códigos para a sua designação – OB1, OB2, OB3, OB4, OB5, OB6, OB7, OB8, OB9, OB10, OB11, OB12, OB13, OB14, OB15, OB16. Foram utilizadas as letras OB pelo motivo de se tratarem de Observações naturalistas - Apêndice 9.

Tal como se fez nas entrevistas, refere-se que se seguiu a mesma categorização e sistematização na análise de conteúdo das observações naturalistas. A análise de conteúdo dos dados obtidos pelas observações naturalistas encontra-se em Apêndice 11.

Como forma de comprovação foram também tiradas durante as OB realizadas fotografias das atividades, que se encontram em Apêndice 12.

5. Interpretação dos resultados

Como já se referiu, os dados obtidos foram recolhidos através da consulta de dois sujeitos – uma Terapeuta Ocupacional, uma Educadora de Ensino especial, Observações naturalistas, através da análise do conteúdo e bem como fundamentados em contributos da literatura. Em consonância com os autores Lessard-Hébert, Goyette e Boutin (2008), a interpretação dos resultados "ocorre logo no início da recolha de dados […] pela formulação de conclusões provisórias que são imediatamente testadas e às quais vão sendo acrescentadas outras no decurso da investigação." (p.122).

Tendo como ponto de partida os objetivos da investigação, pois foi a partir dos mesmos, que foram elaboradas as questões para as entrevistas e consequentemente realizada a sua categorização, apresentar-se-á a interpretação dos resultados utilizando-se a análise de conteúdo.

5.1 Caraterização de uma criança com DC a nível social e relacional

Relativamente à interação social e relacional dos alunos com DC, na opinião dos entrevistados e, como referenciou a técnica A1 " A nível social e relacional pode estar bem, pode estar completamente integrada. O DC à partida não implica alguma alteração a nível social e relacional."

Por outro lado, a técnica A2 refere que "(…) tem dificuldades nas relações sociais que fujam um bocadinho do concreto. Se forem relações simples sem ambiguidades de emoções ou de expressões verbais é uma criança que consegue uma boa relação social funcional."

Tavares et al., (2007) defendem que as crianças são parecidas umas com as outras, no entanto cada uma tem as suas características e está sujeita a muitas influências, quer da hereditariedade quer do seu meio. Assim, pode-se afirmar que importa ter em consideração não só as caraterísticas genéticas da criança como também do meio, comunidade em que esta vive, por forma a potenciar a criança e o seu desenvolvimento.

5.2.Caraterização de uma criança com DC a nível aprendizagem

Em relação à caraterização de uma criança com DC a nível da aprendizagem, no que concerne à opinião das técnicas, a técnica A1 referiu que " (…) têm muita dificuldade

em adquirir conceitos, em conseguir perceber para além do concreto" e " Não consegue entender as coisas e depois aplicar no dia-à-dia."

Segundo Belo et al., (2008), os processos cognitivos destes alunos desenvolvem-se a um ritmo mais lento e têm um nível cognitivo inferior aos sujeitos sem este défice.

A técnica. A2 também referiu que este tipo de aluno " (…) que apresenta dificuldades em acompanhar as crianças da idade dela, da faixa etária da idade dela."

A Técnica A2 acrescentou também que se "Necessita de adequar as estratégias de ensino. Ela não vai conseguir fazer uma aprendizagem igual, mas se simplificarmos as tarefas e darmos uma tarefa de cada vez e irmos acompanhando o ritmo dela é uma criança que irá conseguir o básico." Cruz (2009) também refere o mesmo, quando menciona que devem ser elaborados programas individuais em consonância com as caraterísticas de cada aluno. Tavares e Alarcão (2002) defendem que é a criança que está em desenvolvimento e aprendizagem, que tem de ser o centro de toda a atenção e dedicação. Todo o trabalho a ser desenvolvido é em função do aluno, ou seja, é a partir dele que se definem objetivos, e se estrutura a ação.

Tendo em conta as dificuldades que estes alunos manifestam, Fonseca (2001) defende que a cognição é a forma como o cérebro percebe, aprende, recorda e pensa acerca da informação que é captada através dos sentidos.

5.3 Momentos e situações do recurso à EP com uma criança com DC

As técnicas, nomeadamente a Técnica.A1 referiu que recorre "À EP quase sempre. Na nossa área, Pré-escolar, é através das expressões que melhor conseguimos atingir os objetivos." O que segundo as O.C. para a Educação pré-escolar (1997) "Tornam-se situações educativas quando implicam um forte envolvimento da criança que se traduz pelo prazer e desejo de explorar e de realizar um trabalho que considera acabado." (61)

Por outro lado a Técnica A2 afirma que "(…) recorro sempre no final de uma sessão. Tento manter sempre um registo da relação, da evolução, do grau de satisfação da criança nas minhas sessões. Todas as crianças que não conseguem fazer de forma escrita ou até mesmo verbal, eu utilizo a EP para o fazer. Vou ficando com o registo."

Para Vigotsky (2001) as atividades de EP e o desenho são um dos modos mais expeditos que a criança tem, não só de observar e manusear a matéria, de forma criativa, como, também, de comunicar ao exterior a sua particular visão do meio, a sua aquisição

permanente de noções e a necessidade de compartilhar com os outros o seu estado emocional. Sousa (2003a) defende que Educação pela Arte ajuda a criança ou jovem a descobrir-se e exprimir-se. Pois, tal como refere a Técnica A1 "Não somos um ensino formal."

5.4. Recurso à EP como meio de aquisição ou consolidação de aprendizagens

Inicia-se com a citação da Técnica A2 na medida em que defendeu que a EP: "(…) é excelente.", bem como "(…)é um recurso que tem mesmo que usado." Segundo Sousa (2003a) a atividade lúdica o jogar, o brincar, são das «ferramentas» principais para a educação, é um dos meios mais fortes de processar a educação. Porque de acordo com a Técnica A1 " É através do explorar, do brincar, do ter contato com diversos materiais, texturas, através das quais aprende as coisas básicas."

Assim, "parafraseando Hernández e Hernández (1991) quanto maior for a oportunidade de exercitar os sentidos maior será a oportunidade de aprender, pois todo o conhecimento começa por uma exploração sensorial. O contacto e a manipulação de diferentes materiais e o prazer que estes proporcionam à criança permitem-lhe desenvolver os sentidos e encontrar o equilíbrio (…)". (Oliveia & Santos, 2004, p.29)

Desta forma e de acordo com a Técnica A2 a EP " (…) é um bom recurso, porque se eu deixar a criança à sua inteira criatividade e espontaneidade, a criança consegue expor através da utilização dos materiais, consegue de uma forma despreocupada pôr um pouco daquilo que ele sente, que ele sabe."

Assim, "Educar uma criança através da Arte não só contribui para o seu equilíbrio emocional, como também aumenta a sua capacidade de aprender."(Oliveira & Santos ,2004, p.29)

De acordo com as OB realizadas também se verificou que a criança perante determinadas atividades se sentia mais predispostas, nomeadamente "achou engraçado colar uma tampa no nariz da imagem" OB7,bem como se "mostrou bastante feliz" OB11, com o resultado final da atividade.

Nesta linha, a UNESCO (2006) referiu que "(…) a educação na arte e pela arte estimula o desenvolvimento cognitivo e pode tornar aquilo que os educandos aprendem e a forma como aprendem, mais relevante face às necessidades das sociedades modernas em que vivem." (p.6).

Assim, constatou-se um consenso nas Técnicas inquiridas, na medida em que consideram que o recurso à EP é um forte meio de aquisição e até mesmo de consolidação de aprendizagens.

5.5Atividades realizadas

Também se verificou que as Técnicas recorrem a várias atividades de EP, especialmente ao desenho, o que, de acordo com Sousa (2003b) "(…) é uma das mais antigas manifestações expressivas do ser humano que se conhece." (p.193)

No contexto de sala também a Educadora realizou várias atividades, utilizando diferentes materiais, o que se pode comprovar através das OB realizadas durante algumas sessões. (Apêndice 9), bem como da fotografias tiradas no decorrer destas sessões. (Apêndice 12)

Sousa (2003a) acrescenta, defendendo que ao se estimular a criatividade é mostrar à criança que se acredita nas suas competências criativas, levando-a a compreender que "afinal a técnica é apenas um meio para dar forma à sua imaginação criativa." (p. 196).

A livre experiência através das várias expressões artísticas permitem à criança a possibilidade de expressar livremente a sua emoção e, consequentemente fortalecer uma base sólida para as aprendizagens cognitivas. (Sousa, 2003a).

Este aspeto da liberdade de expressão é comprovado através das OB realizadas, em que a criança perante a experimentação de algo novo, teve um maior envolvimento nas atividades. Nomeadamente, "adorou utilizar a máquina sizzix", "quis logo escolher o cortante e o tecido a utilizar"(OB14 e Apêndice 11)

Para Sousa (2003b), a Expressão Plástica é fundamentalmente uma atividade natural, livre e espontânea das crianças. O pintar é uma linguagem plástica expressiva que independentemente da sua idade e cultura é acessível a todos. Nem sempre esta técnica suscita envolvimento por parte da criança, mas quando associada a outras técnicas, há um maior envolvimento por parte da criança. Este facto pode ser comprovado através da OB4, em que a criança "mostrou grande envolvimento na pintura", e da OB7em que "mostrou um grande envolvimento na pintura do palhaço", e da OB8 em que "mostrou –se bastante interessada".

Também a UNESCO (2006) defende que "Todos os seres humanos têm potencial criativo. A arte proporciona uma envolvente e uma prática, incomparáveis, em que o

educando participa ativamente em experiências, processos e desenvolvimentos criativos." (p. 6).

Contudo, ambas as Técnicas frisaram que nas suas sessões também utilizavam atividades de EP, tais como"(…) Colagens, recortes, pinturas, enfiamentos, grafismos." Técnica A1, e "(…) Pintura, começando pela digitinta e depois o pincel, e massas também, a moldagem.", Técnica A2.

Assim pode-se afirmar que a Educação Artística "contribui para uma educação que integra as faculdades físicas, intelectuais e criativas e possibilita relações mais dinâmicas e frutíferas entre educação, cultura e arte" (UNESCO:2006, p.6).

5.6 Alterações no comportamento com recurso à EP

Oliveira e Santos (2004) mencionam que a arte, particularmente a EP, tem efeitos terapêuticos, pelo que é um bom recurso para atenuar ou até mesmo resolver determinadas dificuldades de comunicação e comportamento que algumas crianças apresentam. "A Expressão Plástica, para além de ser uma via de expressão e comunicação excecional, proporciona-lhes segurança, estabilidade e canaliza a sua energia de uma forma criativa". (Oliveira & Santos, 2004, p.29).

Relativamente a estas alterações no comportamento ambas as técnicas foram unanimes em garantir que existe os dois lados da moeda, " Se para aquela criança em questão ele gostar é estimulante.", mas também " tenho crianças que não aceitam, que é uma luta trabalhar esta parte sensorial. Fazer um simples trabalho de digitinta, de espuma, aquilo é penoso para elas.", Técnica A1. A Técnica A2 afirma que "(…) o primeiro impacto é a recusa, o não quererem fazer. Sinto que é um comportamento que eles evidenciam perante o inesperado, de não saberem se são capazes, o medo do fracasso.", mas que "(…) depois quando apoio essa participação deles e eles têm inteira liberdade para exprimirem, eles aderem bem."

Também no decorrer das OB se constatou que a criança alterava o seu comportamento durante a realização das atividades de EP. Estas alterações iam desde um grande envolvimento, o que se pode comprovar através da OB14, em que "desde o início…um grande envolvimento", o que levava a criança a tentar "aperfeiçoar a que tinha realizado de manhã." (OB14) Por outro lado também houve atividades em que a criança apresentou um fraco envolvimento, o que acabou não só por influenciar o resultado

final da atividade como também o tempo de realização da mesma. O que se pode comprovar através da OB3, pois a criança "recortou a imagem de imediato não se preocupando se cortava bem", realizando a mesma em apenas 5 minutos.

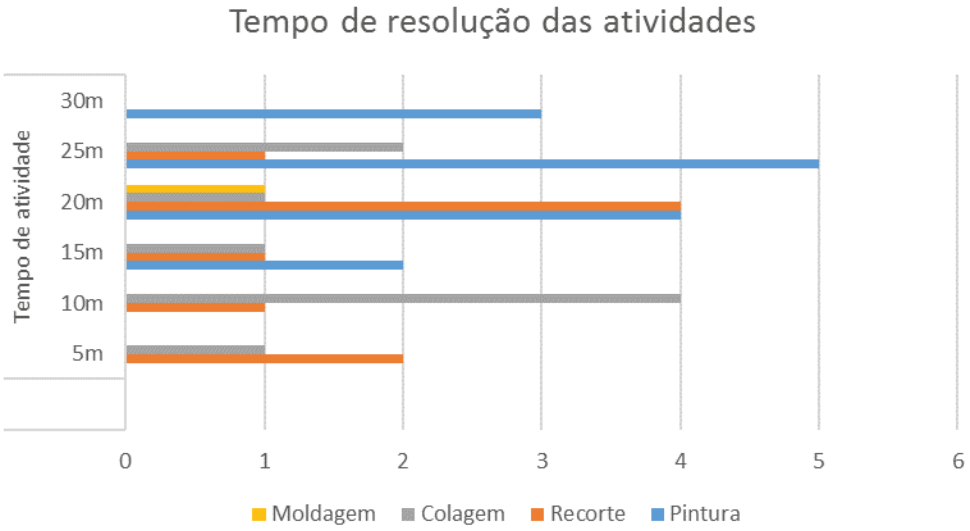


Gráfico 1 – Tempo de resolução das atividades

Assim, pode-se comprovar que houve atividades em que a criança demorou mais tempo do que outras, o que nos leva a concluir que existe uma preferência por este tipo de atividades, levando a um maior envolvimento por parte da criança.

São várias as crianças e jovens que apresentam uma insegurança muito grande, uma baixa autoestima, pois muito são «marcados» por experiências negativas, por vezes, não fazem e têm medo de fazer, porque têm medo de errar. Este tipo de atividades permite que eles explorem técnicas e materiais livremente, o que os vai ajudar no seu processo de autoafirmação. (Teixeira, 1991).

Este fato foi verificado na OB1, pois a criança "foi colando os papéis de acordo com a sua imaginação e gosto". Mas também o medo de errar se verificou através da OB3 em que a criança "mostrou alguma relutância em colar pedaços de plasticina…"

Também o tempo que a criança despendeu para a realização de cada atividade foi de encontro ao comportamento que esta teve perante a atividade. Assim, houve atividades que suscitaram mais o envolvimento da criança do que outras, nomeadamente na OB10

em que " adorou a pintura ao ar livre", em que levou cerca de 30 minutos a realizar a atividade, e "foi colando os pedaços de lã de acordo com o que a Educadora solicitou", levando apenas 5 minutos a realizar a atividade.

Assim, e de acordo com as OC "Tornam-se situações educativas quando implicam um forte envolvimento da criança que se traduz pelo prazer e desejo de explorar e de realizar um trabalho que se considera acabado." (O.C.; 1997:61)

Santos (1999) refere que um dos fins sempre presentes da Educação pela Arte é a felicidade da pessoa, alegando que ao valorizar-se o afeto universal do amor, promove-se uma pedagogia de alegria, uma educação da afetividade, com predominância do amor e da alegria, estrutura uma mais fraterna, aberta e compreensiva educação moral.

5.7.Conceito de expressão plástica e comunicação

São diversas as perspetivas sobre o reconhecimento do valor educativo da Expressão plástica.

Das leituras realizadas constata-se uma discussão intensa sobre a validade das Expressões Artísticas, em particular da Expressão Plástica / Artes Plásticas como área do Saber ou como meio para a construção de conhecimentos noutros domínios do Saber.

Segundo a Comissão Nacional da UNESCO (2006, p. 5) "além disso, a educação na arte e pela arte estimula o desenvolvimento cognitivo e pode tornar aquilo que os educandos aprendem e a forma como aprendem, mais relevante face às necessidades das sociedades modernas em que vivem", constituindo, assim, um fator relevante na promoção de um desenvolvimento sustentável de todas as Nações.

Neste sentido, ao contrário do que muitos investigadores, educadores e professores acreditam, a "experiência artística é tão completamente racional e envolve tão completamente o conhecimento e a compreensão como qualquer disciplina no currículo, incluindo as denominadas áreas centrais: matemáticas e ciências" (Best, 1996, p. 33). Para este autor "o conceito e a racionalidade são inseparáveis da sensibilidade e criatividade artística, quer sejam espontâneas ou não" pelo que "imaginação, criatividade e sensibilidade são tão importantes nas ciências como nas artes; e cognição, racionalidade e o desenvolvimento da compreensão conceptual são tão importantes nas artes como nas ciências" (op. cit., 1996, p. 26-27).

Ambas as Técnicas têm a mesma opinião afirmando "(…)que há uma grande ligação. A expressão plástica é uma forma de comunicar. Estão interligadas. Isto não é estanque."(A1), e "A EP é uma forma de comunicação para mim. Nós podemos comunicar através da nossa expressividade (…)" (A2)

Na mesma linha de pensamento, Barbosa (2005a, 2005b); Rodríguez (2003), cit. por Oliveira,(2007), têm evidenciado a importância da Arte no desenvolvimento cognitivo da criança, o que a afasta de funções somente lúdicas e recreativas (Biasoli, 1999, cit. por Oliveira, 2007).

Também através das OB realizadas se verificou que com a EP a criança consegue exprimir artisticamente o que muitas vezes não consegue oralmente. Nomeadamente através da OB9 em que após a canção a criança "concentrou-se a realizar o desenho.", o que se pode verificar na fotografia da Observação 9 do Apêndice 12.

Pode-se então afirmar que a EP deve ser vista como "(…) meio facilitador do desenvolvimento da "expressividade, (…) (Oliveira, 2007), da Comunicação da criança.

5.8 Definição do Conceito DC

De acordo com DSM-IV-R (APA,1996), o DC é caraterizado por um funcionamento intelectual global inferior à média, definido por um QI de 70 ou inferior, apresentando limitações no funcionamento adaptativo e intelectual, bem como no comportamento, com início antes dos 18 anos.

Desta forma, seguindo a mesma perspetiva, a Técnica A2 define DC como "alterações nas funções intelectuais que leva a pessoa a não ter um conhecimento real do ambiente em que está inserido, geral, para não ir às académicas."

Quando se toma em consideração a criança com défice cognitivo, constata-se que défices no comportamento adaptativo conduzem à diminuição da qualidade do seu funcionamento perante as exigências ambientais, implicando, por sua vez, comportamentos desajustados. Tal situação é motivada por variáveis pessoais e sociais, nomeadamente, ao nível cognitivo, afetivo e social (Cunha & Costa, 2007).

Por sua vez a Técnica A1 Afirma que DC " (…) é quando uma criança apresenta dificuldades na aprendizagem, que por sua vez se vai refletir no seu desenvolvimento global."

As crianças com esta problemática sentem dificuldade em perceber as informações relevantes do meio, em memorizar, em exprimir-se ou em imaginar novos conhecimentos. Como se pode supor, estas enfrentam dificuldades na escola, porém, aprendem, necessitam é de mais tempo para isso. Considerando as dificuldades que apresentam no seu desenvolvimento global, é importante oferecer-lhes um bom ambiente de aprendizagem que as ajude a abandonar a atitude passiva de recetores de informação. (Alves, Faria, Mota & Silva, 2008).

5.9. Contributo da EP para a promoção da Comunicação de crianças com DC

A Técnica A2, afirma que "(…) sendo uma expressão, dando-lhes a hipótese de ser espontâneos e criativos e não terem que cumprir um código de regras, ou de exigências mais intelectuais, permite com que a criança treine a espontaneidade e exprima aquilo que sente, isso é Comunicação." Este facto vai de encontro com as O.C., pois a Educação Pré-Escolar tem por objetivo, entre outros, desenvolver a "expressão e comunicação através de linguagens múltiplas como meios de relação, de informação, de sensibilização estética e de compreensão do mundo", o que implica a aprendizagem não só de conhecimentos, como de atitudes e do saber-fazer (M.E./D.E.B, 1997, p. 47).

Assim, também no domínio da Expressão Plástica o Educador deve perceber quais as experiências prévias da criança e, a partir daí, incentivá-la a desenvolver processos criativos ricos, reveladores do pensamento crítico e reflexivo e da capacidade de transformação dos materiais e formas de pensar (M.E./D.E.B., 1997).

Também a Técnica A1 afirma que "Bastante (…) através da EP eles conseguem Comunicar, dizer sentimentos, e nós conseguimos interpretar as suas necessidades." O domínio da Expressão Plástica é assim entendido como meio de representação e comunicação, permitindo "recriar momentos de uma atividade, aspetos de um passeio ou de uma história", (apêndice fotos) bem como de documentação que posteriormente podem ser usadas para fazer uma retrospetiva dos processos realizados, para avaliar os progressos das crianças e para "transmitir aos pais e comunidade o trabalho desenvolvido" (M.E./D.E.B, 1997, p. 62).

A Expressão Plástica poderá ser um recurso educativo essencial nesta área, já que permite à criança vivenciar situações de identificação com o seu próprio trabalho e

desenvolver competências de autoexpressão. Assim, como afirma Fróis et al (2000) as instituições educativas deveriam ser um lugar repleto de cultura, arte, respeito mútuo, unidade e diversidade.

A Técnica A1 é unânime em afirmar que " através dos materiais que nós utilizamos (…) também se promove a promoção da Comunicação através da EP junto de crianças com DC. Esta ideia também é corroborada pela Técnica A2, a qual diz que "(…)é darmos "oportunidade à pessoa de criar algo" "(…) é a pessoa pegar nos materiais e alterar" e "isso é precisamente promover a comunicação."

Desta forma é pertinente a escolha dos materiais, pois "(…) são meios de alargar as experiência, desenvolver a imaginação e as possibilidades de expressão." (M.E./D.E.B, 1997:63)

Também através das OB realizadas se verificou que a EP é um grande contributo para a promoção da Comunicação, pois a criança conseguiu expressar através do desenho, da pintura, da moldagem, do recorte e da colagem, sentimentos, ideias, pensamentos que de outra maneira lhe era difícil comunicar. As fotografias das atividades tiradas ao longo destas OB são exemplo disso.

Conclusões e Recomendações

Tudo começou numa folha em branco… A inspiração e motivação foi a criança e a EP. Os materiais e recursos foram os conteúdos abordados nas diversas unidades curriculares do curso, os livros, os artigos e as pesquisas ligados ao tema e à metodologia. A entrevista, as observações realizadas e o respetivo conteúdo foram as pinceladas de cor. A experiência, empenho, dedicação e o apoio de muitas pessoas, foi o que guiou a mão para dar o toque final à pintura. Contudo, fica sempre o sentimento que a obra não está concluída mesmo depois de assinada. Mais um rabisco aqui, uma pincelada ali…

Quanta vezes já aconteceu… a seguir a um dia de trabalho, no caminho de casa, à hora de almoço ou até mesmo antes de dormir, se pensa e reflete sobre a estratégia e recursos a utilizar para ajudar aquela ou aquelas crianças a ultrapassarem as suas dificuldades e a potencializar as suas capacidades?

Assim, e de acordo este com o artigo 29, da Convenção dos Direitos da Criança, a "A educação da criança deve destinar-se a promover o desenvolvimento da personalidade da criança, dos seus dons e aptidões mentais e físicos na medida das suas potencialidades…"

O facto de se verificar que as crianças ficam mais recetivas às aprendizagens quando as mesmas envolvem trabalhos na área da EP surge a ideia: Porque não apontar através de um estudo os contributos da EP para o desenvolvimento da Comunicação de crianças com DC? Neste sentido e a par de uma motivação pessoal, este trabalho foi desenvolvido pela necessidade de sensibilizar a comunidade educativa para os contributos da EP, pela alteração de atividades de ensino-aprendizagem e, claro, pela vontade de auxiliar as crianças com DC no desenvolvimento da Comunicação, pois esta é uma preocupação pertinente no meio escolar.

Assim, e de acordo com o Roteiro da Unesco para a Educação Artística, esta "(…) contribui para a melhoria da aprendizagem e para o desenvolvimento de capacidades pela importância que dá às estruturas flexíveis (tais como as matérias e os papéis situados no tempo), à importância para o educando (ligada de modo significativo à vida das crianças e ao seu ambiente social e cultural), e à cooperação entre os sistemas e recursos de aprendizagem formal e não formal." (2006:19)

A caminhada desta investigação vem assim facultar mais conhecimento acerca dos contributos da EP no desenvolvimento da Comunicação de crianças com DC em contexto pré-escolar.

Ao rever os passos fundamentais do trabalho desenvolvido, considera-se que os fundamentos teóricos mostraram ser muito relevantes no aprofundamento de conceitos e teorias da problemática em análise. Toda a pesquisa relativamente ao método qualitativo, as técnicas e instrumentos de recolha de dados foram fundamentais e enriquecedores para a sua perceção e para o desenvolvimento do trabalho pautado pelo rigor.

Primeiramente tinha-se planeado apurar as opiniões de Educadoras da Instituição, para se poder fazer uma comparação entre eles, pois é um ciclo de ensino que mais contacto têm com a EP. Contudo, e uma vez que se trata de um estudo de caso sentiu-se a necessidade de averiguar as opiniões das Técnicas que trabalhavam diretamente com a criança em questão e realça-se que foi uma mais-valia para o presente estudo.

Através do conteúdo recolhido conseguiu-se chegar a conclusões que dão resposta à questão de partida - Quais os contributos da Expressão Plástica para o desenvolvimento da Comunicação de alunos com Défice Cognitivo em contexto pré-escolar?

Tendo em conta que as crianças com DC são caraterizadas por terem um fraco rendimento académico, um ritmo de aprendizagem e desenvolvimento mais lento comparativamente aos alunos da sua idade e ditos «normais», e que, paralelamente, a nível social e relacional mostram falta de autoestima e dificuldades de socialização, pois habitualmente são tímidos ou possuem comportamentos pouco corretos. Assim, a EP contribui para :

Fomentar nas crianças com DC uma maior autoestima, motivação, criatividade, sensibilidade estética, gosto pelas aprendizagens,

Promover uma melhor comunicação, capacidade de transmitir o que quer e o que sente, libertação de tensões, liberdade de expressão, equilíbrio emocional e da personalidade;

Ajudar na adquisição aprendizagens e consolidação de conhecimentos;

Aumentar a capacidade de atenção, de pré disposição para as aprendizagens e a rapidez de compreensão;

Estimular a memória;

Oferecer mais autonomia;

Desenvolver a destreza manual, a motricidade [praxia] fina, a lateralidade, a noção espacial, a coordenação visual e neuro motora;

Desenvolver sentimentos de cooperação, partilha, solidariedade e amizade;

As Técnicas entrevistadas declararam que a EP é um forte recurso no ensino Pré-escolar.. É bastante importante não só como meio de aprendizagem informal, como também como um meio de comunicação, através do qual a criança consegue expor todos os seus sentimentos, necessidades e capacidades.
Reforça-se mais uma vez a ideia que não importa o que o aluno cria, mas sim todo o processo da sua criação, a sua capacidade de expressão e a capacidade de libertação. Para Sousa (2003b) desenha-se, pinta-se e modela-se não para produzir uma obra de arte, mas pelo prazer que esses atos proporcionam.

Através das grelhas de observação constatou-se que a criança mostrava grande empenho na resolução das atividades E porquê? Porque este tipo de atividades tem um caráter mais lúdico, logo mais apelativo às aprendizagens e também promovem uma maior Comunicação
Com o que foi pesquisado e com o desenvolvimento da psicologia evolutiva, verifica-se que a criança aprende melhor fazendo, e no caso de crianças com DC, parece acontecer o mesmo. O facto de estas colocarem as mãos na «massa» faz com que sintam o que estão a fazer e lhes atribuam um sentido próprio. Se esta prática for negativa ou correr menos bem, deve-se ver o lado positivo, pois muitas vezes aprende-se com os erros. O experimentar, o mexer, o ter a oportunidade de fazer escolhas, faz crescer, desenvolver, aprender faz parte da vida. Como tal, é necessário trabalhar a EP para um melhor desenvolvimento da Comunicação, e pessoal de crianças com DC.

Assim, através da EP pode-se facultar às crianças com DC a aquisição das cores da alegria, a sensibilidade do belo e do estético e a eventualidade de pintar um novo caminho para compensar as suas necessidades e potencializar as suas capacidades.
Durante o período em que a criança frequenta o pré-escolar é essencial criarem-se situações que possibilitem o desenvolvimento das capacidades comunicativas. Inês Sim-Sim (2008), refere que, com a orientação do educador, as crianças devem ser estimuladas a desenvolver estas capacidades, e que as conduzam a um crescimento linguístico.

A EP cria uma ação educativa e até uma intervenção terapêutica que, se for bem orientada e trabalhada, desenvolve a criança integralmente. Promove a autoestima das crianças, faz com que sintam que são capazes, faz com que se sintam felizes na escola, que se sintam úteis na sociedade e contribui ainda para a preparação de um futuro auspicioso como cidadão.

A EP vem possibilitar que os alunos com NEE, e particularmente com DC, possam criar pontes de comunicação, afeto, amizade, desenvolver a sua criatividade, personalidade, formação e controlar emoções para os ajudar a construir laços mais fortes com a comunidade que os circunda.

Concluído o estudo, tem-se consciência que há muito mais para explorar e pesquisar sobre a temática em questão. Contudo, espera-se que o mesmo possa contribuir para futuras investigações e abra caminhos a outros trabalhos científicos nesta área, para promover práticas de qualidade e igualdade aliadas à variedade e motivação, de modo a que os contributos da EP promovam um desenvolvimento eficaz da Comunicação em crianças com DC, pois acredita-se que crianças felizes crescem e aprendem melhor…e pé ante pé se faz uma grande caminhada.

Linhas Emergentes de Pesquisa

Antes de mais, salienta-se que através do presente estudo a semente da pesquisa, o desejo de saber sempre mais, colocar novas questões e procurar encontrar soluções cresceram. Neste sentido e de forma contínua, ir-se-á aprofundar a revisão bibliográfica, visto que se está mais desperto para tudo o que diz respeito ao tema e problemática que se pesquisa, para se continuar a progredir e seguir novas linhas de investigação que nos levem a novos conhecimentos e que os mesmos consigam sempre ajudar outrém a melhorar a sua qualidade de vida.

Depois desta investigação, sente-se necessidade de realizar um estudo de investigação-ação com intervenção junto de alunos com DC, mas com uma duração significativa, ou seja, mais de seis meses, para que se tenha a possibilidade de observar a sua evolução educativa.

Também era ambicioso poder confrontar resultados académicos e de alunos com DC, onde em contexto Pré-escolar há um trabalho sistemático de EP e quando o mesmo não acontece.

Considera-se que os contributos da EP são pertinentes para trabalhar com alunos com DC, quer para o seu desenvolvimento educativo, sucesso académico, quer para o seu bem-estar, entende-se que é necessário dar o conhecimento destes contributos de modo a sensibilizar toda a comunidade educativa. Para tal, porque não estimular a criação de obras, de artigos alusivas ao assunto, designadamente a criação de materiais de apoio, estratégias com recurso à EP, atividades educativas, atividades de caráter social e relacional através da EP e também desenvolver formação para professores neste sentido.

Fontes de Consulta

1.Bibliografia

Alves, F., Faria, G., Mota, S. & Silva, S. (2008, outubro-dezembro). As TIC nas Dificuldades Intelectuais e Desenvolvimentais. Revista Diversidades, 22, pp. 25-27.

American Psychiatric Association (2002). Manual de Diagnóstico e Estatistica das Perturbações Mentais (DSM-IV-TR). 4ªedição. Lisboa: Climepsi Editores. (Trabalho original publicado em inglês, 2000).(APA,1996)

Arends, R. (1999). Aprender a ensinar. Lisboa: McGraw-Hill (Obra original publicada em 1995).

Baptista, J. A. (1999). O Sucesso de todos na Escola Inclusiva. In Conselho Nacional de Educação [CNE]. Uma Educação Inclusiva a partir da escola que temos. Lisboa: CNE.

Belo, C., Caridade, H. Cabral, L. & Sousa, R. (2008, outubro-dezembro). Deficiência Intelectual: Terminologia e Conceptualização. Revista Diversidades, 22, pp. 4-9.

Best, D. (1996). A racionalidade do sentimento. O papel das artes na educação. Porto: Edições ASA, pp. 15-34, 111-146, 255-283.

Bogdan, R. & Biklen, S. (1994). Investigação qualitativa em educação. Porto: Porto Editora.

Coll, C., Palacios, J. & Marchesi, A. (Org.). (1995). Desenvolvimento Psicológico e Educação: Necessidade Educativas Especiais e Aprendizagem Escola. (Vol.3) (M. Domingues, Trad.). Porto Alegre: Artmed

Correia, L. (2003). Inclusão e Necessidades Educativas Especiais – um guia para educadores e professores. Porto: Porto Editora.

Cunha, I., & Costa, C. (2007). Comportamentos (des)adaptados: causa ou efeito da deficiência mental?.Cadernos de Estudo. Porto: ESE.

Cury, A. (2006). Pais brilhantes, professores fascinantes. Cascais: Editora Pergaminho. (Obra original publicada em 2004)

Cruz, V. (2009). Dificuldades de Aprendizagem Específicas. Lisboa: LIDEL – Edições Técnicas, Lda.

Dias, C. & Sousa, S. (2003). Artes & Manhas - Educação Visual e Tecnológica. Carnaxide: Santillana Constância.

Estrela, A. (1994). Teoria e Prática de Observação de Classes – uma estratégia de formação de professores (volume II, 4ª edição) Porto, Porto Editora

Ferreira, M. C., Ponte, M. N. & Azevedo, L. M.; (1999). Inovação Curricular na Implementação de Meios Alternativos de Comunicação em Crianças com Doença Neuromotora Grave. Lisboa. Secretariado Nacional para a Reabilitação e Integração das Pessoas com Deficiência.

Foddy, W. (2002). Como perguntar – Teoria e prática da construção de perguntas em entrevistas e questionários. (L. Campos, Trad.). Oeiras: Celta. (Obra original publicada em 1993)

Fonseca, V. (2008). Dificuldades de aprendizagem. Abordagem neuropsicológica e psicopedagógica ao insucesso escolar. (4ª ed., pp 390-546). Âncora Editora, Lisboa.

Fonseca, V. (2001). Cognição e aprendizagem. Lisboa: Âncora Editora.

Frois, J., et al. (2000). Educação estética e artística. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Genaro, K. F. (2011). "O processo de comunicação: contribuição para a formação de professores na inclusão de indivíduos com necessidades educacionais especiais", Pulso Editorial

Gloton, R. e Clero, C. (1976). A Atividade Criadora na Criança. Editorial Estampa. Lisboa. Gonçalves, E. (1991). A arte descobre a criança. Amadora: Raiz Editora, Lda.

Hernández, Hernández; MIÑARRO, Asunción; VIADEL, Ricardo (1991), Qué es la Educación Artística?. Barcelona: Sendai Ediciones

Jiménez, R. B. (1997). Educação Especial e reforma educativa. In R. Bautista (Coord.). Necessidades Educativas Especiais. Lisboa: Dinalivro.

Leite, Elvira; Malpique, Manuela; Santos, Mílice Ribeiro dos. (1989) Trabalho de Projecto 1. Aprender por Projectos Centrados em Problemas. Porto: Edições Afrontamento

Leite, E. e Malpique, M. (1986). Espaços de Criatividade: A Criança que fomos A Criança que somos...através da Expressão Plástica. Edições Afrontamento. Porto.

Lessard-Hébert, M., Goyette, G., & Boutin, G. (2008). Investigação qualitativa – Fundamentos e práticas. (M., J., Reis, Trad.). (3.ª ed.). Lisboa: Instituto Piaget. (Obra original publicada em 1990)

Lowenfeld, V. (1977). A Criança e a Sua Arte. Editora Mestre Jou. São Paulo

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO – DEPARTAMENTO DA EDUCAÇÃO BÁSICA (1997).Orientações curriculares para a educação Pré-Escolar. Lisboa: Ministério da Educação/Departamento de Educação Básica.

Moreira, C. D. (1994). Planeamento e estratégias da investigação social. Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas.

Nielsen, L. B. (1999). Necessidades educativas Especiais na sala de aula. Coleção Educação Especial. Porto: Porto Editora.

Oliveira, M. & Santos, A. (2004). A Arterapia: Os Efeitos Terapêuticos da Expressão Plástica e a sua Influência no Comportamento e Comunicação da Criança. Cadernos de Estudo. Porto: ESE de Paula Frassinetti, 1, pp. 27-33.

Oliveira, M. (2007). A expressão plástica para a compreensão da cultura visual. Saber(e)Educar. Porto: Escola Superior de Educação Paula Frassinetti. N.º12, pp. 61-78.

Onofre, P. S. (2004). A criança e a sua psicomotricidade. Lisboa: Trilhos Editora.

Pacheco, D., B. & Valencia, R., P. (1997). A Deficiência Mental. In R. Bautista (Coord.). Necessidades Educativas Especiais. Lisboa: Dinalivro.

Pardal, L. & Lopes, E. S. (2011). Métodos e Técnicas de investigação Social. Porto: Areal Editores.

Pignatari, D. (2003). Informação, Linguagem, Comunicação. São Paulo. Ateliê Editorial.

Quivy, R. & Campenhoudt, L. (2003). Manual de Investigação em Ciências Sociais. (J. M. Marques, M. A. Mendes & M. Carvalho, Trad.). (3ª ed.). Lisboa: Gradiva. (Obra original publicada em 1995)

Read, H. (2010). A Educação pela Arte. (A. Teixeira, Trad.). Lisboa: Edições 70. (Obra original publicada em 1943)

Read, H. (1982). A Educação pela Arte. Edições 70. Lisboa.

Ribeiro, A. (1990). Desenvolvimento Curricular. Texto Editora. Lisboa.

Ruquoy, D. (1997). Situação de entrevista e estratégia do entrevistador. In Albarello, L., Digneffe, F., Hiernaux, J., Moroy, C. Ruquoy, D. & Saint - Georges, P. (1ª ed.). Práticas e métodos de investigação em ciências sociais. Viseu: Gradiva.

Saint-Georges, P. (1997). Pesquisa e crítica das fontes de documentação nos domínios económicos, social e político. In Albarello, L. et al., (1ª ed.). Práticas e métodos de investigação em ciências sociais. Viseu: Gradiva.

Sanches, I. (1996). Necessidades educativas especiais e apoios e complementos educativos no quotidiano do professor. Porto: Porto Editora.

Santos, A. S. (1999). Estudos de Psicopedagogia e Arte. Lisboa: Livros Horizonte.

Santos, M. E. B. (2000). A Arte e Educar pela Arte in Educação Pela Arte; Biblioteca do Educador. Livros do Horizonte. Lisboa.

Santos, A. (2002). Problemas de Comunicação em alunos com necessidades especiais: Um contributo para a sua compreensão. Revista inclusão nº3, 2002, pp 21-38, Universidade do Minho, Braga, Edições Instituto Estudos da criança.

Sim-Sim, Inês; Silva, A. C. & Nunes, C. (2008), Linguagem e Comunicação no Jardim de Infância, Lisboa, Direcção Geral Desenvolvimento Curricular, Ministério da Educação

Sousa, A. B. (2009). Investigação em Educação. Lisboa: Livros Horizonte.

Sousa, A. B. (2003a). Educação pela Arte e Artes na Educação. Bases Psicopedagógicas. (1.º Vol.). Lisboa: Instituto Piaget, Horizontes Pedagógicos.

Sousa, A. B. (2003b). Educação pela Arte e Artes na Educação. Música e Artes Plásticas. (3.º Vol.). Lisboa: Instituto Piaget, Horizontes Pedagógicos.

Sousa, A. B. (1979). A Educação pelo Movimento Expressivo. Básica Editora. Lisboa.

Souza, A. M. (1974). Artes Plásticas na Escola. Edições Bloch. Rio de Janeiro

Tavares, J., Pereira, A., Gomes, A. L., Monteiro, S. & Gomes, A. (2007). Manual de Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem. Porto: Porto Editora.

Tavares, J. & Alarcão, I. (2002). Psicologia do Desenvolvimento e da Aprendizagem. Coimbra: Almedina.

Teixeira, M. P. C. (1991). As artes plásticas no ensino especial. In IV Encontro Nacional de Educação Especial Comunicações. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

UNESCO (1994). Declaração de Salamanca e enquadramento da acção das Necessidades Educativas Especiais: Acesso e Qualidade. Salamanca, Espanha. Edições do IIE.

Vieira, F. e Pereira, M. (2007). Se houvera quem me ensinara... A educação de pessoas com deficiência mental. (3ª ed., pp 58-62, 113, 112). Fundação Calouste Gulbenkian, Coimbra.

Vieira, F. e Pereira, M. (1996). Uma Perspectiva de organização curricular para a deficiência mental. (2ª ed., p.10). Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa.

Vigotski, L. S. (2001). Psicologia pedagogia. (C. Schilling, Trad.). Porto Alegre: Artmed Editora.

2.Eletrónicas

A Convenção sobre os Direitos das Crianças (1990). Acedido em 20 de Maio, 2014 de https://www.unicef.pt/docs/pdf_publicacoes/convencao_direitos_crianca2004.pdf

American Association on Intellectual and Developmental Disabilities [AAIDD], (2012). FAQ sobre Deficiência Intelectual. Acedido em 26 de junho, 2014 de http://www.aaidd.org/content_104.cfm

Censos 2011. Acedido em 12 de Maio, 2014 de http://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=censos& xpgid=censos2011

United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization [UNESCO], (2006). Roteiro para a educação artística. Desenvolver capacidades criativas para o século XXI. (F. Agarez, Trad.). Lisboa. Acedido em 11 de maio, 2014 de http://www.educacao artistica.gov.pt/documentos/Roteiro.pdf

3. Legislativas

Decreto-Lei n.º 3/2008 de 7 de Janeiro. Ministério da Educação.

Apêndices

Apêndice 1- Autorização para a realização da Investigação ao Conselho de Administração da Instituição

11. Nov. 2013 10:03 fundacao antonio silva leal-sa_ Nº. 4152 P. 1/1
351 217902175

Prof. Luciano

Ao Diretor
Prof. Luciano Pereira
A Ciência dos Elementos em
Interacção com a Educadora

to: Esclarecimento de dados a recolher

Dr. BRANCO MALVEIRO
Administrador
08 NOV. 2013

Exmo.(s) Senhore(s) do Conselho de Administração da Fundação António Silva Leal
Dr. Carlos Andrade, Dr. Valdemar Saleiro e Dr. António Branco Malveiro

Na sequência do vosso pedido de esclarecimento, venho por este meio fornecer a informação solicitada. De acordo com a temática elaborada " A importância da Expressão Plástica no desenvolvimento da Linguagem de crianças com deficit cognitivo.", inicialmente os dados a recolher dizem respeito à Caracterização da Instituição. Posteriormente vou pretender recolher dados relativos a um dos meninos que atualmente se encontra na minha sala e que usufrui de Apoio da Intervenção Precoce. Dados estes, que dizem respeito à Anamnese, Avaliações da equipa de Intervenção Precoce, Plano Individual, Avaliações Trimestrais, Inquéritos/questionários aos Pais, fotografias dos trabalhos elaborados.
Como já havia referido os dados recolhidos são confidenciais, e em momento algum os participantes serão identificados, nem o bom funcionamento da Instituição será colocado em causa.

Sem nada mais a acrescentar. Atenciosamente.

Patrícia Maria Guerreiro Silva Brás
(Patrícia Maria Guerreiro Silva Brás)

Albufeira, 1 de Novembro de 2013

Apêndice 2 – Autorização para a recolha de dados junto do Encarregado de Educação

Exmo. Sr. Encarregado de Educação

Sou a Educadora de Infância do seu Educando e estou a fazer o Mestrado em Educação Especial – Domínio Cognitivo e Motor, na Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Beja. No âmbito da tese de mestrado, realizarei uma investigação que tem por objetivo Descrever e interpretar os contributos da Expressão Plástica para o desenvolvimento da Comunicação de alunos com Défice Cognitivo em contexto de sala de Pré-escolar.

A investigação será desenvolvida durante o presente ano letivo, no Centro Infantil (Nome do Centro Infantil),tendo já sido autorizada pelo respetivo Conselho de Administração. Para o seu desenvolvimento será necessário proceder à recolha de todo o tipo de dados (biográficos, diagnósticos, fotografias, vídeos, entrevistas, observação natural) de algumas atividades de Expressão Plástica.

Para o efeito, solicito a sua autorização para a recolha destes dados acerca do seu Educando.

Saliento que os dados recolhidos serão usados exclusivamente como materiais de trabalho, estando garantida a privacidade e anonimato dos participantes. Manifesto, ainda, a minha inteira disponibilidade para prestar qualquer esclarecimento que considere necessário.

Na expectativa de uma resposta favorável, subscrevo-me com os melhores cumprimentos.

A Investigadora

(Educadora Patrícia Brás)

Autorização

Eu, Alvarina A. C. P. Vieira, Encarregado de Educação de X, utente nº....., da Sala 5, autorizo que a Educadora Patrícia Brás proceda à recolha de dados do meu educando, no âmbito da investigação que me foi dada a conhecer.

Albufeira, 4 de Fevereiro 2014

Alvarina A.C.M. Vieira

(Assinatura do Encarregado de Educação)

Apêndice 3 – Autorização para a recolha de dados junto da Equipa de SNIPI

Exmo. (a) . Sr. (a) Educadora de Infância (a) da Equipa de Intervenção Precoce

Sou a Educadora de Infância do menino X (nome do menino) e estou a fazer o Mestrado em Educação Especial – Domínio Cognitivo e Motor, na Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Beja. No âmbito da tese de mestrado, realizarei uma investigação que tem por objetivo descrever e interpretar os contributos da Expressão Plástica para o desenvolvimento da Comunicação de alunos com Défice Cognitivo em contexto de sala de Pré-escolar.

A investigação será desenvolvida durante o presente ano letivo, no Centro Infantil (Nome do Centro Infantil),tendo já sido autorizada pelo respetivo Conselho de Administração. Para o seu desenvolvimento será necessário proceder à recolha de todo o tipo de dados (biográficos, diagnósticos, terapêuticos), reunidos pela Vossa Equipa de Intervenção Precoce.

Para o efeito, solicito a sua autorização para a consulta destes dados acerca do menino X, o qual é acompanhado pela Vossa Equipa de Intervenção Precoce.

Saliento que os dados recolhidos serão usados exclusivamente como materiais de trabalho, estando garantida a privacidade e anonimato do participante. Manifesto, ainda, a minha inteira disponibilidade para prestar qualquer esclarecimento que considere necessário.

Na expectativa de uma resposta favorável, subscrevo-me com os melhores cumprimentos.

A Investigadora

(Educadora Patrícia Brás)

Autorização

Eu...Sandra Pereira.....
...,Educadora de Infância da Equipa de Intervenção Precoce de.....X....., autorizo que a Educadora Patrícia Brás proceda à recolha de dados do mesmo, no âmbito da investigação que me foi dada a conhecer.

Albufeira, ...3..... de .....Fevereiro...2014

.....Sandra Pereira.....

(Assinatura de Educadora de Infância (a) da Equipa de Intervenção Precoce)

Exmo. (a) . Sr. (a) Coordenador (a) da Equipa de Intervenção Precoce

Sou a Educadora de Infância do menino X(nome do menino) e estou a fazer o Mestrado em Educação Especial – Domínio Cognitivo e Motor, na Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Beja. No âmbito da tese de mestrado, realizarei uma investigação que tem por objetivo descrever e interpretar os contributos da Expressão Plástica para o desenvolvimento da Comunicação de alunos com Défice Cognitivo em contexto de sala de Pré-escolar.

A investigação será desenvolvida durante o presente ano letivo, no Centro Infantil (Nome do Centro Infantil),tendo já sido autorizada pelo respetivo Conselho de Administração. Para o seu desenvolvimento será necessário proceder à recolha de todo o tipo de dados (biográficos, diagnósticos, terapêuticos), reunidos pela Vossa Equipa de Intervenção Precoce.

Para o efeito, solicito a sua autorização para a consulta destes dados acerca do menino E, o qual é acompanhado pela Vossa Equipa de Intervenção Precoce.

Saliento que os dados recolhidos serão usados exclusivamente como materiais de trabalho, estando garantida a privacidade e anonimato do participante. Manifesto, ainda, a minha inteira disponibilidade para prestar qualquer esclarecimento que considere necessário.

Na expectativa de uma resposta favorável, subscrevo-me com os melhores cumprimentos.

A Investigadora

(Educadora Patrícia Brás)

Autorização

Eu..Ana Paula Serrão Martins.....

...,Coordenador(a) da Equipa de Intervenção Precoce

de...Loulé....., autorizo que a Educadora Patrícia Brás proceda à recolha de dados do mesmo, no âmbito da investigação que me foi dada a conhecer.

Albufeira, ...10..... de ...Janeiro.....2014

.....Paula Martins.....

(Assinatura de Coordenador (a) da Equipa de Intervenção Precoce)

Apêndice 4 – Guião de Entrevista para a Terapeuta Ocupacional e Educadora de Intervenção Precoce

a) Guião

Autora do trabalho: Patrícia Maria Guerreiro Silva Brás

Tema: O Contributo da Expressão Plástica na promoção da Comunicação de crianças com Défice Cognitivo.

Objetivo: Recolher dados de opiniões sobre o contributo da Expressão Plástica na promoção da Comunicação de crianças com Défice Cognitivo.

Entrevistado: Educadora de Infância da SNIPI (A1)

Data: 20 de Março de 2014

Local: Centro Infantil "o Búzio"

Blocos Temáticos	Objetivos Específicos	Tópicos
A Legitimação da Entrevista	- Enquadrar a entrevista e respetivo objetivo. - Motivar o entrevistado. - Fornecer e garantir a confidencialidade à entrevista. -	- Apresentação. - Razões da entrevista. - Garantia de confidencialidade.
B Perfil dos entrevistados	- Caraterizar o entrevistado.	- Idade. - Género. - Habilitações académicas. - Tempo de serviço. -Idade (s) que acompanha
	- Verificar como a E.I .	

C Caracterização de crianças com Défice Cognitivo	caracteriza o aluno com DC, a nível de aprendizagem. - Verificar como a E.I. caracteriza o aluno com DC, a nível social e relacional.	- Caracterização de aluno com DC a nível aprendizagem. - Caracterização de aluno com DC a nível social e relacional
D Impacto na Comunicação do uso da Expressão Plástica em alunos com Défice Cognitivo	- Apurar se a E.I. recorre à EP durante as sessões - Verificar o que a E.I. pensa sobre o recurso à EP como meio de promoção da Comunicação de crianças com DC. - Apurar quais as atividades de EP que a E.I. recorre para melhorar a Comunicação de crianças com DC. - Verificar se ocorrem alterações comportamentais quando recorre à EP.	- Momentos e situações que se recorre à EP. - EP como meio de consolidação e aprendizagem. - Atividades de EP para melhorar o desenvolvimento da Comunicação. - Alterações comporta- mentais que verifica nas crianças com DC quando recorre à EP nas suas sessões.
E Contributos da Expressão Plástica para a promoção da Comunicação	-Apurar a opinião da E.I.. sobre os conceitos de E.P., Comunicação e D.C. - Apurar em que medida a E.I. considera que a EP contribui para a promoção da Comunicação de alunos com	Conceito de E.P. Conceito de Comunicação Conceito de D.C. - Contributo da EP para a promoção da

	DC.	Comunicação.
F Informação adicional e agradecimentos	Esgotar todas as possibilidades de recolher informação relevante ao estudo.	Incentivar a pertinência de informação adicional sobre a temática abordada.

a) Guião

Autora do trabalho: Patrícia Maria Guerreiro Silva Brás

Tema: O Contributo da Expressão Plástica na promoção da Comunicação de crianças com Défice Cognitivo.

Objetivo: Recolher dados de opiniões sobre o contributo da Expressão Plástica na promoção da Comunicação de crianças com Défice Cognitivo.

Entrevistado: Terapeuta Ocupacional (A2)

Data: 24 de Março de 2014

Local: Centro de Saúde de Albufeira

Blocos Temáticos	Objetivos Específicos	Tópicos
A Legitimação da Entrevista	- Enquadrar a entrevista e respetivo objetivo. - Motivar o entrevistado. - Fornecer e garantir a confidencialidade à entrevista.	- Apresentação. - Razões da entrevista. - Garantia de confidencialidade.
B Perfil dos entrevistados	- Caraterizar o entrevistado.	- Idade. - Género. - Habilitações académicas. - Tempo de serviço. -Idade (s) que acompanha

C Caracterização de crianças com Défice Cognitivo	- Verificar como a E.I . caracteriza o aluno com DC, a nível de aprendizagem. - Verificar como a E.I. caracteriza o aluno com DC, a nível social e relacional.	- Caracterização de aluno com DC a nível aprendizagem. - Caracterização de aluno com DC a nível social e relacional
D Impacto na Comunicação do uso da Expressão Plástica em alunos com Défice Cognitivo	- Apurar se a E.I. recorre à EP durante as sessões - Verificar o que a E.I. pensa sobre o recurso à EP como meio de promoção da Comunicação de crianças com DC. - Apurar quais as atividades de EP que a E.I. recorre para melhorar a Comunicação de crianças com DC. - Verificar se ocorrem alterações comportamentais quando recorre à EP	- Momentos e situações que se recorre à EP. - EP como meio de consolidação e aprendizagem. - Atividades de EP para melhorar o desenvolvimento da Comunicação. - Alterações comporta- mentais que verifica nas crianças com DC quando recorre à EP nas suas sessões.
E Contributos da Expressão Plástica para a promoção da Comunicação	-Apurar a opinião da E.I.. sobre os conceitos de E.P., Comunicação e D.C. - Apurar em que medida a E.I. considera que a EP contribui para a promoção da Comunicação de alunos com DC.	Conceito de E.P. Conceito de Comunicação Conceito de D.C. - Contributo da EP para a promoção da Comunicação.

F Informação adicional e agradecimentos	Esgotar todas as possibilidades de recolher informação relevante ao estudo.	Incentivar a pertinência de informação adicional sobre a temática abordada.

Apêndice 5 – Guião de Entrevista ao Diretor Técnico da Valência

a) Guião

Autora do trabalho: Patrícia Maria Guerreiro Silva Brás

Tema: O Contributo da Expressão Plástica na promoção da Comunicação de crianças com Défice Cognitivo.

Objetivo: Recolher informação acerca da Instituição e da respetiva Valência

Entrevistado: Diretor Técnico

Data: 30 de Julho de 2014

Local: Centro Infantil "O Búzio"

Blocos Temáticos	Objetivos Específicos	Tópicos
A Legitimação da Entrevista	- Enquadrar a entrevista e respetivo objetivo. - Motivar o grupo de entrevistados. - Fornecer e garantir a confidencialidade à entrevista. -	- Apresentação. - Razões da entrevista. - Garantia de confidencialidade.
B Perfil do entrevistado	- Caraterizar o entrevistado.	- Idade. - Género. - Habilitações académicas. - Tempo de serviço. -Formação Complementar
C Caraterização da Instituição	- Verificar como caracteriza a Instituição. - Apurar se existem, existiram crianças com NEE na Instituição - Verificar se a Instituição	- Caracterização da Instituição. - Historial de crianças com NEE na Instituição - Existência de pessoal

	possui Técnicos de apoio às NEE	especializado de apoio às NEE nos quadros da Instituição
D Parcerias com outras Instituições	- Apurar se existem parcerias com outras instituições, técnicos, médicos, centro saúde, entre outros - Apurar se existem parcerias com instituições de apoio às NEE	- Parcerias com comunidade geral - Parcerias com instituições de apoio às NEE
E Apoio às crianças com NEE	- Verificar como é realizado o encaminhamento de crianças com NEE - Apurar como é feito o acompanhamento de crianças com NEE na Instituição	- Encaminhamento de crianças com NEE - Acompanhamento de crianças com NEE
F Informação adicional e agradecimentos	Esgotar todas as possibilidades de recolher informação relevante ao estudo.	Incentivar a pertinência de informação adicional sobre a temática abordada.

Apêndice 6 – Protocolo da Entrevista (A1 – Educadora SNIPI)

1) Fale-me um pouco de si: idade, género, habilitações literárias, tempo de serviço, formação complementar.

Tenho 38 anos, sexo feminino. Inicialmente tirei o bacharelato em Educação de Infância. Em 2004 tirei o complemento. Mais tarde tirei a Pós-graduação e Mestrado em Necessidades Educativas Especiais. Tenho já 13 anos de serviço.

Em relação à Formação Complementar na área da Expressão Plástica, tive durante o Complemento da Licenciatura. Durante as formações de NEE, tenho sempre formação na área de Expressão plástica.

Os primeiros 5 anos trabalhei no particular. Depois concorri e fiquei colocada no público. Estive em jardins de infância do Alentejo e Algarve. Desde o primeiro ano de colocação tive sempre meninos com NEE na sala. O primeiro foi um menino Autista, que ainda não tinha sido diagnosticado. Os pais também não aceitavam. Foi um pouco difícil. Foi através dele que nasceu o bichinho para trabalhar com meninos com NEE.

2) Como carateriza uma criança com DC a nível social e relacional?

A nível social e relacional pode estar bem, pode estar completamente integrada.

O DC à partida não implica alguma alteração a nível social e relacional.

3) Como caracteriza uma criança com DC a nível aprendizagem?

São crianças com muita dificuldade em adquirir conceitos, em conseguir perceber para além do concreto. Não conseguem entender as coisas e depois aplicar no dia-à-dia.

4) Em que momentos e situações recorre à EP com uma criança com DC?

À Exp. Plástica quase sempre. Na nossa área, Pré-escolar, é através das expressões que melhor conseguimos atingir os objetivos. Depende da criança em si. As que utilizo mais é a digitinta. As mãos, tocar na tinta, as texturas. As crianças gostam. Aderem bem. Consigo captar a atenção deles e ao mesmo tempo trabalhar aquilo que eu quero. Por exemplo no caso do menino X, tenho 2 sessões por semana, pelo que utilizo pintura, a digitinta, o desenho, nas 2

sessões. Eu sei que se lhe apresentar uma atividade que seja estimulante para ele, vai-se concentrar e realizar a atividade.

5) Oque pensa sobre o recurso á EP como meio de aquisição ou consolidação de aprendizagens em crianças com DC?
Acho que é excelente. Penso que é um recurso que tem mesmo que usado. É impossível não utilizar, principalmente no Pré-escolar. É através do explorar, do brincar, do ter contato com diversos materiais, texturas, através das quais aprende as coisas básicas. Não somos um ensino formal.

6) A que tipo de atividades de EP recorre para melhorar o desenvolvimento educativo de crianças com DC?
Colagens, recortes, pinturas, enfiamentos, grafismos.

7) Descreva as alterações comportamentais que verifica nas crianças com DC quando recorre à EP nas suas sessões.
Se para aquela criança em questão ele gostar, é estimulante. Mas também tenho crianças que não aceitam, que é uma luta trabalhar esta parte sensorial. Fazer um simples trabalho de digitinta, de espuma, aquilo é penoso para elas. Não aceitam o toque, aquelas texturas.

8) Qual é a sua opinião sobre o conceito de Exp. Plástica e Comunicação?
Claro que há uma grande ligação. A expressão plástica é uma forma de comunicar. Estão interligadas. Isto não é estanque. Quando me dizem que estou a trabalhar a área da Formação Pessoal e Social, ou da matemática, estou a trabalhar as duas. Se eu dizer ao menino para me dizer o que vê na imagem, e quero trabalhar um conceito qualquer, porque os meninos estão a lavar as mãos, ele está a nomear, ou seja, interligo a EP e a Matemática.

9) Qual é a sua opinião sobre DC?
Para mim DC é quando uma criança apresenta dificuldades na aprendizagem, que por sua vez se vai refletir no seu desenvolvimento global.

10) Em que medida considera que a EP contribui para a promoção da Comunicação de crianças com DC?

Bastante, porque através da EP eles conseguem Comunicar, dizer sentimentos, e nós conseguimos interpretar as suas necessidades. Através dos materiais que nós utilizamos, tais como as imagens, os quadros de comunicação, diversos materiais.

Apêndice 7 – Protocolo da Entrevista (A2 – Terapeuta Ocupacional)

1) Fale-me um pouco de si: idade, género, habilitações literárias, tempo de serviço, formação complementar.

Tenho 50 anos, sexo feminino. Sou Terapeuta Ocupacional. Comecei a trabalhar em 1985.Tenho já aproximadamente 30 anos de serviço. Tenho formação complementar em arte e drama.

2) Como carateriza uma criança com DC a nível social e relacional?

É uma criança que tem dificuldades nas relações sociais que fujam um bocadinho do concreto. Se forem relações simples sem ambiguidades de emoções ou de expressões verbais é uma criança que consegue uma boa relação social funcional.

3) Como caracteriza uma criança com DC a nível aprendizagem?

É uma criança que apresenta dificuldades em acompanhar as crianças da idade dele, da faixa etária da idade dele. Necessita de adequar as estratégias de ensino. Ela não vai conseguir fazer uma aprendizagem igual, mas se simplificarmos as tarefas e darmos uma tarefa de cada vez e irmos acompanhando o ritmo dela é uma criança que irá conseguir o básico. As competências básicas da leitura, da escrita funcional que tenha uma aplicabilidade na vida diária dele.

4) Em que momentos e situações recorre à EP com uma criança com DC?

Eu, por hábito nas minhas sessões, recorro sempre no final de uma sessão. Tento manter sempre um registo da relação, da evolução, do grau de satisfação da criança nas minhas sessões. Todas as crianças que não conseguem fazer de forma escrita ou até mesmo verbal, eu utilizo a EP para o fazer. Vou ficando com o registo. Desenho, pitura, mais dentro do desenho, da pintura, digitinta.

5) O que pensa sobre o recurso à EP como meio de aquisição ou consolidação de aprendizagens em crianças com DC?

Pois eu penso que sim, que é um bom recurso, porque se eu deixar a criança à sua inteira criatividade e espontaneidade, a criança consegue expor através da utilização dos materiais, consegue de uma forma despreocupada pôr um pouco daquilo que ele sente, que ele sabe.

6) A que tipo de atividades de EP recorre para melhorar o desenvolvimento educativo de crianças com DC?

Pintura, começando pela digitinta e depois o pincel, e massas também, a moldagem.

7) Descreva as alterações comportamentais que verifica nas crianças com DC quando recorre à EP nas suas sessões.

Bom o primeiro impacto é a recusa, o não quererem fazer. Sinto que é um comportamento que eles evidenciam perante o inesperado, de não saberem se são capazes, o medo do fracasso. Mas depois quando apoio essa participação deles e eles têm inteira liberdade para exprimirem, eles aderem bem. Dificuldade em representarem. Numa representação, eles têm dificuldade numa representação mais real. Trabalham muito é com a combinação, a conjugação das cores, com o movimento. Quando se passa para o concreto têm mais dificuldades. Mas aí, tem a ver com a perceção do real, a perceção visual deles também, a coordenação visuo-motora. Porque muitas vezes a coordenação visuo-motora está comprometida porque muitas vezes a coordenação visuo-motora está comprometida no DC. Aliás, se calhar são as alterações que vão aumentar o DC porque não lhes permite fazer uma aprendizagem.

8) Qual é a sua opinião sobre o conceito de Exp. Plástica e Comunicação?

A EP é uma forma de comunicação para mim. Nós podemos comunicar através da nossa expressividade, só que o fazemos através do papel, de várias formas. Mas é essencialmente comunicação, é assim que eu vejo a EP.

9) Qual é a sua opinião sobre DC?

DC são alterações nas funções intelectuais que leva a pessoa a não ter um conhecimento real do ambiente em que está inserido, geral, para não ir às académicas.

10) Em que medida considera que a EP contribui para a promoção da Comunicação de crianças com DC?

A EP vai permitir com que eles consigam. Por isso mesmo, sendo uma expressão, dando-lhes a hipótese de ser espontâneos e criativos e não terem que cumprir um código de regras, ou de exigências mais intelectuais, permite com que a criança

treine a espontaneidade e exprima aquilo que sente, isso é Comunicação. A expressão de emoções, sentimentos de algo que o consiga exteriorizar, o que vai lá dentro. Então é um bocadinho isto, é que a criança através da EP consiga realizar uma tarefa sem que tenha num imediatamente o controle, se está bem, se está mal e permite….Se lhe damos uma tarefa em que ele pode mostrar algo que é diferente de todos, porque na EP, eu entendo que a EP é darmos oportunidade á pessoa de criar algo com os materiais que lhe damos e não copiar estereótipos. Não vou dar uma folha à pessoa e dizer, agora tens que pintar igual a este. Isso é uma pintura, é um exemplo que serve de molde. EP é a pessoa pegar nos materiais e alterar, consoante aquilo que possui. Ora, isso é precisamente promover a comunicação. E depois o feedback que nós lhes damos, aí sim, vai reforçar a iniciativa dele, a autoestima que produziu alguma coisa, e que é isso que é bom.

Apêndice 8 – Protocolo de Entrevista (B – Diretor Técnico)

1)Para começar fale-me um pouco de si: idade, género, habilitações e respetivo curso, tempo de serviço, formação complementar.

Tenho 37 anos. Estudei na Universidade do Algarve, na Escola Superior de Educação. Tirei o curso de Professor de Ensino Básico, variante Educação Física. Assim que terminei o curso entrei para a Instituição, e estou cá há cerca de 13 anos. Na direção técnica estou há cerca de 10 anos. Em relação à formação complementar não tenho nenhuma, nem na área das Necessidades educativas especiais.

2)Como caracteriza a Instituição?

A FASL é uma instituição particular de solidariedade social. Para além de outras respostas sociais, tem a parte da infância, onde se introduz aqui o Centro Infantil "o Búzio", que tem 2 respostas sociais, a creche e o pré-escolar. Na creche, nós temos acordo com a segurança social para cerca de 25 crianças, onde estão incluídas 2 salas, uma de 1 ano e outra de 2 anos. Na parte do pré-escolar temos 4 salas com acordo para cerca de 90 crianças.

E em relação aos grupos de crianças nas salas?

Os grupos de crianças, e tendo em conta a necessidade do mercado, neste momento são grupos heterogéneos, não na creche, mas sim no pré-escolar. No pré-escolar são grupos heterogéneos que vão desde os 3 anos até aos 5 ou até ingressarem no 1º ciclo do ensino básico.

3)Existem, ou existiram crianças com NEE na Instituição?

Normalmente existe sempre uma, duas crianças com necessidades educativas especiais. Por vezes são sinalizados casos que as Educadoras ao longo do ano letivo detetam. Mas normalmente existem sempre alguns casos com Necessidades educativas especiais.

4)A Instituição possui Técnicos especializados para dar resposta às necessidades de crianças com NEE?

A Instituição não possui Técnicos especializados. Convém lembrar que o nosso regulamento interno prevê essa questão das Necessidades educativas especiais. Tanto que tendo em conta a especificidade da Necessidade, a capacidade da sala pode ser reduzida entre um a dois lugares por grupo.

5)A Instituição tem alguma parceria com a Comunidade?

Sim a Instituição tem várias parcerias com a Comunidade. Desde serviços camarários, a entidades privadas, tais como Clínicas pediátricas de medicina geral, dentária e oftalmológica, entre outras.

6)A Instituição tem alguma parceria com Instituições de apoio às NEE?

No que concerne à questão das Necessidades educativas especiais existem parcerias com o Serviço Nacional de Intervenção Precoce na Infância (SNIPI), com a APEXA.

Estas entidades têm sempre um acompanhamento próximo com a Instituição. Isto também depende um pouco das Educadoras, se estão um bocadinho sensíveis à questão. Mas pronto, sempre que é necessário recorremos a estas entidades.

7)Como é realizado o encaminhamento de crianças com NEE na Instituição?

Quando a criança chega à Instituição e não é já sinalizada, compete à Educadora nas suas competências detetar ou ver se existe ali alguma dificuldade na criança e entretanto depois encaminhamos para o SNIPI, ou para a APEXA.

8)Como é realizado o acompanhamento de crianças com NEE na Instituição?

Depois de sinalizado pela Educadora é encaminhado para estas entidades, SNIPI ou APEXA. O que nós temos é uma Educadora ou outra Técnica de apoio, que vem cá duas vezes por semana. Normalmente essas são sessões de uma hora. Este é o acompanhamento que podemos dar a estas crianças.

9)Se entender haver algum dado a acrescentar ao que já foi dito poderá fazê-lo agora.

Penso que está tudo dito.

Apêndice 9 – Observações Naturalistas

Grelha de Observação 1 Data: 3 de Janeiro de 2014

Actividades Expressão Plástica realizadas			Comportamento da Criança	Tempo de atividade
Pintura	Canetas feltro			
	Guaches			
	Lápis de cor			
	Lápis de cera			
	Outros			
Moldagem	Barro			
	Plasticina			
	Outros			
Recorte		X	Após a motivação a criança quis logo recortar a coroa, estando sempre muito atento para que não saísse do risco.	A criança levou cerca de 5 minutos a recortar a coroa.
Colagem		X	A criança, foi colando os papéis de acordo com a sua imaginação e gosto, atentamente.	Como ia escolhendo a cor dos papeis de acordo com o seu gosto a criança levou cerca de 15 minutos.

Grelha de Observação 2 Data: 7 de Janeiro de 2014 (Vestuário de Inverno)

Actividades Expressão Plástica realizadas			Comportamento da Criança	Tempo de atividade
Pintura	Canetas feltro		A criança inicialmente mostrou interesse em pintar a imagem da peça de vestuário, mas ao longo do decorrer da atividade foi dispersando a sua atenção com o que passava à sua volta.	Uma atividade com um tempo reduzido de resolução, a criança levou cerca de 20 minutos,na parte da pintra.
	Guaches			
	Lápis de cor	X		
	Lápis de cera			
	Outros			
Moldagem	Barro			
	Plasticina			
	Outros			
Recorte		X	A criança recortou os pedaços de lã com muito cuidado, para não serem muito grandes.	A criança levou cerca de 10 minutos a cortar pedaços de lã.
Colagem		X	A criança,foi colando os pedaços de lã de acordo com o que a Educadora solicitou,autononamente	Após a pintar a imagem, a criança demorou cerca de 5 minutos a colar os pedaços de lã na imagem.

Grelha de Observação 3 Data:20 de Janeiro de 2014 (Animais que vivem no gelo)

Actividades Expressão Plástica realizadas			Comportamento da Criança	Tempo de atividade
Pintura	Canetas feltro			
	Guaches			
	Lápis de cor			
	Lápis de cera			
	Outros			
Moldagem	Barro		Quando a plasticina foi entregue a criança mostrou uma grande satisfação e começou de imedia-to a moldá-la.	A criança demorou cerca de 20 minutos a moldar e brincar com a plasticina.
	Plasticina	X		
	Outros			
Recorte		X	Recortou a imagem de imediato não se preocupando se cortava bem ou não.	A criança recortou a imagem de imediato, levando apenas cerca de 5 minutos.
Colagem		X	Mostrou alguma relutância em colar pedaços de plasticina pe-quenos na imagem	A criança demorou cerca de 25 minutos a colar os pedaços de plasticina na imagem.

Grelha de Observação 4 Data:3 de Fevereiro de 2014 (História "O sapo Apaixonado")

Actividades Expressão Plástica realizadas			Comportamento da Criança	Tempo de atividade
Pintura	Canetas feltro		A criança mostrou um grande envolvimento na pintura dos diferentes elementos constituintes para a elaboração da personagem principal da história.	A criança levou cerca de 15 minutos a pintar os diferentes elementos. A atividade teve o seu seguimento no dia posterior, após a secagem da tinta.
	Guaches	X		
	Lápis de cor			
	Lápis de cera			
	Outros			
Moldagem	Barro			
	Plasticina			
	Outros			
Recorte				
Colagem				

Grelha de Observação 5 Data: 4 de Fevereiro de 2014 (Continuação: "O Sapo Apaixonado")

Actividades Expressão Plástica realizadas			Comportamento da Criança	Tempo de atividade
Pintura	Canetas feltro			
	Guaches			
	Lápis de cor			
	Lápis de cera			
	Outros			
Moldagem	Barro			
	Plasticina			
	Outros			
Recorte		X	A criança mostrou grande inte- resse no recorte das diferentes partes, tentando recortar o melhor possível.	A criança demorou cerca de 20 minutos a recortar as diferentes partes.
Colagem		X	A criança tentou colar as dife- rentes partes de acordo com as instruções do adulto.	A criança demorou cerca de 10 minutos a colar as di- ferentes partes do sapo.

Grelha de Observação 6 Data:10 de Fevereirode 2014 (canção "O Amor")

Actividades Expressão Plástica realizadas			Comportamento da Criança	Tempo de atividade
Pintura	Canetas feltro			
	Guaches			
	Lápis de cor			
	Lápis de cera			
	Outros			
Moldagem	Barro			
	Plasticina			
	Outros			
Recorte		X	A criança demosntrou um maior envolvimento no recorte do coração, tentando cortar o melhor possível	A criança conseguiu recortar a imagem do coração em cerca de 20 minutos, procurando aperfeiçoar o mesmo.
Colagem		X	A criança mostrou pouco envolvimento na resolução da atividade,não colando de forma correta.	A criança deu a atividade por terminada em cerca de 10 minutos, não se importando se estava bem preenchido ou não.

Grelha de Observação 7 Data: 17 de Fevereiro "História O palhaço Tristoleto)

Actividades Expressão Plástica realizadas			Comportamento da Criança	Tempo de atividade
Pintura	Canetas feltro		A criança mostrou um grande envolvimento na pintura de um palhaço, tentando pintar dentro dos limites e o melhor possível. A criança concentrou-se muito para desenvolver a atividade.	A criança levou cerca de 20 minutos a pintar a imagem
	Guaches			
	Lápis de cor	X		
	Lápis de cera			
	Outros			
Moldagem	Barro			
	Plasticina			
	Outros			
Recorte				
Colagem		X	A criança achou engraçado colar uma tampa de iogurte no nariz da imagem.	A criança levou cerca de 10 minutos a colar a tampa.

Grelha de Observação 8 Data: 10 de Março (Elaboração da Prenda para o Dia do Pai)

Actividades Expressão Plástica realizadas			Comportamento da Criança	Tempo de atividade
Pintura	Canetas feltro		A criança mostrou-se bastante interessada desde o inicio. Procurou sempre pintar dentro dos limites e o melhor que sabia.	A criança com receio de se enganar levou cerca de 25 minutos a pintar as imagens no tecido.
	Guaches			
	Lápis de cor			
	Lápis de cera			
	Outros. A)	X		
Moldagem	Barro			
	Plasticina			
	Outros			
Recorte				
Colagem				

Grelha de Observação 9

Data: 20 de Março Canção "A Primavera"

Actividades Expressão Plástica realizadas			Comportamento da Criança	Tempo de atividade
Pintura	Canetas feltro		A criança após a exploração da canção concentrou-se a realizar o desenho sobre a canção.	A criança levou cerca de 30 minutos na resolução da atividade.
	Guaches			
	Lápis de cor	X		
	Lápis de cera			
	Outros			
Moldagem	Barro			
	Plasticina			
	Outros			
Recorte				
Colagem				

Grelha de Observação 10 Data: 21 de Março Dia da árvore

Actividades Expressão Plástica realizadas			Comportamento da Criança	Tempo de atividade
Pintura	Canetas feltro		A criança adorou a pintura realizada ao ar livre com o cavalete. Houve uma grande envolvimento por parte desta em pintar da melhor maneira possível a sua árvore.	A criança levou cerca de 30 minutos a realizar a atividade,pois ia olhando para as árvores que se encontram no jardim do infantário
	Guaches	X		
	Lápis de cor			
	Lápis de cera			
	Outros			
Moldagem	Barro			
	Plasticina			
	Outros			
Recorte				
Colagem		X	A criança quis ser a primeira a colar as flores de papel no desenho já seco.	A criança levou cerca de 10 minutos a colar as flores de papel. Esta é que colocava a cola autononamente.

Grelha de Observação 11 Data: 24 de Março Elaboração elementos alusivos à Primavera

Actividades Expressão Plástica realizadas			Comportamento da Criança	Tempo de atividade
Pintura	Canetas feltro		A criança mostrou-se muito empenhada a pintar alguns elementos alusivos à Primavera (Joaninha)	A criança levou cerca de 25 minutos para pintar partes constituintes de elementos alusivos à Primavera.
	Guaches	X		
	Lápis de cor			
	Lápis de cera			
	Outros			
Moldagem	Barro			
	Plasticina			
	Outros			
Recorte		X	A criança continuou o resto da atividade muito empenhada.	Demorou cerca de 20 minutos a recortar todos os elementos pintados.
Colagem		X	A criança ao acabar de colar os diferentes elementos mostrou-se bastante feliz com o resultado.	A criança levou cerca de 25 minutos a colar os diferentes elementos.

Grelha de Observação 12 Data: 7 de Abril História "Um Presente de Páscoa"

Actividades Expressão Plástica realizadas			Comportamento da Criança	Tempo de atividade
Pintura	Canetas feltro	X	A criança mostrou bastante interesse na realização das atividades,quer inicialmente na elaboração do desenho da história, quer posteriormente na elaboração do presente da Páscoa.	A criança realizou as duas atividades em dois tempos. Um de manhã, o desenho da história, e o outro á tarde a elaboração da prenda da Páscoa. De manhã levou cerca de 20 minutos na elaboração do desenho sobre a história. À tarde demorou cerca de 15 minutos a pintar o coelho.
	Guaches	X		
	Lápis de cor	X		
	Lápis de cera			
	Outros			
Moldagem	Barro			
	Plasticina			
	Outros			
Recorte		X	Apesar de sair muito dos limites a criança tentou cortar o melhor que sabia a imagem.	A criança levou cerca de 20 minutos a recortar a imagem.
Colagem				

Grelha de Observação 13 Data: 28 de Abril História "A Minha Mãe"/Elaboração prenda para a Mãe

Actividades Expressão Plástica realizadas			Comportamento da Criança	Tempo de atividade
Pintura	Canetas feltro		A criança mostrou bastante interesse na realização da ativi- dade. Ao longo da atividade houve sempre uma preocupação em ir desenhando a sua Mãe da melhor maneira.	A criança realizou a atividade em cerca de 25 minutos
	Guaches			
	Lápis de cor	X		
	Lápis de cera			
	Outros			
Moldagem	Barro			
	Plasticina			
	Outros			
Recorte				
Colagem				

Grelha de Observação 14 Data: 21 de Abril História "A minha Mãe"/Elaboração prenda para a Mãe

Actividades Expressão Plástica realizadas			Comportamento da Criança	Tempo de atividade
Pintura	Canetas feltro		A criança desde o inicio desta atividade mostrou um grande envolvimento. Procurou na parte da tarde aperfeiçoar o que tinha realizado de manhã.	A criança realizou as duas atividades em dois tempos. Um de manhã, pintando um lado da caixa, e o outro à tarde, pintando o outro lado da caixa. Levou um dia a realizar a atividade. Levou cerca de 20 minutos de manhã, e 30 minutos no período da tarde.
	Guaches			
	Lápis de cor			
	Lápis de cera			
	Outros.A)	X		
Moldagem	Barro			
	Plasticina			
	Outros			
Recorte		X	A criança adorou utilizar a máquina Sizzix. Quis logo escolher o cortante e o tecido a utilizar.	No dia seguinte procedeu ao corte dos elementos de decoração da caixa. A criança levou cerca de 25 minutos a recortar a a imagem com a máquina.
Colagem				

Grelha de Observação 15 Data: 15 de Maio História "Orelhas de Borboleta"

Actividades Expressão Plástica realizadas			Comportamento da Criança	Tempo de atividade
Pintura	Canetas feltro		A criança demonstrou bastante empenho em realizar a atividade À medida que ia realizando o desenho ia questionando acerca da beleza do mesmo, bem como a descrição do que ia desenhando.	A criança realizou esta atividade durante o período da manhã, levando cerca de 25 minutos.
	Guaches			
	Lápis de cor	X		
	Lápis de cera			
	Outros.A)			
Moldagem	Barro			
	Plasticina			
	Outros			
Recorte		X		
Colagem				

Grelha de Observação 16 Data: 15 de Maio História "Orelhas de Borboleta" (cont.)

Actividades Expressão Plástica realizadas			Comportamento da Criança	Tempo de atividade
Pintura	Canetas feltro		Desde o inicio a criança manifestou um grande envolvimento na pintura dos vários elementos que iriam formar a borboleta.	A criança realizou esta atividade em dois momentos: um de manhã, cerca de 30 minutos, onde procedeu à pintura dos elementos.
	Guaches	X		
	Lápis de cor			
	Lápis de cera			
	Outros.A)			
Moldagem	Barro			
	Plasticina			
	Outros			
Recorte		X	A criança tomou muita atenção ao recorte de um dos elementos que iriam formar a borboleta	Após a secagem dos elementos, criança recortou os mesmos.Demorou cerca de 15 minutos.
Colagem		X	A criança colou os vários elementos atentamente.	A criança demorou cerca de 20 minutos a colar os elementos.

Apêndice 10 – Análise Conteúdo das entrevistas aos Técnicos

Técnica A1

Tema	Categorias	Subcategorias	Unidades de registo	Unidades de Contexto
DC	Caraterização a nivel social/relacional	Caraterização	nivel social e relacional	"A nivel social e relacional pode estar bem, pode estar completamente integrada.(…) não implica alguma alteração a nível social e relacional."
	Caraterização a nivel aprendizagem	Caraterização	dificuldade/entender	"(…) muita dificuldade em adquirir conceitos, em conseguir perceber para além do concreto. Não consegue entender as coisas e depois aplicar no dia-à-dia."
EP e DC	Momentos/situações que recorre à EP	Momentos/situações	área/Pré-escolar	"À EP quase sempre.Na nossa área, Pré-escolar é através que melhor conseguimos atingir os objetivos."
	EP como meio de aquisição/consolidação de aprendizagens	Aquisição/consolidação de aprendizagens	recurso/aprende	"(…)é excelente.(…) é um recurso que tem mesmo que ser usado.É através do explorar,do brincar, do ter contato com diversos materiais, texturas, através das quais aprende as coisas básicas."
	Atividades de EP a que recorre	desenvolvimento educativo	atividades	"Colagens, recortes, pinturas, enfiamentos, grafismos."

Tema	Categorias	Subcategorias	Unidades de registo	Unidades de Contexto
EP e DC	Alterações comportamentais	Em crianças com DC recorrendo a EP	Estimulante/penoso	"Se para aquela criança em questão ele gostar, é estimulante. Mas também tenho crianças que não aceitam, que é uma luta trabalhar esta parte sensorial." "Fazer um simples trabalho de digitinta, de espuma, aquilo é penoso para elas."
EP e C	Percepção de EP e C	Relação entre EP e C	Expressão Plástica e Comunicar	"(…)há uma grande ligação. A expressão plástica é uma forma de comunicar. Estão interligadas. Isto não é estanque."
DC	Percepção de DC	Significado	Significado do termo DC	"(…) DC é quando uma criança apresenta dificuldades na aprendizagem, que por sua vez se vai refletir no seu desenvolvimento global."
EP/Comunicação e DC	Promoção de Comunicação	EP contribui para a Comunicação de crianças com DC	Comunicar/interpretar	"Bastante(…) através da EP eles conseguem Comunicar, dizer sentimentos, e nós conseguimos interpretar as suas necessidades." "Através dos materiais que nós utilizamos (…)"

Técnica 2

Tema	Categorias	Subcategorias	Unidades de registo	Unidades de Contexto
DC	Caraterização a nivel social/relacional	Caraterização	relações sociais	"(…)tem dificuldades nas relações sociais que fujam um bocadinho do concreto.Se forem sem ambiguidades de emoções ou de expressões verbais é uma criança que consegue uma boa relação social funcional."
	Caraterização a nivel de aprendizagem	Caraterização	dificuldades/estratégias "(…)apresenta dificuldades em	acompanhar as crianças da idade dele, da faixa etária dele. Necessita de adequar estratégias de ensino. Ela não vai conseguir fazer uma aprendizagem igual, mas se simplificarmos as tarefas e darmos uma tarefa de cada vez e irmos acompanhando o ritmo dela é uma criança que vai conseguir o básico."

Tema	Categorias	Subcategorias	Unidades de registo	Unidades de Contexto
EP e DC	Momentos/situações que recorre à EP	momentos/situações	registo/sessão	"(…)recorro sempre no final de uma sessão.Tento manter sempre um registo da relação,da evolução,do grau de satisfação da criança nas minhas sessões. Todas as crianças que não conseguem fazer de forma escrita ou até mesmo verbal, eu utilizo a EP para o fazer.Vou ficando com o registo."
	EP como meio de aquisição/consolidação de aprendizagens	Aquisição/consolidação de aprendizagens	espontaneidade/criatividade	"(…) que é um bom recurso, porque se eu deixar a criança à sua inteira criatividade e espontaneidade, a criança, consegue expor através da utilização dos materiais, consegue de uma forma despreocupada pôr um pouco daquilo que ele sente, que ele sabe."
	Atividades de EP a que recorre	desenvolvimento educativo	atividades	"Pintura, começando pela digitinta e depois o pincel, e massas também, a moldagem."

Tema	Categorias	Subcategorias	Unidades de registo	Unidades de Contexto
EP e DC	Alterações comportamentais	Em crianças com DC recorrendo a EP	recusa/não quererem não saberem	"(…)o primeiro impato é a recusa o não quererem fazer. Sinto que é um comportamento que eles evidenciam perante o inesperado, de não saberem se são capazes, o medo do fracasso.Mas depois quando apoio essa participação deles e eles têm inteira liberdade para exprimirem, eles aderem bem (…)"
EP e C	Percepção de EP e C	Relação entre EP e C	Comunicar/expressividade	"A EP é uma forma de comunicação para mim.Nós podemos comunicar através da nossa expressividade (…)"
DC	Percepção de DC	Significado	alterações funções inteletuais	"DC são alterações nas funções inteletuais que leva a pessoa a não ter um conhecimento real do ambiente em que está inserido, geral, para não ir às académicas."

Diretor (B)

Tema	Categorias	Subcategorias	Unidades de registo	Unidades de Contexto
Instituição	Caraterizar a Instituição	Descrever a Instituição	Social, Creche, Pré-escolar	"A FASL é uma instituição particular de solidariedade social." "(…)tem a parte da Infância onde se introduz aqui o C.I.O Búzio." "(…)tem 2 respostas sociais: a Creche e o Pré-escolar." "Na Creche (…)estão incluídas 2 salas, uma de 1 ano e outra de 2 anos." ; "(…)Pré-escolar temos 4 salas com acordo para 90 crianças."
Crianças	Caraterizar os grupos de crianças	Constituição dos grupos de crianças	Grupos/heterogéneos	"Os grupos de crianças (…)neste momento são grupos heterogéneos.Não na Creche mas sim no Pré-escolar."; "(…)são grupos heterogéneos que vão desde os 3 anos até aos 5 (…)"
Crianças com NEE	Prevalência de crianças com NEE na Instituição	Crianças com NEE	crianças, sinalizados casos, detetam	"(…)existe sempre uma, duas crianças com NEE."; "(…)são sinalizados casos que as Educadoras ao longo do ano detetam."

Tema	Categorias	Subcategorias	Unidades de registo	Unidades de Contexto
Técnicos Especializados	Existência de Técnicos Especializados em NEE	Instituição	Instituição/Técnicos	"A Instituição não possui Técnicos especializados."
Grupo de crianças	Formação dos grupos de crianças	Capacidade das salas	especificidade/capacidade	"(…)tendo em conta a especifidade da Necessidade pois a capacidade da sala pode ser reduzida entre 1 a 2 lugares por grupo."
Parcerias	Parcerias com a Comunidade	Comunidade	parcerias/Comunidade	"Tem várias parcerias com a Comunidade.Desde serviços camarários, a entidades privadas, tais como clínicas pediátricas, dentárias, oftalmológicas, entre outras."
	Parcerias com Instituições de apoio às NEE	Instituições apoio às NEE	NEE, SNIPI,APEXA	"(…)à questão das Necessidades educativas especiais existem parcerias com SNIPI e a APEXA.Estas entidades têm um acompanhamento próximo com a Instituição."

Tema	Categorias	Subcategorias	Unidades de registo	Unidades de Contexto
Encaminhamento	Encaminhamento de crianças com NEE	Instituição	sinalizada/encaminhamos	"Quando a criança chega à Instituição e não é já sinalizada, compete à Educadora(…)"; "(…)depois encaminhamos para o SNIPI, ou para a APEXA."
Acompanhamento	Acompanhamento de crianças com NEE	Instituição	Educadora/Técnica de apoio, semana, sessões	"(…)è uma Educadora ou outra Técnica de apoio, que vem cá duas vezes por semana."; "(…) são sessões de uma hora."

Apêndice 11 – Análise conteúdo Observações naturalistas

Tema	Categorias	Subcategorias	Unidades de registo	Unidades de contexto
Atividades EP	Pintura	Lápis de cor	interesse,envolvimento,concentrou-se, preocupação,questionando	"Inicialmente mostrou interesse(…)" "(…)mostrou um grande envolvimento na pintura do palhaço."; "(…)concentrou-se muito(…) "concentrou-se a realizar o desenho(…)" "(…)mostrou bastante interesse na realização das atividades(…)" "mostrou bastante interesse(…)";"(…)houve sempre uma preocupação(…)" "(…)ia questionando acerca da beleza do mesmo(…)"

Tema	Categorias	Subcategorias	Unidades de registo	Unidades de contexto

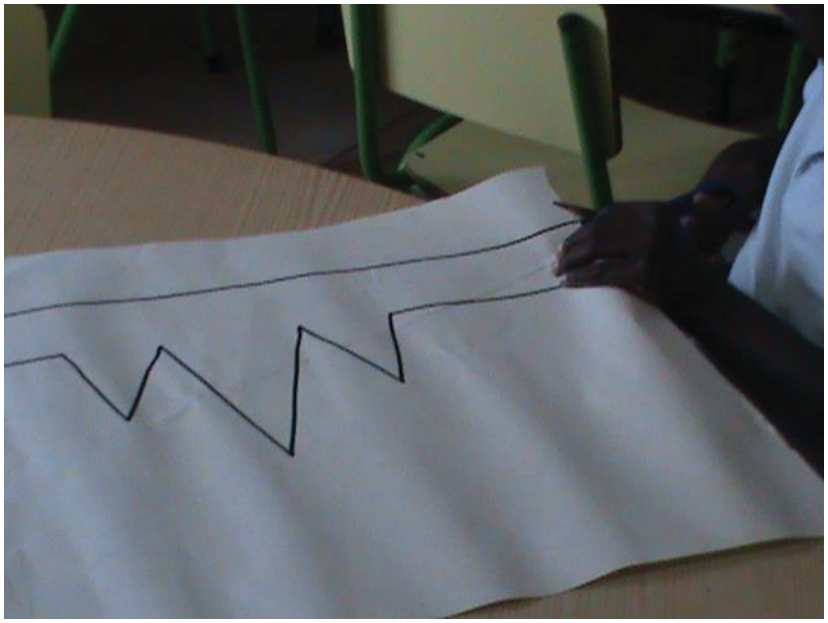
Atividades EP	Pintura Pintura	Guaches	envolvimento,adorou empenhada	"(…)mostrou um grande envolvimento(…)" "(…)adorou a pintura ao ar livre(…)","(…)um grande envolvimento(…)","(…)pintar da melhor maneira possível(…)" "(…)mostrou-se muito empenhada(…)" "(…)manifestou um grande envolvimento na pintura(…)"
	Pintura	Tintas de tecido	interessada/procurou sempre	"(…)mostrou-se bastante interessada(…)", "(…)procurou sempre pintar dentro de limites(…)"
	Pintura	Tintas de madeira	envolvimento/aperfeiçoar	"(…)mostrou um grande envolvimento(…)", "(…)procurou aperfeiçoar o que tinha realizado de manhã(…)"
	Moldagem	Plasticina	satisfação/imediato	"(…)mostrou uma grande satisfação.", "(…)começou de imediato a moldá-la(…)"

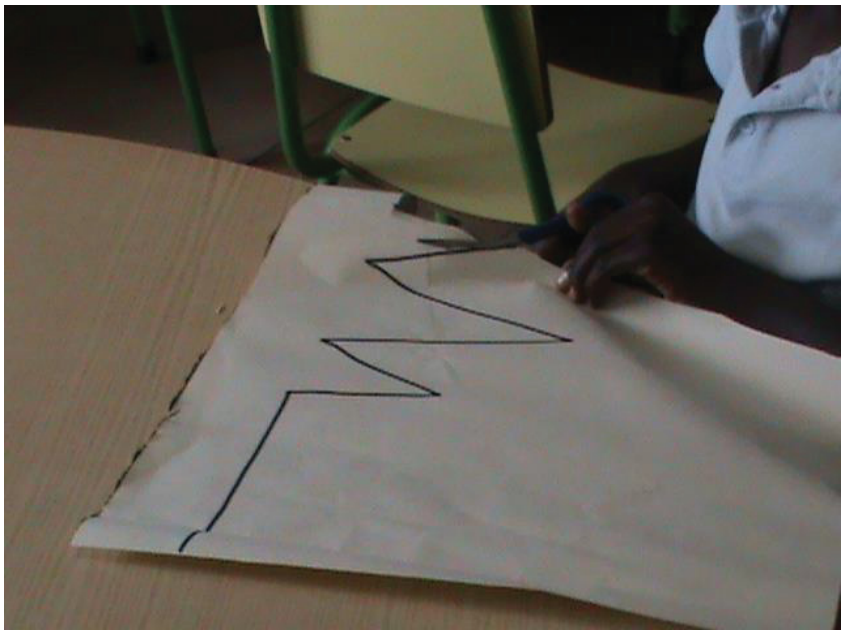
Tema	Categorias	Subcategorias	Unidades de registo	Unidades de contexto
Atividades EP	Recorte	Tesoura	logo,atento,não saísse,cuidado,imediato, não se preocupando, grande interesse, maior envolvimento, muito empenhada, cortar o melhor	"(…)quis logo recortar a coroa.", "(…)estando muito atento","não saísse do risco", "(…)recortou os pedaços de lã com muito cuidado(…)","recortou a imagem de imediato","(…)não se preocupando se cortava bem","mostrou grande interesse(…)","tentando recortar o melhor possível(…)","(…)demonstrou um maior envolvimento no recorte do coração.","(…)continuou o resto da atividade muito empenhada.","tentou cortar o melhor que sabia(…)"
	Recorte	Máquina Sizzix	adorou,escolher	"adorou utilizar a máquina sizzix(…)","quis logo escolher o cortante e o tecido a utilizar(…)"

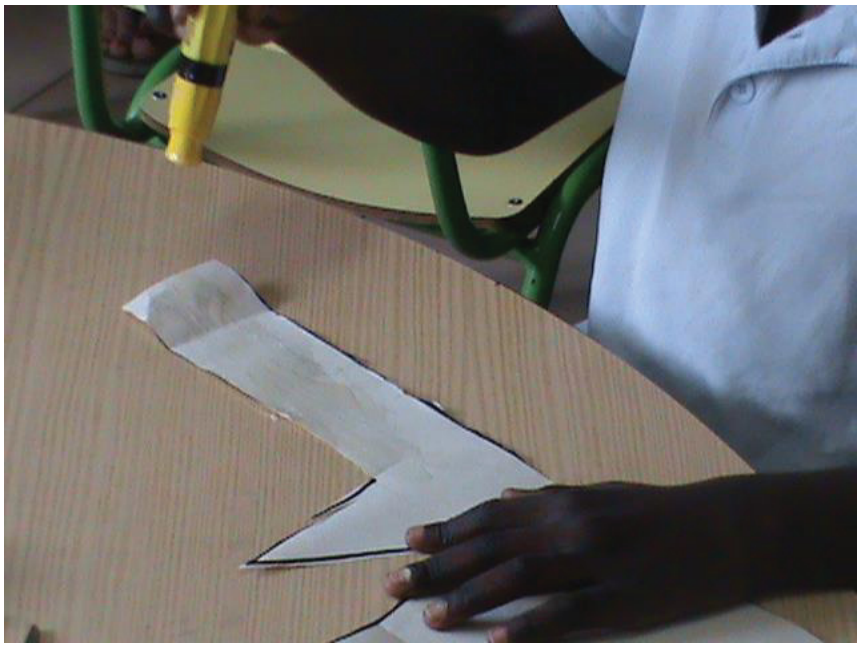
Tema	Categorias	Subcategorias	Unidades de registo	Unidades de contexto
Atividades EP	Colagem	material desgaste	pouco envolvimento, não colocando,engraçado,ser a primeira,bastante feliz,atentamente,imaginação, solicitou,relutância, tentou colar	"(…)mostrou pouco envolvimento","(…)não colocando de forma correta.","(…)achou engraçado colar uma tampa no nariz da imagem","(…)quis ser a primeira a colar as flores de papel","ao acabar de colar os diferentes elementos mostrou-se bastante feliz(…)","colou os vários elementos atentamente", "foi colando os papéis de acordo com a sua imaginação","(…) foi colando os pedaços de lã de acordo com o que a sua Educadora solicitou","(…) mostrou alguma relutância em colar pedaços de plasticina","(…)tentou colar as diferentes partes de acordo com as instruções do adulto."

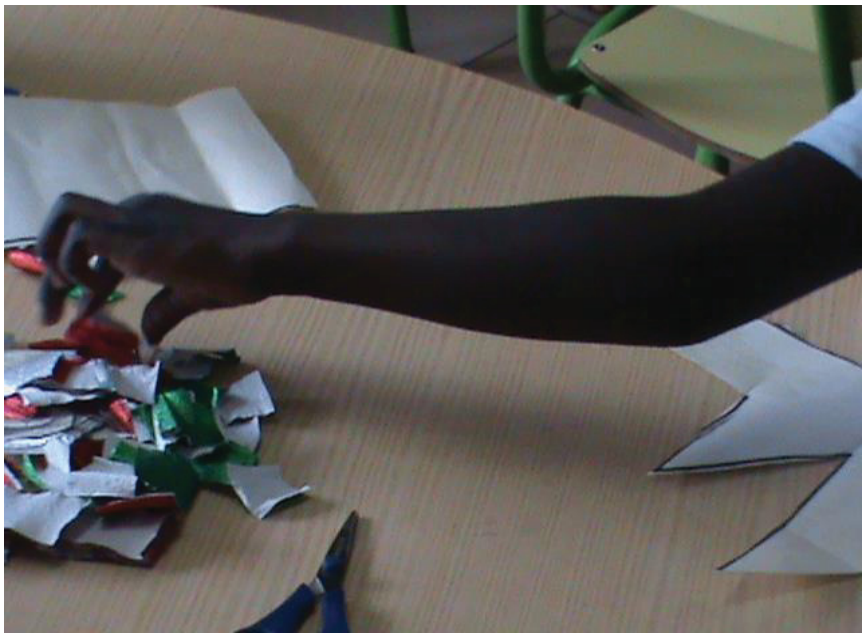
Apêndice 12 – Fotografias das Observações Naturalistas

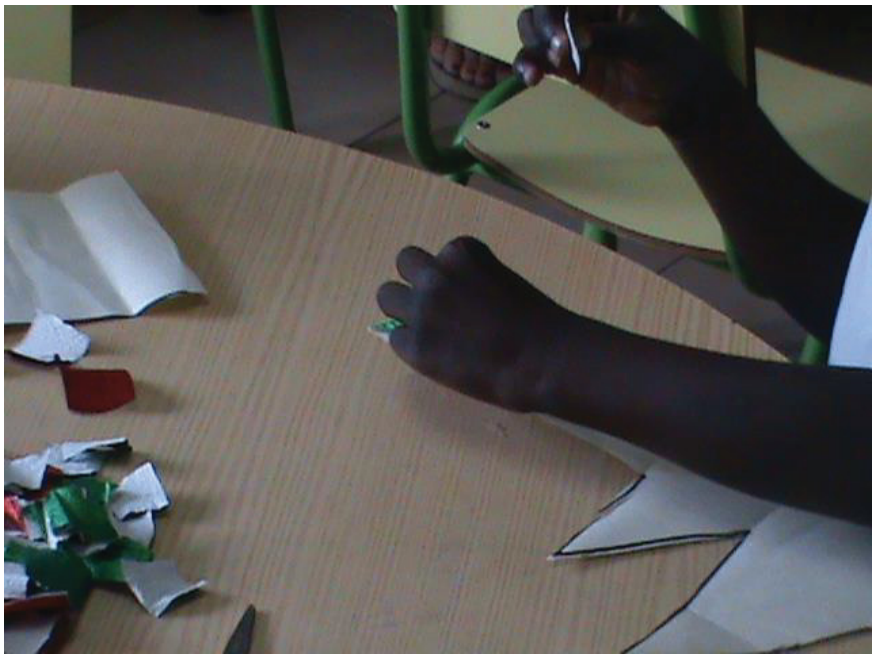
Observação 1 - 3 de Janeiro de 2014

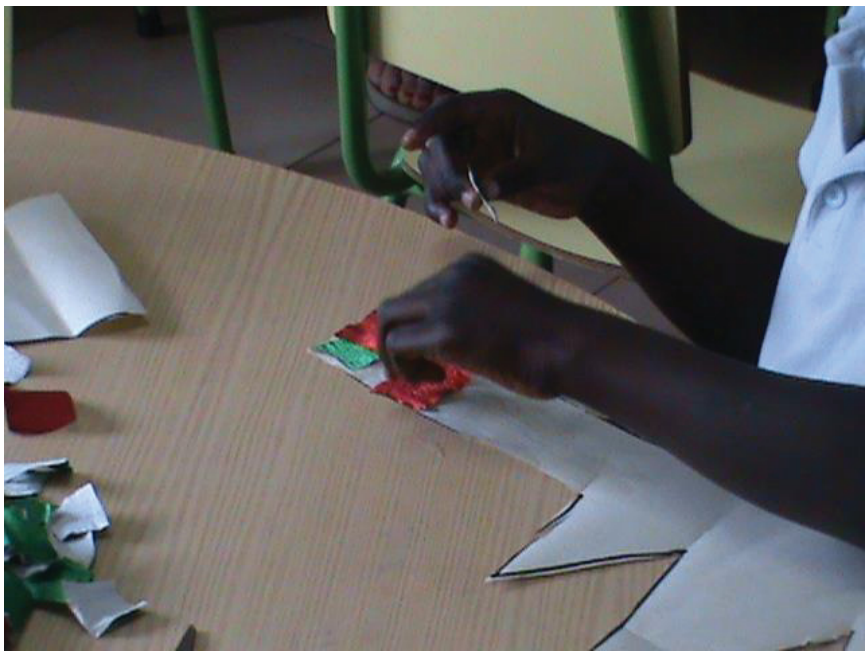


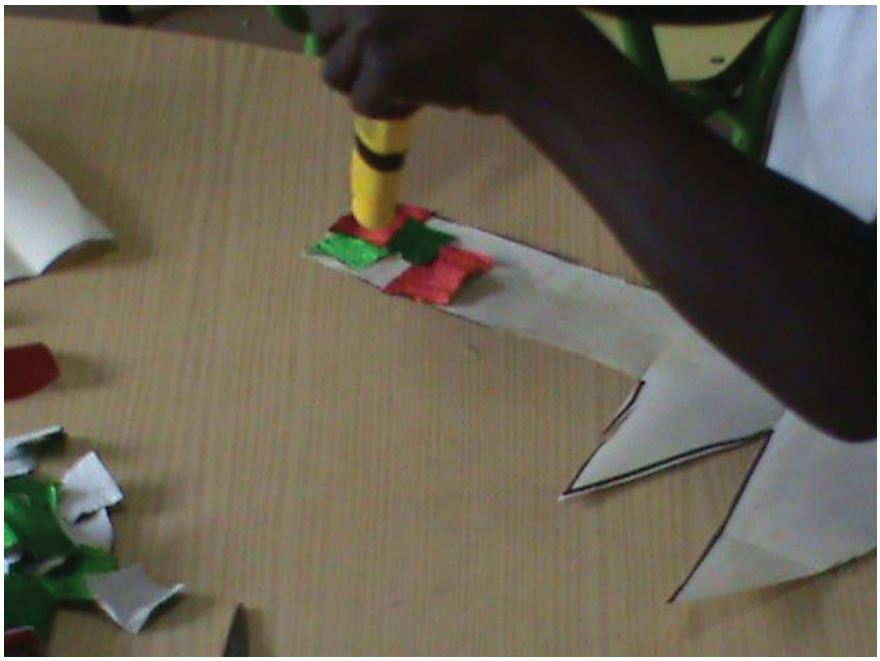


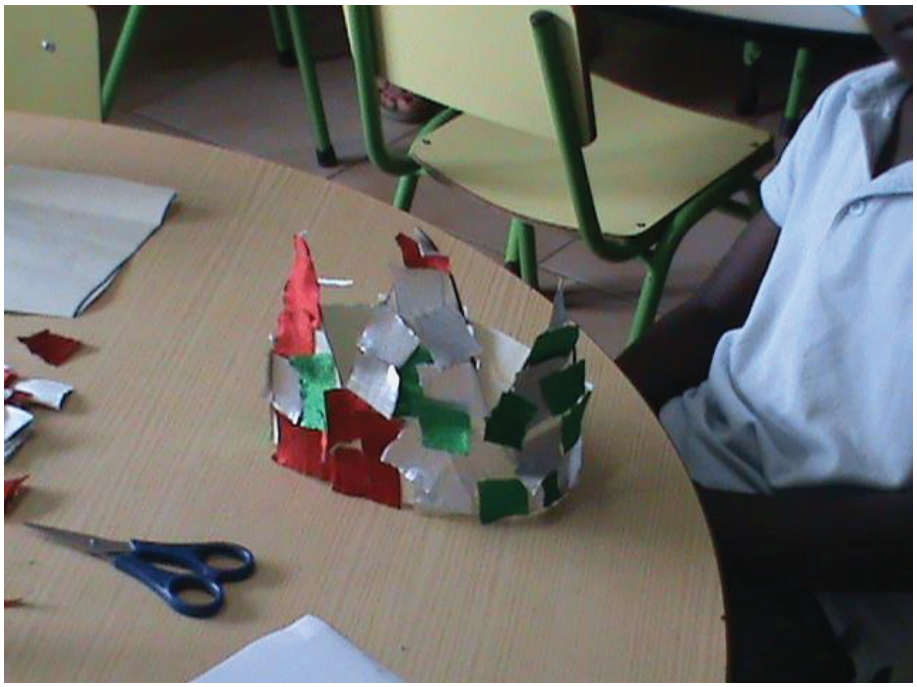






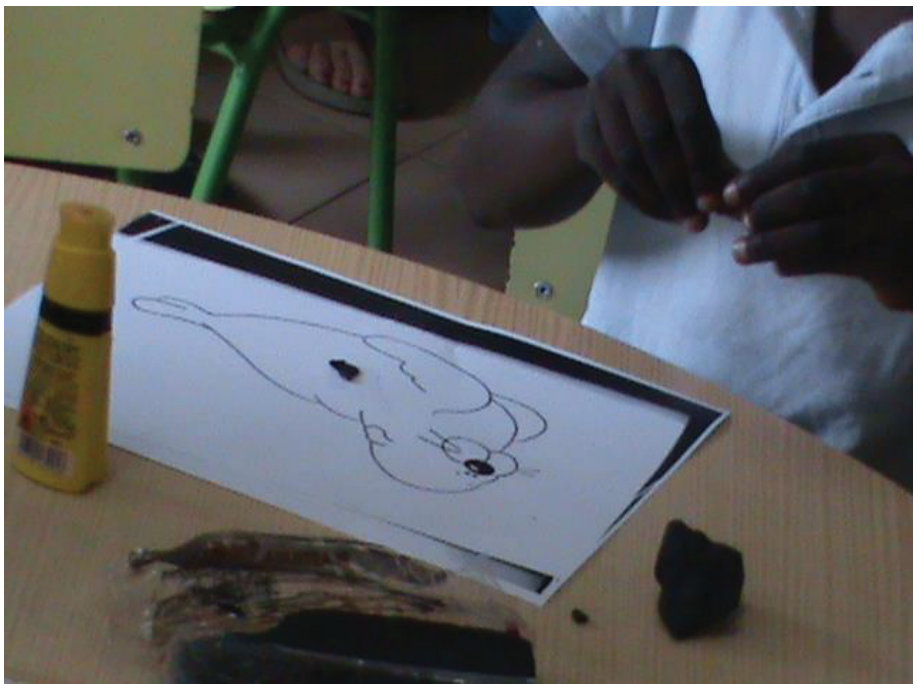


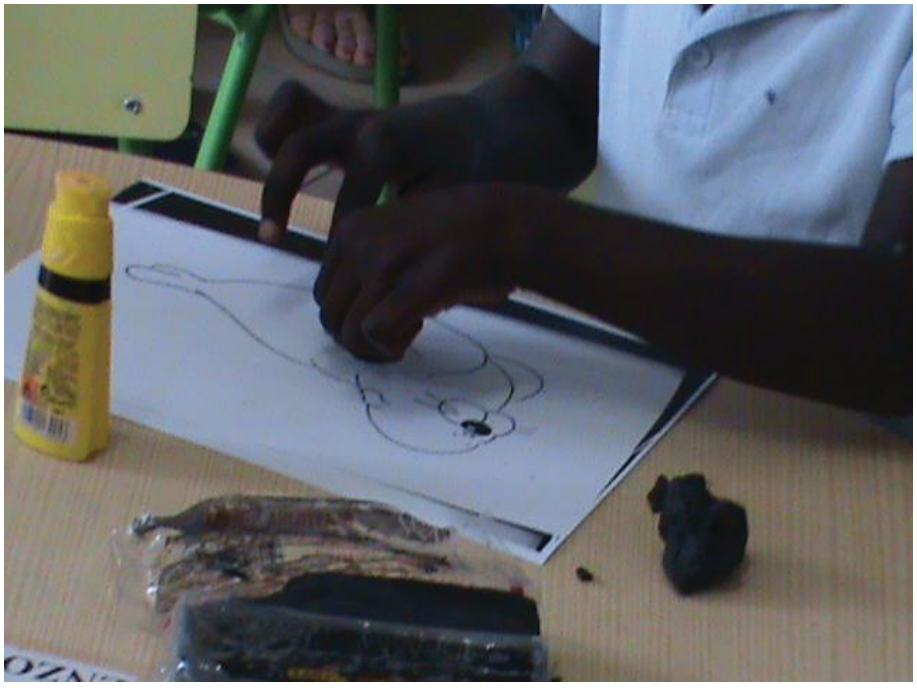


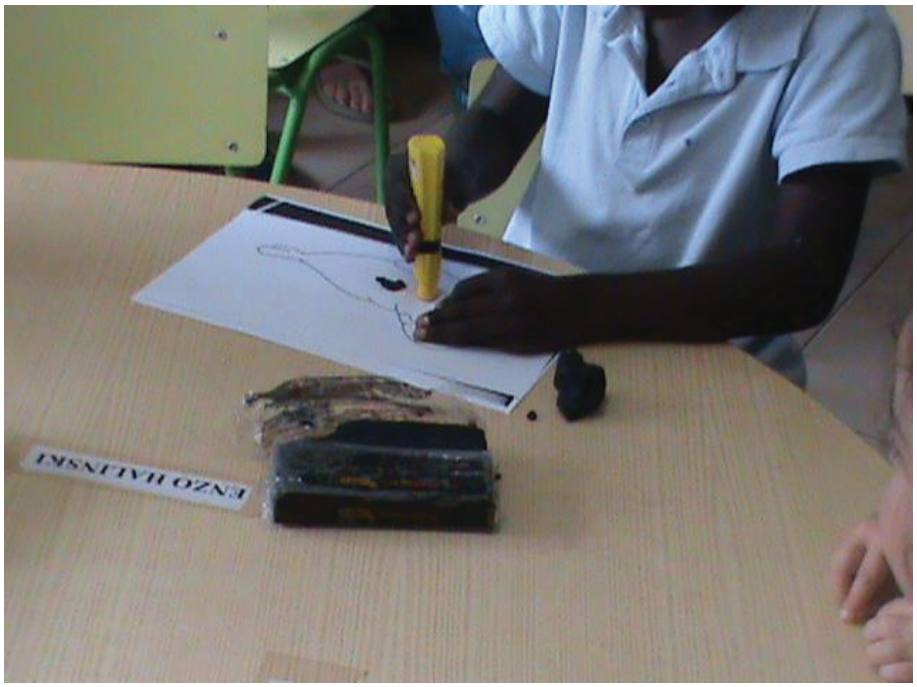


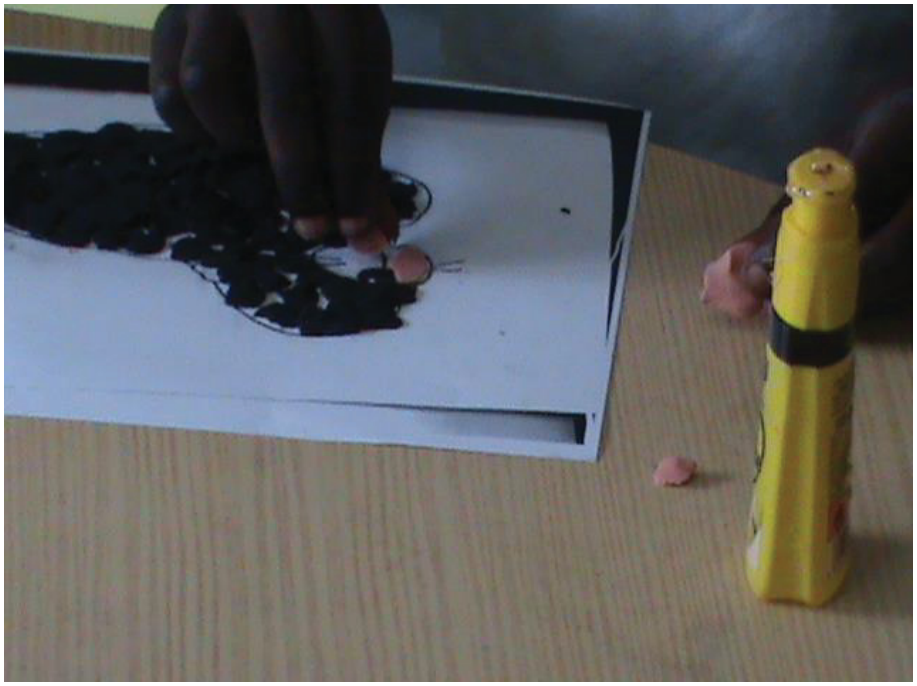
Observação 2 – 7 de Janeiro 2014

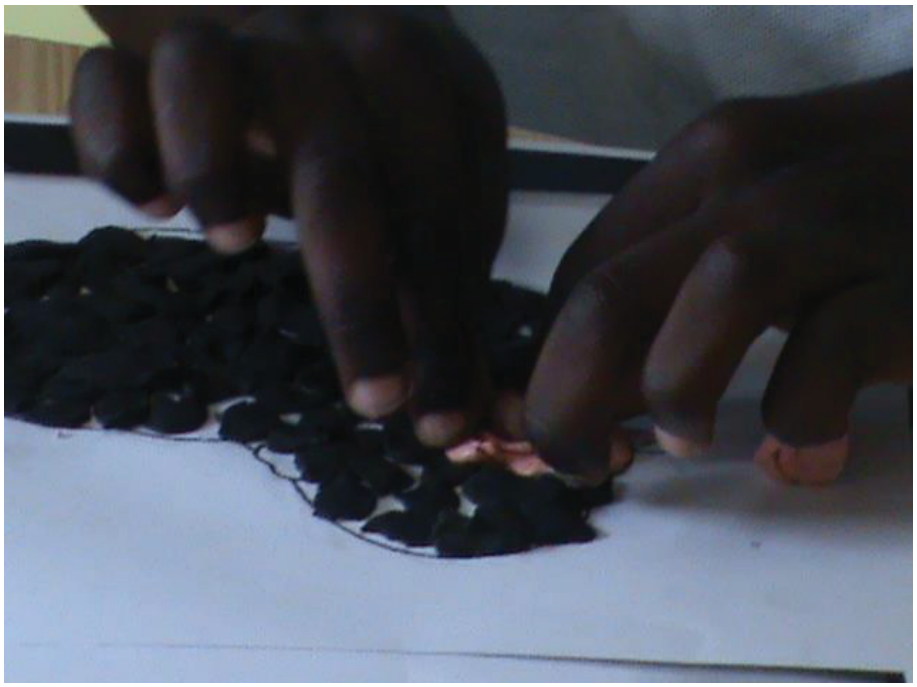
Observação 3 – 20 de Janeiro 2014





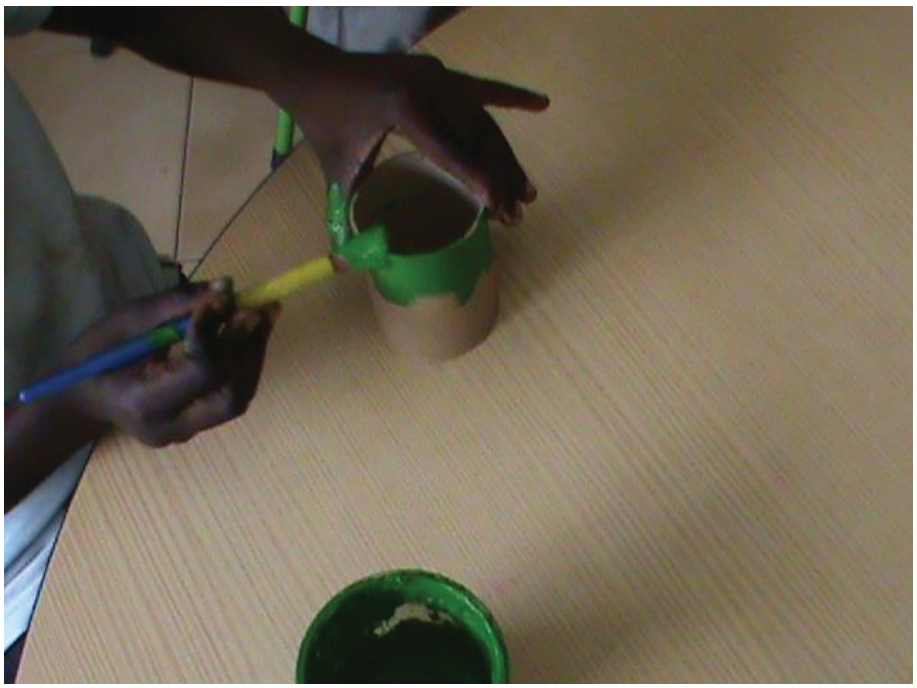




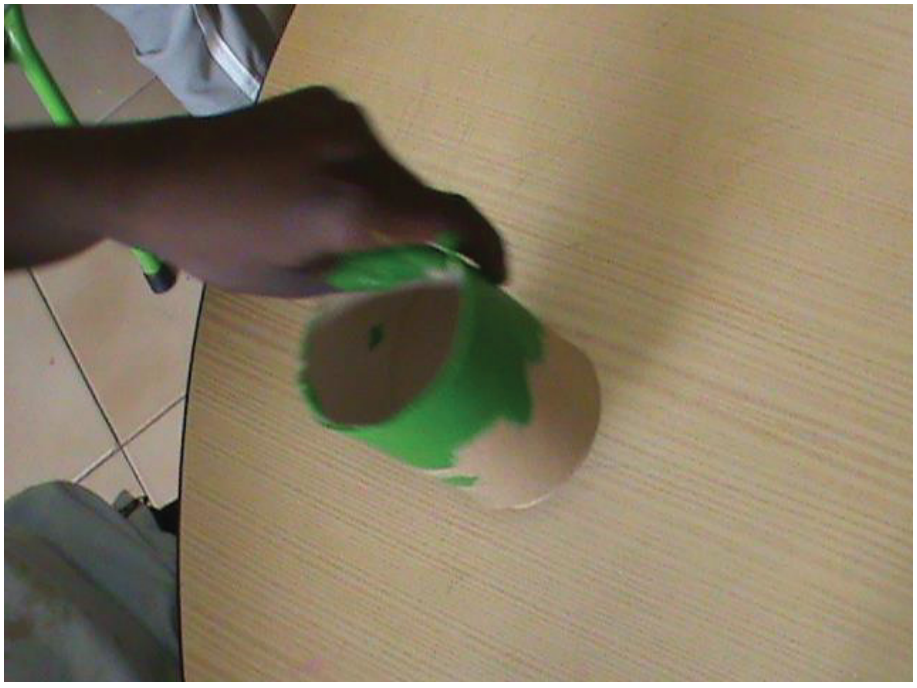


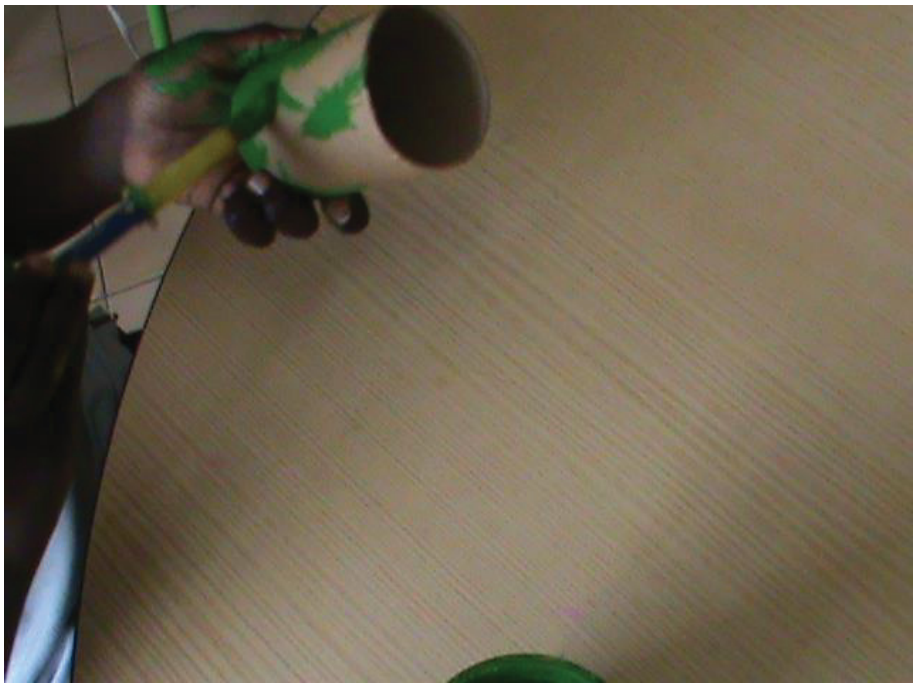
FOCA

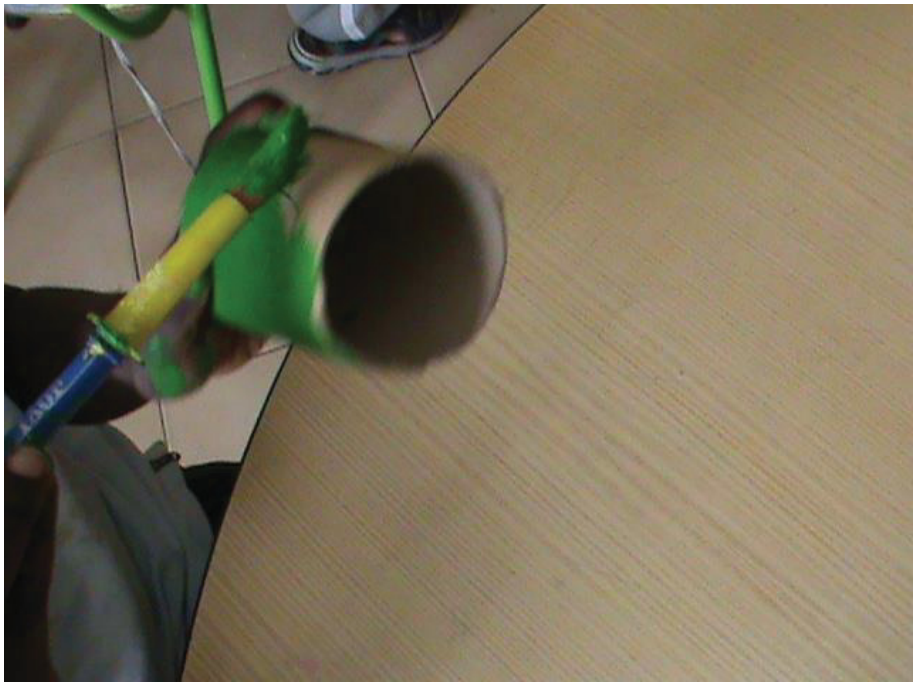
Observações 4,5 – 3 e 4 de Fevereiro

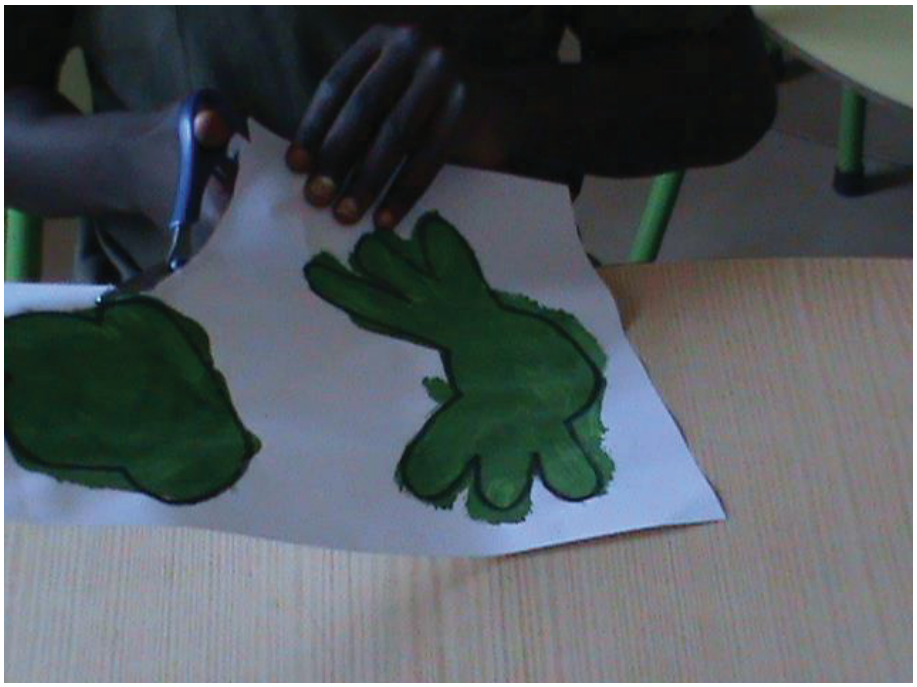


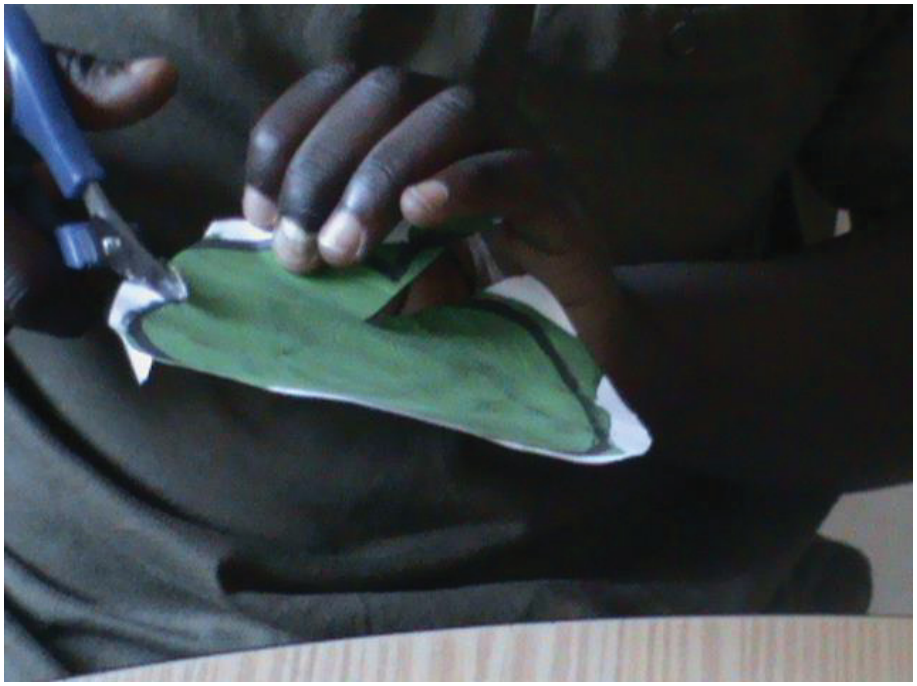
CACHITA



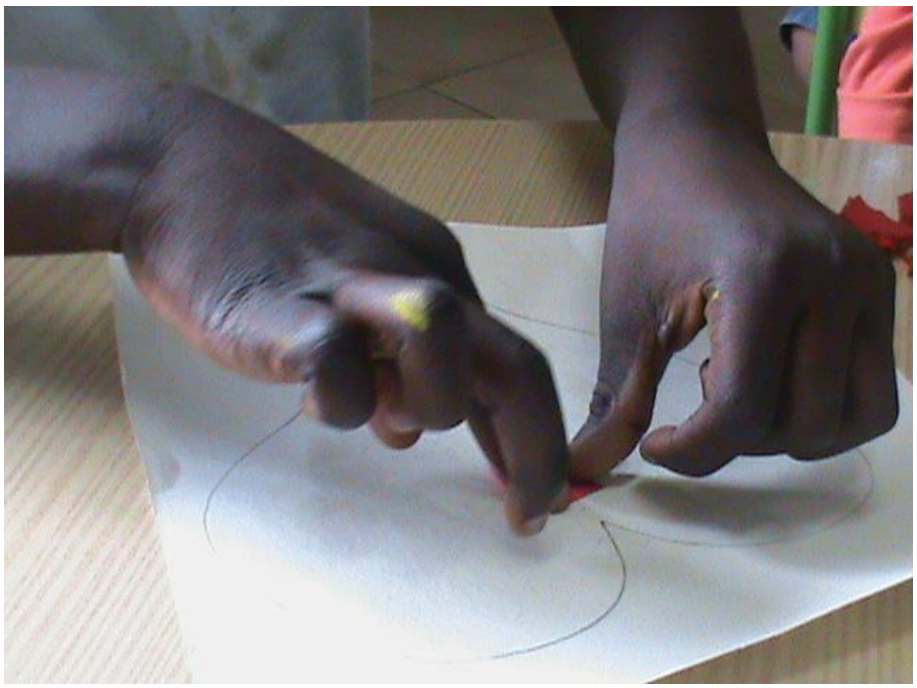


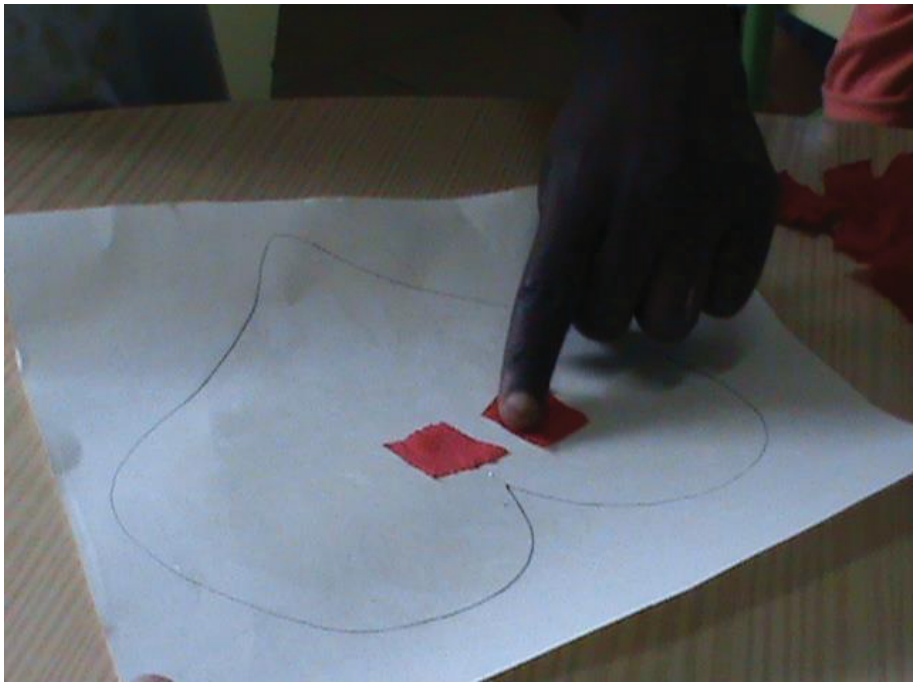


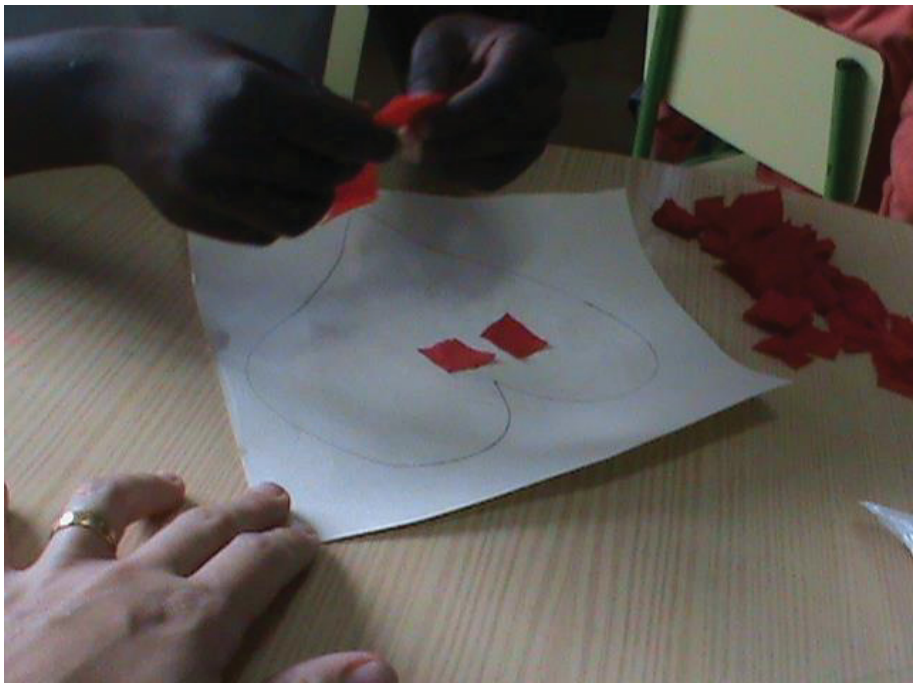


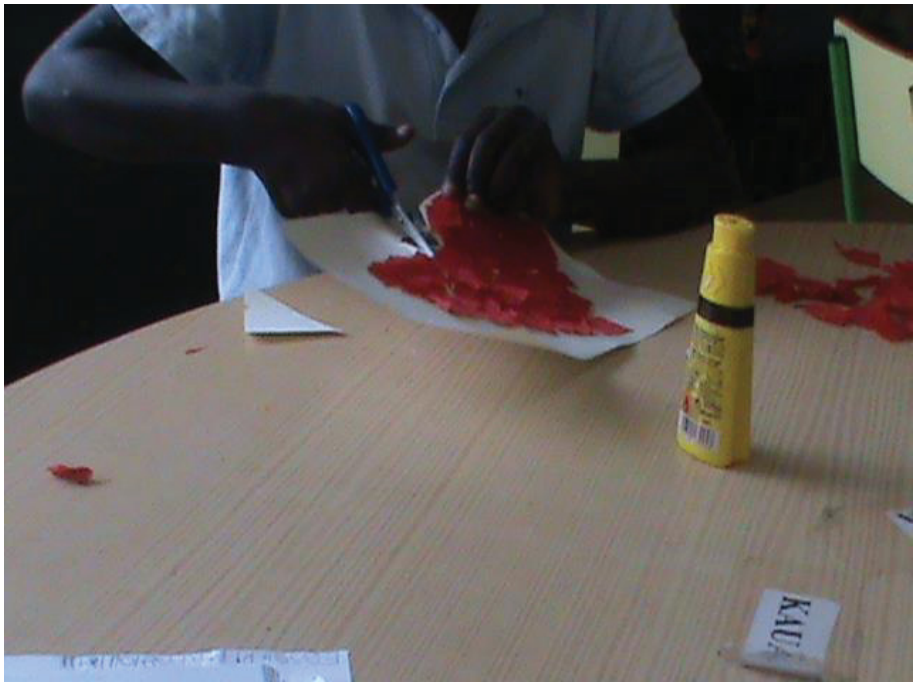


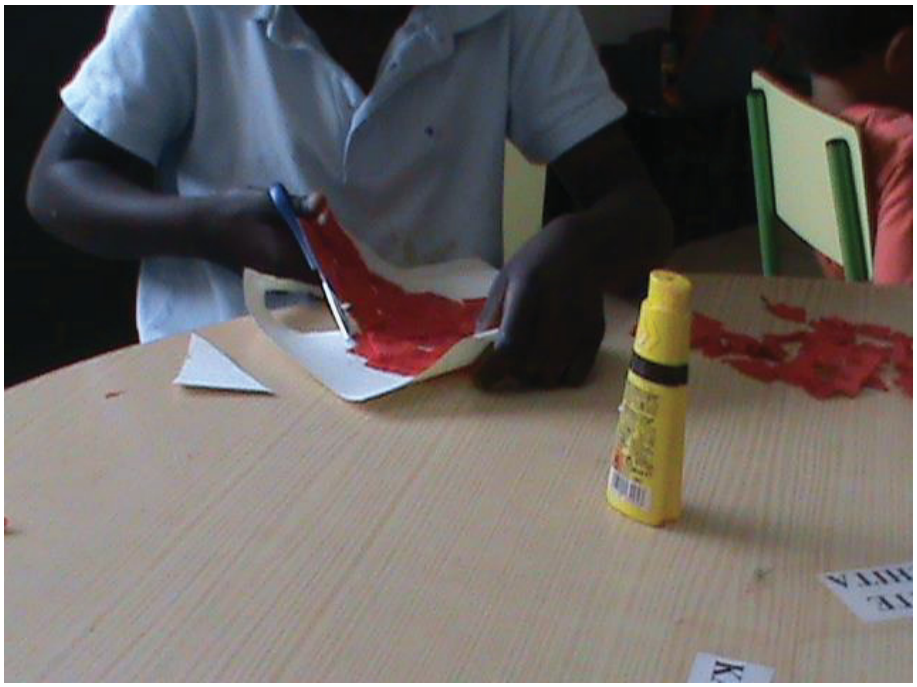
Observação 6 – 10 de Fevereiro

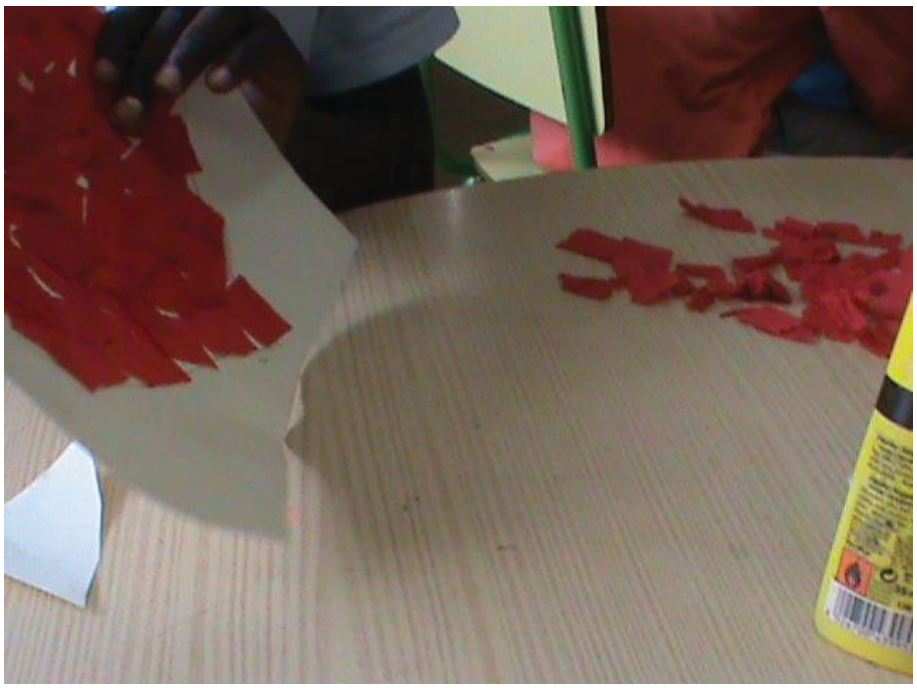


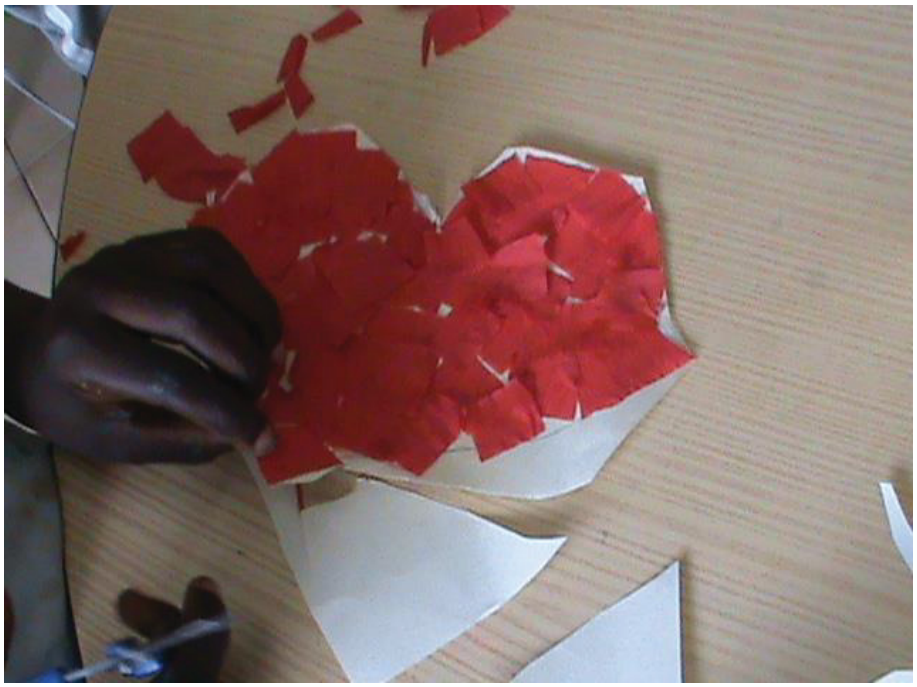


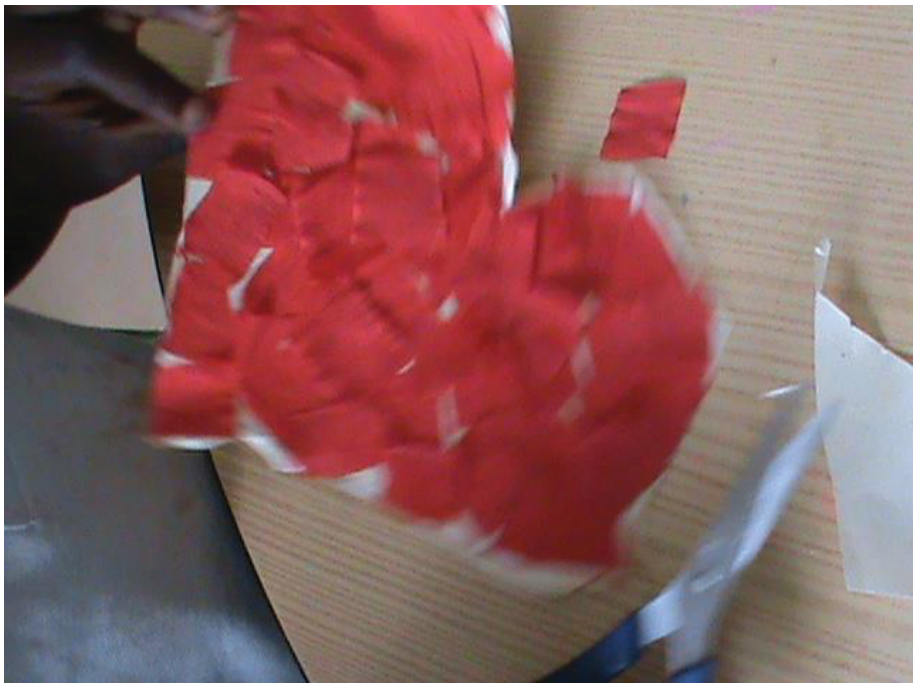


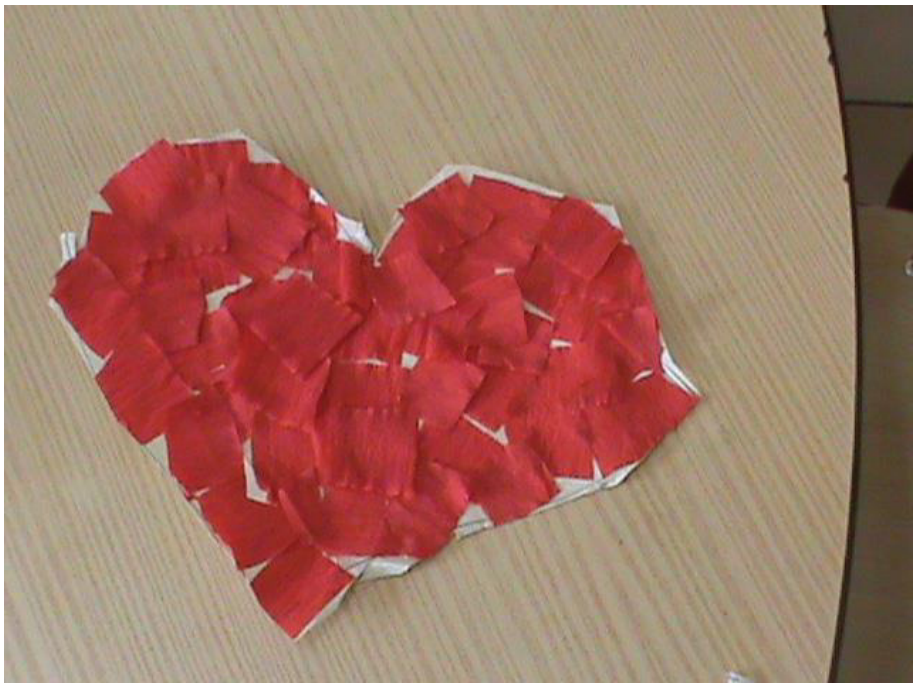




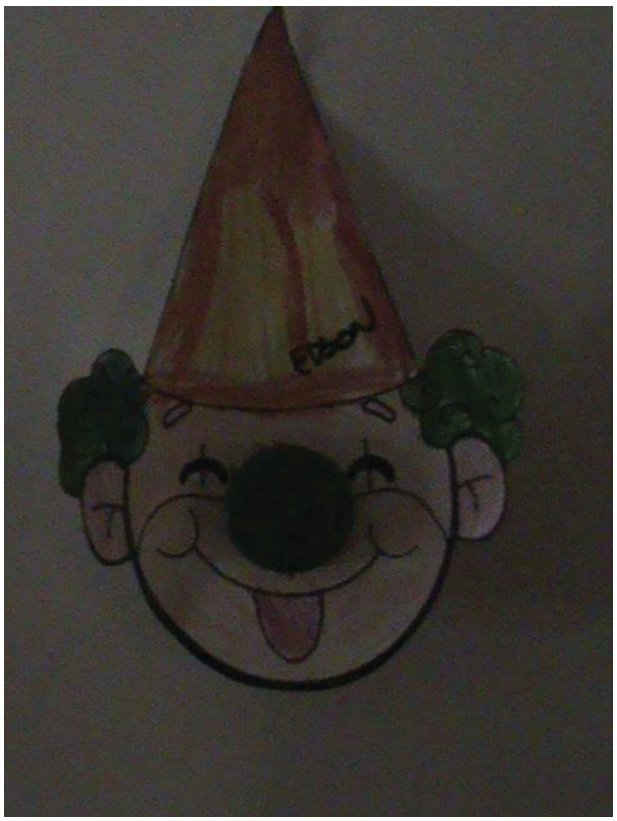




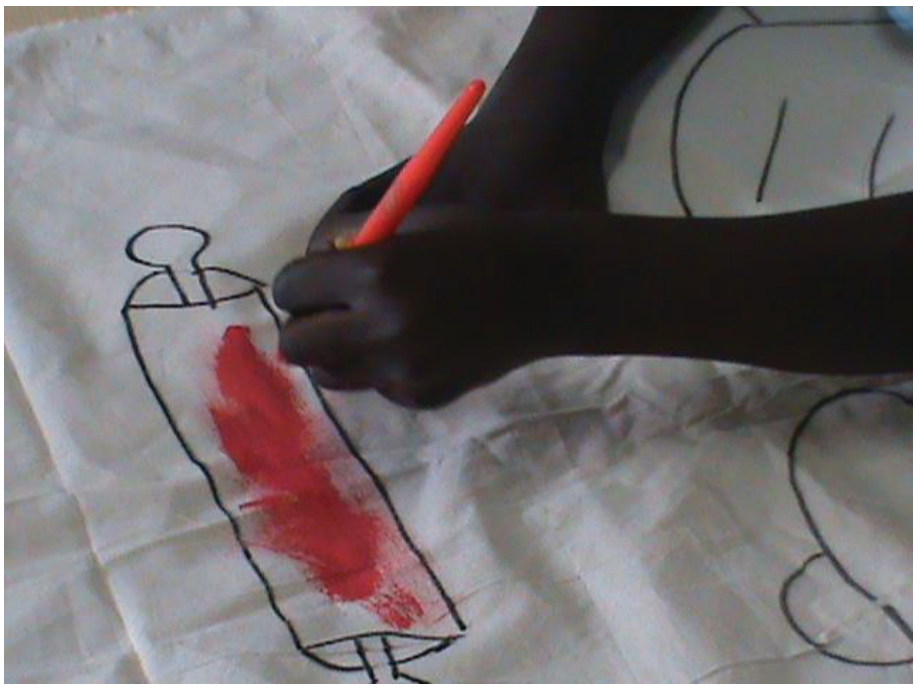


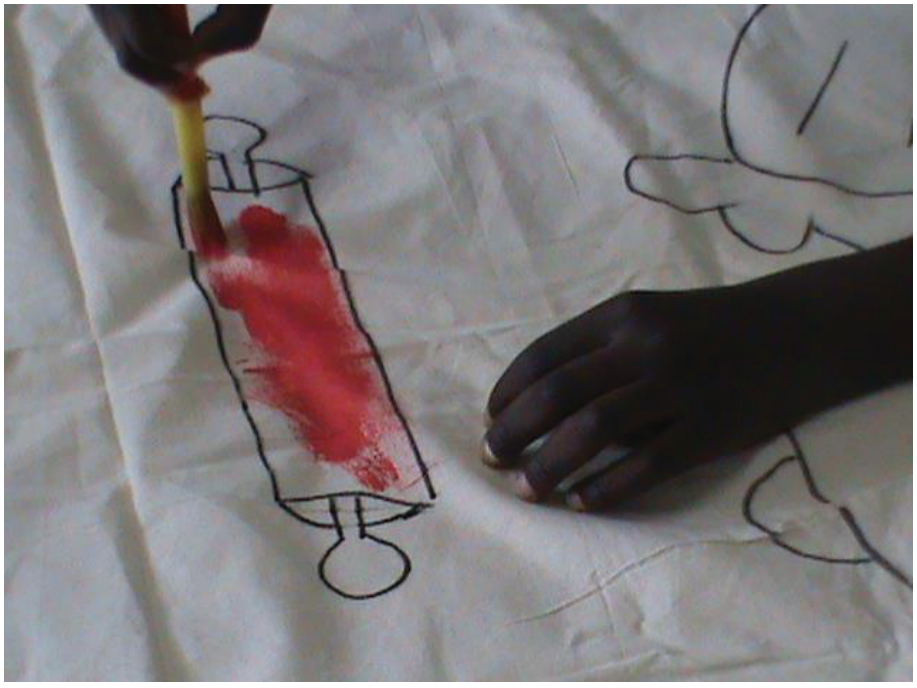


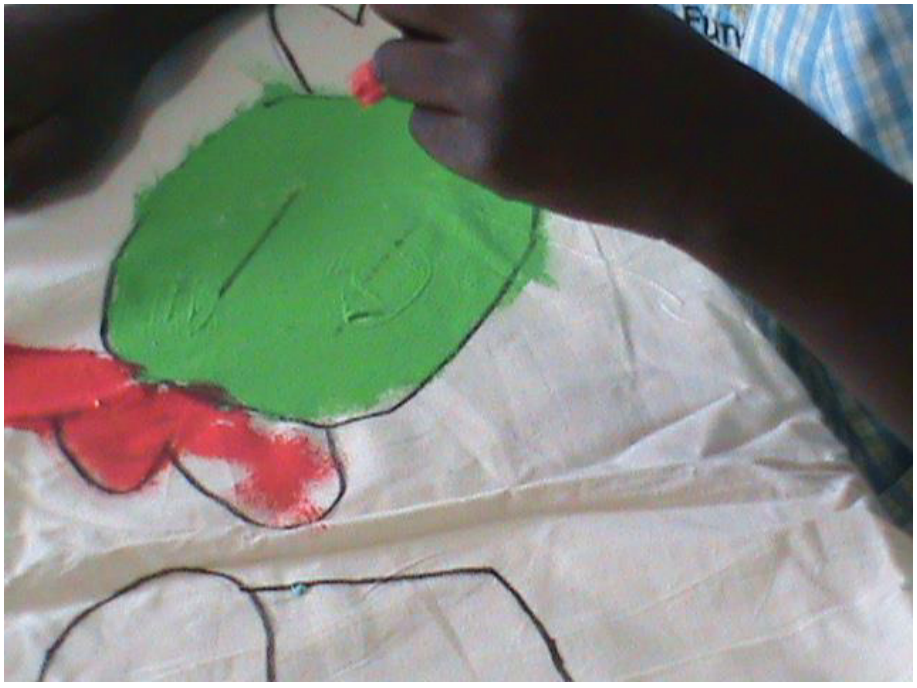
Observação 7 – 17 de Fevereiro



Observação 8 - 10 de Março

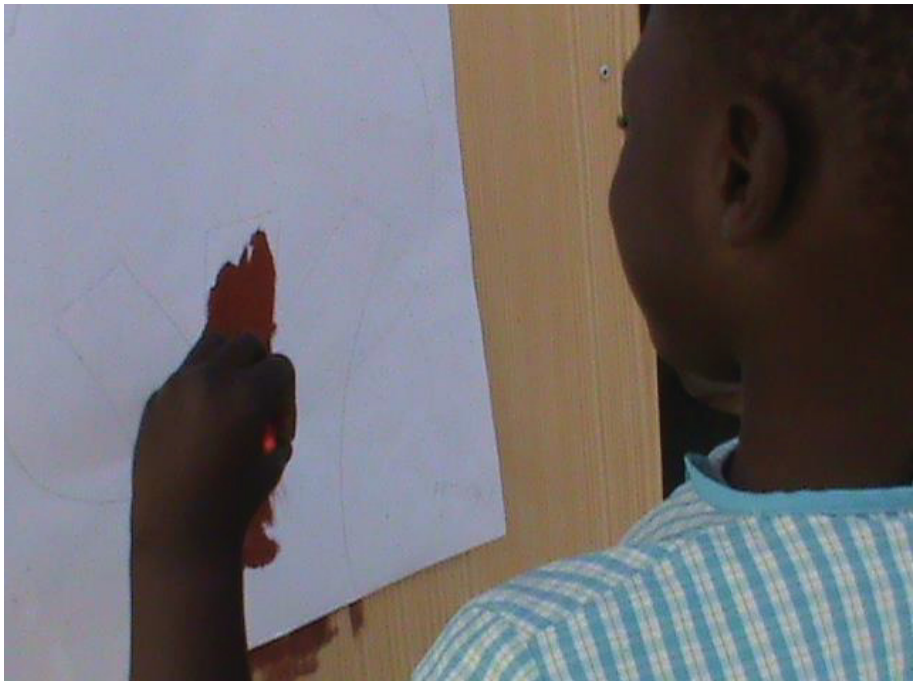






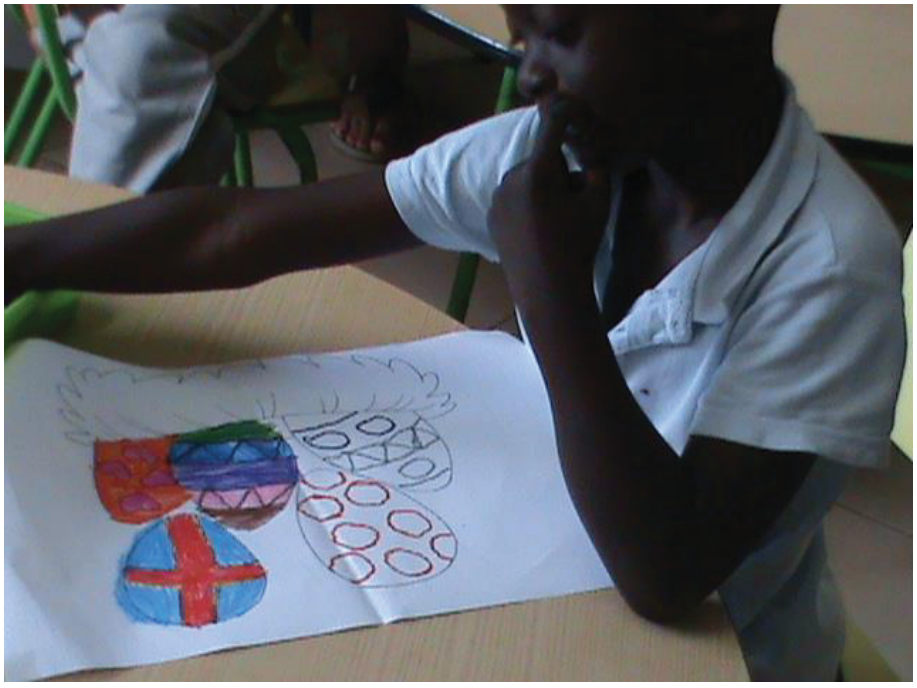
Observação 9 - 20 de Março

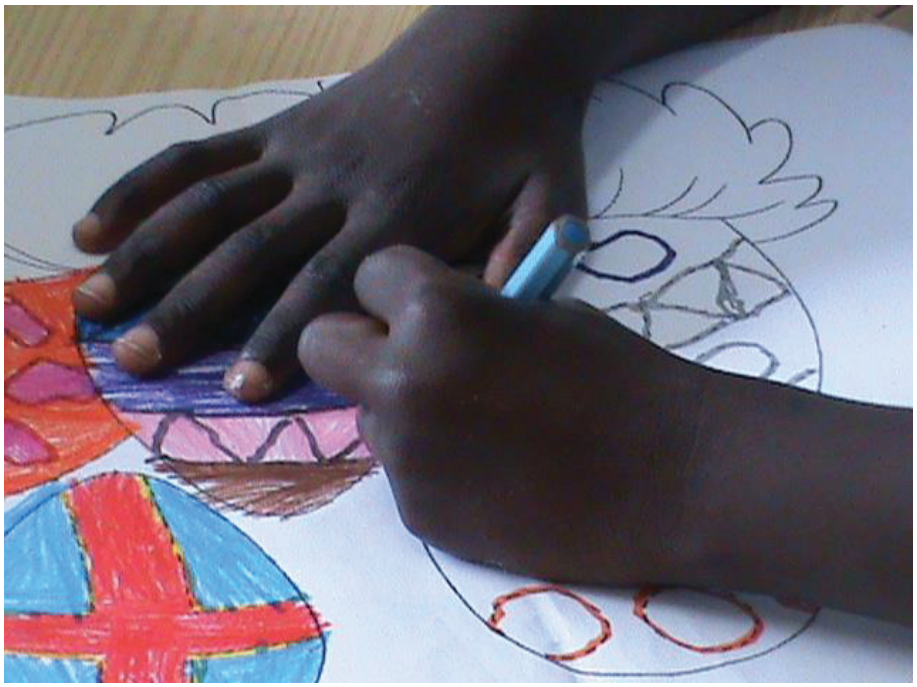
Observação 10 – 21 de Março



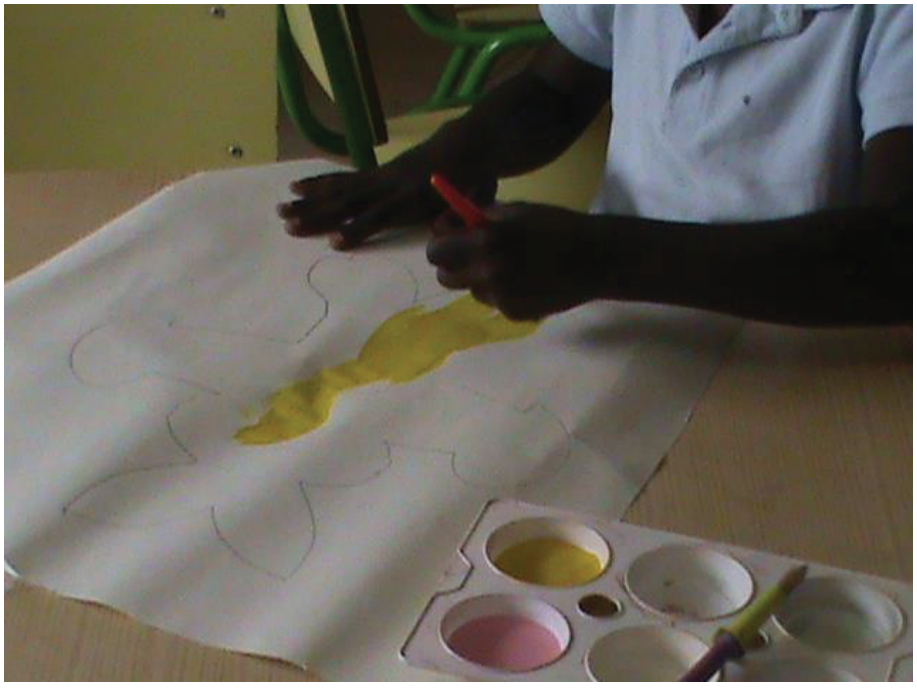
Observação 11 – 24 de Março

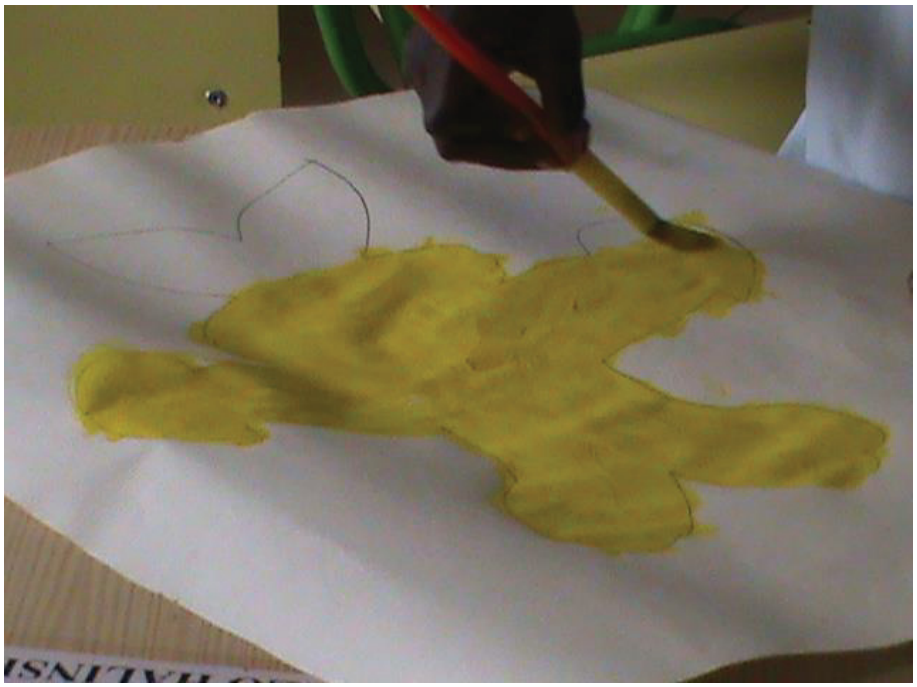
Observação 12 – 7 de Abril

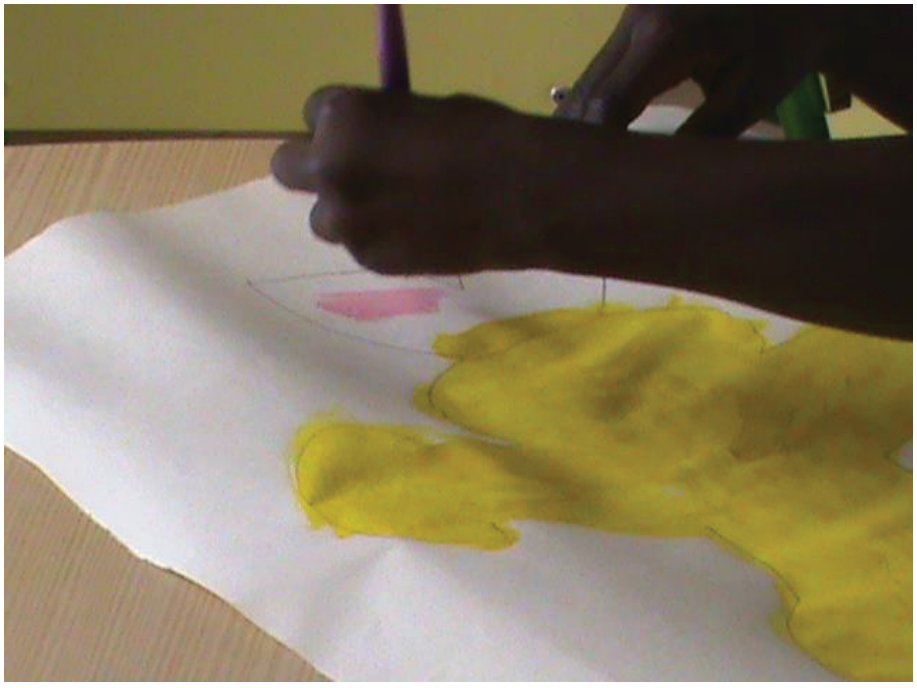




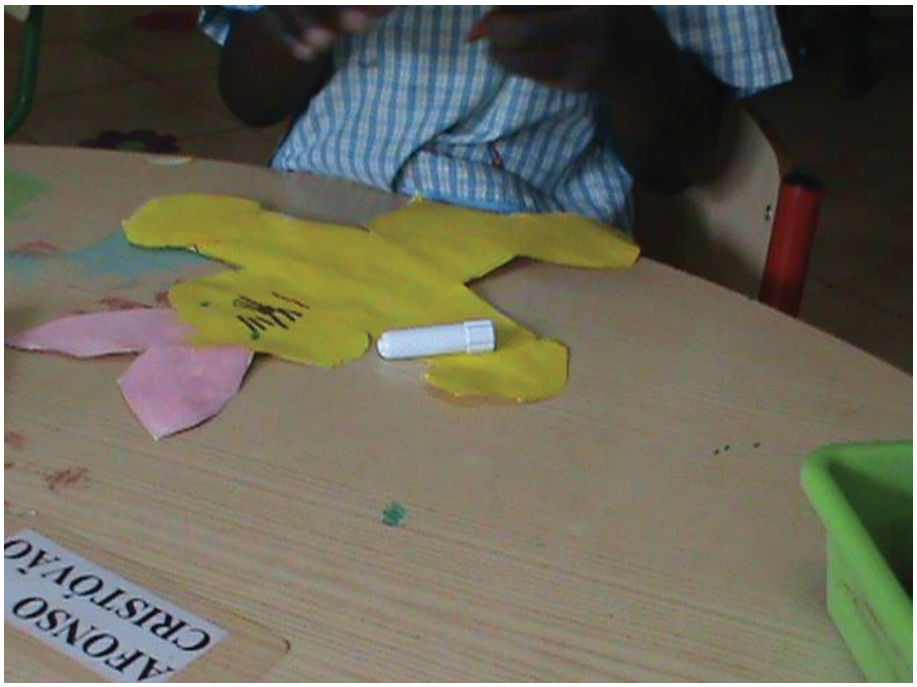
AFONSO
CRISTÓVÃO

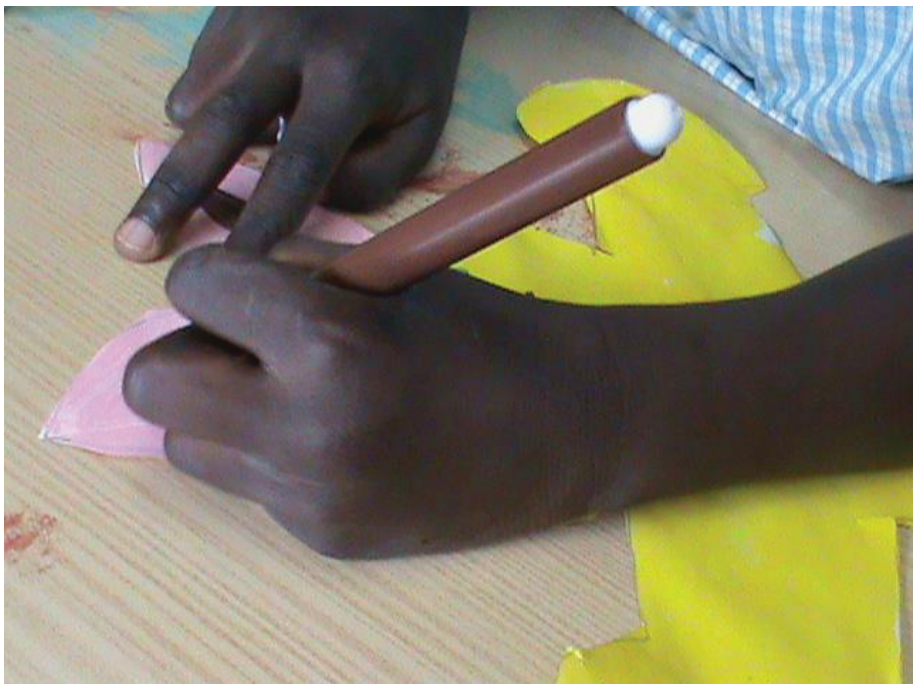






AFONSO
CRISTÓVÃO


AFONSO
CRISTÓVÃO



Observação 13, 14 - 21, 23 de Abril

Observação 15 – 15 de Maio

Anexos

Anexo 1 – Comprovativo do apoio solicitado pelo Encarregado de educação

MINISTÉRIO DA SAÚDE
ARS ALGARVE, I.P.

aces central

Unidade Funcional do Albufeira

ENCAMINHAMENTO
(das UCSP e USF)

Equipa de Intervenção em Infância

Motivo do encaminhamento (*Descrição do quadro clínico/sintomatologia*):

Criança de 23 meses que segundo a Mãe é muito agitada. O vocabulário é ainda reduzido

Não está no infantário passando dia com a Ama.

Principais preocupações da família e dados relevantes da história familiar:

Agitação

Pai -faleceu recentemente

Mãe actualmente sozinha com a criança em Portugal .País de origem -Guiné

Intervenções já realizadas: (*especificar dados relevantes da história clínica, incluindo pedidos de outras consultas de especialidades, exames complementares de diagnóstico, etc.*)

Não refere qualquer problema de saúde.

Quem veio à consulta realizar pedido?	**Relatórios Apresentados**:-

Data: 29/10/2010

O Médico: Margarida Feteira

Dr. Margarida Feteira

M22002

Notas:

- ***A equipa intervêm com crianças dos 0 aos 12 anos de idade, grávidas e puérperas com situações de risco e/ou compromisso de desenvolvimento da saúde mental.***
- ***Não encaminhar crianças em que a problemática seja exclusivamente dificuldades de aprendizagem por défice cognitivo, dislexia, e/ou disortografia; bem como, situações de absentismo ou abandono escolar.***

ANEXO 2 – Avaliação Growingskills

SGS II - ESCALA DE AVALIAÇÃO DAS COMPETÊNCIAS NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL

Folha de Perfil

Nº de Ficha: 29/10

Avalidor: Lonise Serrão / Rita Correia

Profissão: Enfermeira / T.S.S

Data da Avaliação: 13 / 12 / 10 (Dia) (Mês) (Ano)

Local da Avaliação: C.S. Albufeira

Data de Nascimento: 27/11/08 Idade: 2 anos

Assinatura: L Serrão

Recomendo a seguinte acção:

a) Ser visto/a daqui a ☐ meses para uma nova avaliação

☐ meses para uma avaliação de rotina

b) Encaminhar para:

Idade (meses)	Áreas de Competências										Idade (meses)
	Controlo Postural Passivo	Controlo Postural Activo	Locomotoras	Manipulativas	Visuais	Audição e Linguagem	Fala e Linguagem	Interacção Social	Autonomia Pessoal	Cognitivas	
60 meses			20 19	28 27	20	21 20	22 21	24	23 22 21	34 33 32	60 meses
48 meses			18 17	26 25 24	19	19 18	20 19	23	20 19 18	31 30 29 28	48 meses
36 meses			16 15	23 22 21	18 17	17 16	18 17	22 21 20	17 16	27 26 25 24	36 meses
30 meses			14 13	20 19 18	16	15 14	16 15	19 18	15 14	23 22 21 20	30 meses
~~24 meses~~			~~12~~ ~~11~~ 10	~~17~~ ~~16~~ 15	15 (14)	13 12	14 ~~13~~ 12	17 16	13 ~~12~~ (11)	19 ~~18~~ 17 16	~~24 meses~~
18 meses			9 8 7	14 13 12	13	(11) 10	11	15 (14)	10 9 8	15 14 13 12	18 meses
15 meses			6 5	11 (10)	12	9	10 9 (8)	13 12 11	7 6	11 10 9	15 meses
12 meses		12	4 3	9 8	11 10	8 7	7 6	10 9 8	5 4	8 7 6	12 meses
10 meses		11 10	2 1	7	9	6	5	7	3	5 4	10 meses
8 meses		9 8 7		6	8	5	4	6	2	3 2	8 meses
6 meses	9 8 7	6 5 4		5 4	7 6	4 3	3	5 4	1	1	6 meses
3 meses	6 5 4	3		3 2	5 4	2	2	3 2			3 meses
1 mês	3 2 1	2		1	3 2		1	1			1 mês
0 meses		1			1	1					0 meses
Áreas de Competências	Controlo Postural Passivo	Controlo Postural Activo	Locomotoras	Manipulativas	Visuais	Audição e Linguagem	Fala e Linguagem	Interacção Social	Autonomia Pessoal	Cognitivas	
*Qualidade											

*Utilize a letra "Q" para indicar a preocupação com a qualidade do desempenho

cegoc

Autores: Martin Bellman, Sundara Lingam e Anne Aukett
Copyright © 1996 by NFER-NELSON Publishing Company Ltd., UK.
Copyright © 2003 by CEGOC-TEA para tradução e adaptação portuguesa. Tradução e adaptação portuguesa: António Menezes Rocha, Magda Machado e Carla Ferreira.
Edição CEGOC-TEA: Av. António Augusto Aguiar Nº21-2º 1050-012 Lisboa.
ISBN:972-8817-09-6. Depósito Legal: 206581/04
Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução total ou parcial, sob qualquer forma ou meio, nomeadamente fotocópia.
As infracções serão penalizadas nos termos da legislação em vigor. Este exemplar está impresso em tinta negra e azul. Apenas a negro é uma reprodução ilegal. Não a utilize.

Anexo 3 – Timpanograma

ESSUALG

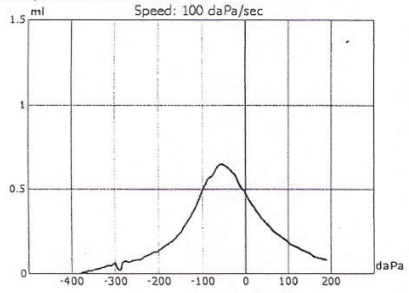
AV. DR. ADELINO PALMA CARLOS

8005-189 FARO

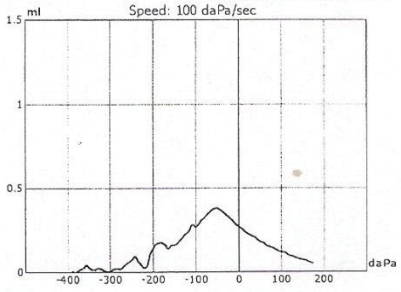
Pa. **2** anni, nato il **27-11-2008** Visita del **04-10-2011**

Timpanometria 226 Hz

Strumento: Amplaid A766



TPP:	-56 daPa
TW:	0.12
Ytm:	0.651 ml
ECV:	0.852 ml
Type:	NC



TPP:	-51 daPa
TW:	0.12
Ytm:	0.383 ml
ECV:	0.6 ml
Type:	NC

DIAGNOSI: Estudo da acuidade auditiva

PRESCR.:

NOTE: Timpanograma tipo C bilateralmente com baixa compliance. Sugere-se consulta ORL para uma avaliação audiológica mais completa.

UNIVERSIDADE DO ALGARVE
ESCOLA SUPERIOR DE SAÚDE

OTO SYNCHRO Pagina 1/1 Data stampa: 15-11-2011, Ore 16:13

Anexo 4 – Avaliação Terapia da Fala

RELATÓRIO DE AVALIAÇÃO EM TERAPIA DA FALA

Nome: _____

D.N.: 27/11/2008 **Idade:** 4A6M

Data da avaliação: 14/05/2013 e 21/05/2013

Dados da anamnese:

O é uma criança do sexo masculino com 4A6M, sinalizado pelo médico de família em outubro de 2010 por apresentar "vocabulário reduzido".

O seu agregado familiar é constituído pela mãe, de 29 anos, 11º ano de escolaridade. O pai faleceu em Agosto de 2010. Ficou aos cuidados da mãe até aos 6 meses.

O parto foi normal, sem ocorrência de complicações pré-natais. Realizou um tímpanograma que detetou baixa compliance bilateralmente.

O foi amamentado até aos 2anos, começou a andar aos doze meses e a produção das primeiras palavras também ocorreu por volta dessa idade, sendo elas "chau", "mamã" e "papá".

Dados da avaliação: O foi avaliado no âmbito de Terapia da Fala nos dias 14 e 21 de maio de 2013, sendo utilizadas as seguintes provas de forma a avaliar a sua linguagem e fala:

- TALC- Teste de Avaliação da Linguagem na Criança (Sua Kay, E. & Tavares, M.D.; 2006);
- Discriminação Auditiva de Pares Mínimos (Guimarães, Grilo; 1997);
- Avaliação do discurso espontâneo; TFF-ALPE – Teste Fonético-Fonológico de Avaliação da Linguagem Pré-Escolar (Mendes, Afonso, Lousada e Andrade; 2009).

Resultados da avaliação da linguagem: Apresenta grandes dificuldades de compreensão (ao nível de uma criança de 2A6M), sendo que a expressão se encontra ajustada à sua faixa etária.

Ao nível da compreensão, na componente semântica apresenta dificuldades nos conceitos de antonímia e nas relações semânticas com 3 palavras de conteúdo (nomeadamente nas de tipo "objecto-Locução Prepositiva-Local" ou "Agente-ação-objeto"). Ao nível da morfossintaxe apresenta dificuldades na compreensão de frases complexas relativas e passivas.

Ao nível da expressão, na semântica apresenta dificuldades nos conceitos de antonímia; na componente morfossintática apresenta dificuldades nos plurais irregulares, na utilização de preposições, na flexão verbal (futuro e pretérito perfeito), omite alguns constituintes da frase (artigos, preposições) e não produz frases complexas; na componente pragmática apresenta dificuldades em utilizar algumas das funções comunicativas (pessoal, instrumental).

Resultados da avaliação da fala: Apresenta alguns processos fonológicos não esperados para a sua faixa etária como Palatização (substituição do fonema /ʃ/ por /s/), Despalatização (substituição do fonema /s/ por /ʃ/ e do fonema /ʒ/ por /z/), e omissão da sílaba átona pré-tónica. Todos estes processos ocorrem de forma inconsistente.

O apresenta ainda alterações na discriminação auditiva, ao nível do vozeamento, postura e modo, o que pode ser derivado da dificuldade auditiva que apresenta.

Diagnóstico Terapêutico: Atraso do Desenvolvimento da Linguagem

Conclusão: Atendendo às dificuldades que apresenta, nomeadamente ao nível da compreensão, é necessária uma intervenção em Terapia da Fala.

A estagiária de Terapia da Fala, **Sara Paulino**

Albufeira, 2 de junho de 2013

Anexo 5 – Plano Individual de Intervenção Precoce

PLANO INDIVIDUAL DE INTERVENÇÃO PRECOCE

PIIP

Nome da Criança:

Proc Nº: ABF 29/2010

Nome do Pai/Mãe/Rep. Legal

Contactos

Equipa Local de Intervenção (ELI) ELI de Loulé
Coordenador da ELI
Morada
Contactos
Responsável de Caso
Contactos 289 598400

Data do início do PIIP Maio/2013

Datas Previstas para a Avaliação

1. IDENTIFICAÇÃO DOS ELEMENTOS ENVOLVIDOS NO PIIP

Nome	Actividade/Função/Outro	Serviço a que pertence	Contacto
	Terapeuta da Fala	CS Albufeira	289 598400
	Psicóloga	CS Albufeira	289 598400
	Docente de IP	CS Albufeira	289 598400
	Mãe		916650502

ELI LOULÉ
SEDE: Centro de Saúde de Loulé
Avenida Laginha Serafim, Sítio da Farfa 8100-242 LOULÉ
Tel. 289 401 000 Fax: 289 401 005 Email: eliloule@acesscentral.min-saude.pt

2. REGISTO DOS ENCONTROS/REUNIÕES DA FAMÍLIA COM OS TÉCNICOS

Quem esteve presente	Motivo	Local	Data
Mãe, Enfermeira	Acolhimento	CS Albufeira	17/11/10
Mãe, , Assistente Social, Enfermeira	Growing Skills	CS Albufeira	13/12/10
Mãe, Educadora Patrícia (Buzio)	Inicio frequentar do Jardim de Infância	JI Búzio	02/04/11
Mãe, , psicologia	Observação, avaliação e intervenção à mãe em Psicologia	CS Albufeira	04/04/11 até 11/07/11
Mãe, , LAFT	Timpanograma com resultado de Tipo C, necessita repetir após 6 meses	LAFT	04/10/11
Estagiaria psicologia,	Observação em Jardim de Infância	JI Búzio	2/05/12
Mãe, , Terapeuta da Fala	Avaliação terapia da fala, intervenção 1x semana	CS Albufeira	25/06/12

3. COM QUEM VIVE O [redacted]

Nome	Parentesco	Idade	Observações
	Mãe		

4. PESSOAS COM AS QUAIS A FAMÍLIA PODE CONTAR

Identificação	Contacto

5. SERVIÇOS COM OS QUAIS A FAMÍLIA PODE CONTAR

Identificação	Contacto
Centro de saúde de Albufeira	289598400
Jl dos Piratas – educadora Cristina	289599599
Hospital de Faro - ORL	

6. A FAMÍLIA DO [redacted] (Necessidades/Prioridades da Família)

Preocupa-se	É capaz de resolver	Precisa de ajuda	Data

7. O [redacted]

Gosta de....	Onde	Quando	Com quem	Data

O [redacted]

Domínio	Consegue	Tem dificuldades	Data
Cognição			
		A pedido encontrar um livro específico;	
		Colocar 3 peças geométricas num tabuleiro de encaixe;	
		Noções "dentro de", "debaixo de ", "em cima de ";	

		Juntar formas geométricas ás imagens que as representam;	
		Empilhar por ordem cinco argolas de uma pirâmide de argolas;	
		Completar de uma só vez um puzzle de 6 peças (sem tentativa e erro);	
		Desenhar um quadrado por imitação;	
		A pedido, apontar 10 partes do corpo	
		Obedecer a uma serie de 2 ordens relacionadas	
		Executar uma serie de 2 ordens não relacionadas	
Comunicação/linguagem			
		Actuar em resposta a palavras de acção;	
		Responder apropriadamente ao uso de adjetivos comuns (cansado...);	
		Apontar ou nomear objetos ou animais pelo som que produzem;	
		Apontar a imagem de um objeto comum descrito pelo uso;	
		Dizer o seu sexo quando se lhe pergunta;	
		Empregar forma regular dos verbos no plural;	
		Empregar forma irregular dos verbos no passado;	
		Controla o volume da voz em 90% das vezes;	
		Empregar "este", "esta", e ou "aquele", "aquela" ;	
		Empregar os artigos "o", "a", "um", "uma";	
		Usar frases de 4 palavras;	
		Cumprimentar adultos conhecidos	

		sem que se lhe lembre;	
		Dizer " faz favor" e "obrigado" em 50% das vezes sem que se lhe lembrem;	
		Prestar atenção a uma história durante 5 minutos;	
		Nomear as formas geométricas;	
		Dizer o nome completo quando se lho pede;	
		Responder a perguntas simples "Como";	
		Empregar verbos regulares no tempo verbal passado;	
		Fala sobre o que esta a realizar;	
Domínio	**Consegue**	**Tem dificuldades**	**Data**
Autonomia			
		Evitar acidentes com esquinas de móveis, escadas sem protecção	
		Saber qual é frente da roupa	
		Vestir camisolas, fechos e botões sozinho em 75% das vezes	
Socialização			
		Obedecer ao adulto 50% das vezes	
		Cumprimentar adultos conhecidos sem que se lhe lembre	
		Seguir as ordens de um jogo em grupo dirigido por um adulto	
		Pedir autorização para mexer num brinquedo com que outra criança esta a brincar	
		Dizer "faz favor" e "obrigada" em 50% sem que lhe lembrem	
		Esperar pela sua vez	

OUTROS DADOS RELATIVOS À SAÚDE DO [redacted]

Ver	
Ouvir	O seu último timpanograma mostra uma alteração na audição, embora medico tenha sugerido muita praia para esta ser ultrapassada. Repetir exame em Maio/2013
Outros	

ELI LOULÉ
SEDE: Centro de Saúde de Loulé
Avenida Laginha Serafim, Sítio da Fatfá, 8100-242 LOULÉ
Tel. 289 401 000 Fax. 289 401 005 Email: eliloule@acescentral.mb-saude.pt

Sistema Nacional de Intervenção Precoce na Infância

9. OBJECTIVOS DO PIIP DO [redacted] Data: 28 de Maio de 2013

O que queremos atingir (objectivos)	Quem faz (fontes de apoio)	Como faz (estratégia)	Quando pensamos atingir	Avaliação com a família	
				Data	Nível de satisfação
O [redacted] deverá juntar as formas geométricas (triangulo, circulo, quadrado) ás imagens que as representam;	Escola, Educadora de IP, Mãe		Dezembro/13		
O [redacted] deverá nomear as formas geométricas (triangulo, circulo, quadrado);	Escola, Educadora de IP, Mãe, Terapeuta da Fala		Dezembro/13		
O [redacted] deverá conseguir realizar de uma só vez um puzzle de 6 peças (sem tentativa e erro);	Escola, Educadora de IP, Mãe, Terapeuta da Fala		Dezembro/13		
O [redacted] deverá a pedido, apontar 10 partes do corpo;	Escola, Educadora de IP, Mãe		Dezembro/13		
O [redacted] deverá obedecer a uma serie de 2 ordens relacionadas relacionada com as situações escolares e de casa;	Escola, Educadora de IP, Mãe, Terapeuta da Fala		Dezembro/13		
O [redacted] deverá nomear objetos, animais, acções realização de actividades lúdicas escolares	Escola, Educadora de IP, Mãe, Terapeuta da Fala		Dezembro/13		
O [redacted] deverá usar os artigos "o", "a", "um", "uma"nas atividades escolares;	Escola, Educadora de IP, Mãe, terapeuta da Fala		Dezembro/13		

Sistema Nacional de Intervenção Precoce na Infância

O [redacted] deverá usar frases com mais de 4 palavras;	Escola, Educadora de IP, Mãe, Terapeuta da Fala		Dezembro/13		
O [redacted] deverá pedir autorização para mexer num brinquedo com que outra criança esta a brincar;	Escola, Educadora de IP, Mãe		Dezembro/13		
O [redacted] deverá conseguir prestar atenção a uma história durante 5 minutos e ir aumentando todas as semanas 5 minutos;	Escola, Educadora de IP, Mãe		Dezembro/13		
O [redacted] deverá conseguir controlar os seus impulsos de forma a se colocar em segurança na escola e em casa;	Escola, Educadora de IP, Mãe, Terapeuta da Fala		Dezembro/13		

Níveis de avaliação: NA - Deixou de ser objectivo/necessidade 1- Objectivo não atingido 2 - Mantém-se o objectivo 3- Objectivo foi atingido mas não de acordo com a satisfação da família
4 – Objectivo parcialmente atingido 5- Objectivo atingido de acordo com a satisfação da família